

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

Victor Fontolan Procópio

**O Papel da *Alt-Right* na Ascensão dos Movimentos de Extrema-direita no  
Brasil**

São Carlos  
2025

Victor Fontolan Procópio

**O Papel da Alt-Right na Ascensão dos Movimentos de Extrema-direita no  
Brasil**

Dissertação de Mestrado apresentada  
como requisito para a obtenção de título de  
Mestre em Ciência Política pelo Programa  
de Pós-Graduação em Ciência Política da  
Universidade Federal de São Carlos

Local, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

Orientador: Thales Haddad de Andrade

São Carlos – SP

Outubro de 2025



# UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Ciência Política

## COMPROVANTE DE DEFESA

A Comissão de Pós-Graduação do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, da Universidade Federal de São Carlos, declara, por meio deste, a realização da seguinte Defesa de Mestrado:

**Candidato: Victor Fontolan Procopio**

**Título do Trabalho: O Papel da Alt-Right Estadunidense na Ascensão dos Movimentos de Extrema-direita no Brasil**

**Dia: 24/02/2026**

**Horário: 09:00**

**Local: Presencial com apresentação a distância**

### Banca Examinadora:

Thales Haddad Novaes de Andrade, presidente titular interno, UFSCar - Universidade Federal de São Carlos, presencialmente, Aprovou o candidato

Gabriel Ávila Casalecchi, membro titular interno, UFSCar - Universidade Federal de São Carlos, presencialmente, Aprovou o candidato

Antonio Ribeiro de Almeida Junior, membro titular externo, USP - Universidade de São Paulo, a distância, Aprovou o candidato

**Resultado Final: Aprovado**

**Título Definitivo do Trabalho: O Papel da Alt-Right Estadunidense na Ascensão dos Movimentos de Extrema-direita no Brasil**

**Obs: o resultado da defesa ainda não foi homologado pela CPG do PPG.**

**O(a) candidato(a) só fará jus ao título de mestre(a)/doutor(a), quando o diploma estiver em fase de emissão. O documento apto para comprovar a obtenção de título acadêmico é o Diploma ou o Certificado de Conclusão de Curso (enquanto o diploma estiver em fase de emissão).**

**ATENÇÃO** Este é um documento oficial da Pró-Reitoria de pós-graduação da UFSCar e está isento de carimbo e assinatura.

|                                       |                                                                                                                                                                                                                                                     |
|---------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Código:<br><b>4600-JGM5-G08U-9FOI</b> | Documento emitido às 14:05 horas do dia 16/03/2026 (hora e data de Brasília)<br>A autenticidade pode ser verificada em: <a href="http://propgweb.ufscar.br/ProPGWeb/ValidarDocumento.do">http://propgweb.ufscar.br/ProPGWeb/ValidarDocumento.do</a> |
|---------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

## Agradecimentos

Agradeço aos meus professores e colegas por me ajudarem a desenvolver este trabalho, e principalmente aos meus pais por me possibilitarem chegar aonde cheguei.

## Resumo

Na década de 2010 houve uma ascensão nos movimentos de extrema-direita no Brasil e nos EUA, sendo um dos mais notórios a *Alt-Right*. Um movimento novo e essencialmente digital e que reuniu uma infinidade de ideologias de extrema-direita ao seu redor. Os movimentos de extrema-direita no Brasil tiveram sua ressurgência no mesmo período e eram semelhantemente digitais, além de replicarem muitas táticas características da *Alt-Right*. Consequentemente, a pergunta “como a *Alt-Right* influenciou a ascensão dos movimentos de extrema-direita brasileiros?” se torna incontornável aos fins propostos para o presente trabalho. O objetivo é analisar e descrever ambos os movimentos a fim de determinar como essa influência ocorreu e para tal objetivo utilizará a abordagem qualitativa em seus métodos, para analisar essas semelhanças entre os movimentos e seus significados políticos.

Palavras-Chave: *Alt-Right*; Movimentos de Extrema-Direita brasileiros; Ideologia; Tradicionalismo; Internet

## Abstract

In the 2010s there was a rise of far-right movements in both Brasil and United States, one of the most notorious being the Alt-Right. It was a new and essentially digital movement that brought together an infinity of far-right ideologies around itself. Brazilian far-right movements had their resurgence in the same period and were similarly digital besides replicating many characteristic tactics of the Alt-Right. Therefore, our question “how did the Alt-Right influenced brazilian far-right movements?” becomes inevitable to the goals proposed in this work. Our goal is analyse and describe both movements in order to determine how this influence occurred, and to this end we will use the qualitative approach in its methods, to analyze these similarities between the movements and their political meanings.

Key-words: Alt-Right; Brazilian Far-right movements; Ideology; Traditionalism; Internet

# Sumário

|       |                                                                         |     |
|-------|-------------------------------------------------------------------------|-----|
| 1.    | Introdução .....                                                        | 6   |
| 1.1.  | Questão de Pesquisa .....                                               | 6   |
| 1.2   | Métodos, materiais e objetivos de pesquisa. ....                        | 13  |
| 1.2.1 | Objetivos de Pesquisa .....                                             | 13  |
| 1.2.2 | Materiais e Métodos.....                                                | 15  |
| 2.    | <i>Alt-Right</i> .....                                                  | 19  |
| 2.1.  | Introdução .....                                                        | 19  |
| 2.2.  | Contexto: Neoliberalismo e as Promessas Não Cumpridas da internet<br>22 |     |
| 2.3.  | Alt-Light: Maquiando a Intolerância.....                                | 30  |
| 2.4.  | Steve Bannon vai à Casa Branca .....                                    | 35  |
| 2.5.  | Ideologicamente falando .....                                           | 38  |
| 2.6.  | Táticas da <i>Alt-Right</i> na Internet.....                            | 52  |
| 3.    | Movimentos de Extrema-Direita Brasileiros .....                         | 55  |
| 3.1.  | Introdução .....                                                        | 55  |
| 3.2.  | Contexto.....                                                           | 59  |
| 3.3.  | Olavo vai para o <i>mainstream</i> .....                                | 64  |
| 3.4.  | Ideologicamente falando .....                                           | 67  |
| 3.5.  | Táticas da extrema-direita brasileira na Internet .....                 | 78  |
| 3.6.  | . Brasil Paralelo e Jovem Pan: <i>Alt-Light</i> à Brasileira? .....     | 81  |
| 4.    | Olavo de Carvalho e Steve Bannon: estranha semelhança .....             | 87  |
| 5.    | Brasil e Estados Unidos: algumas ressalvas.....                         | 100 |
| 6.    | Considerações finais .....                                              | 113 |
| 7.    | Referências .....                                                       | 123 |

# 1. Introdução

## 1.1. Questão de Pesquisa

A década de 2010 fora marcada por um ressurgimento dos movimentos de extrema-direita em todo o mundo, com neofascistas no parlamento italiano, neonazistas no alemão, uma guinada do nacionalismo na Escandinávia, o Brtrumpismo, o *Brexit* e regimes de cunho autoritário já em formação na Turquia e no Leste Europeu (Brown, 2019) e também no Brasil, representada na eleição de Jair Messias Bolsonaro em 2018. Esse ressurgimento acarretou na difusão de velhos medos e preconceitos em muitas dessas populações, como também a prática de atentados terroristas, divulgação em massa de *Fake News* e teorias da conspiração e de tentativas de rompimento do estado democrático de direito em alguns países. As mais notórias destas tentativas fora a Invasão do capitólio nos Estados Unidos no dia 6 de janeiro de 2021<sup>1</sup>, a Invasão da Praça dos 3 poderes no dia 8 de Janeiro de 2023<sup>2</sup>.

A escolha destes eventos pode parecer óbvia em um primeiro momento, dada as semelhanças entre os comportamentos de Jair Bolsonaro e Donald Trump – os dois maiores beneficiados casos as tentativas de golpe tivessem sido bem-sucedidas –, todavia, isso não a isenta da necessidade de explicação. Além das semelhanças pessoais e discursivas de ambos os indivíduos e da sua supostamente recíproca aproximação, existem também grupos e movimentos ideologicamente semelhantes e anteriores à sua chegada ao poder e que trazem discussões mas complexas do apenas uma aproximação geopolítica, e são estas que serão discutidas adiante.

Portanto, ao considerar essas aparentes semelhanças e aproximações, o principal objetivo deste trabalho é averiguar se houve algum tipo de influência dos movimentos de extrema-direita estadunidenses nos movimentos brasileiros. É preciso destacar, entretanto, que não se pretende aqui fazer uma análise ampla em relação a essas duas correntes, visto que não teria tempo e nem

---

<sup>1</sup> <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/01/06/manifestantes-pro-trump-invadem-congresso-americano.ghtml>

<sup>2</sup> <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/01/08/bolsonaristas-congresso-policia.html>



bibliografia o suficiente para concluir tamanha tarefa de forma satisfatória, o que pretendemos aqui é fazer um recorte dentro dessas duas correntes: em relação aos estadunidenses o movimento escolhido foi a *Alt-Right*, devido tanto ao seu apoio à Donald Trump, quanto em sua influência em movimentos posteriores de mesmo cunho; em relação ao caso brasileiro, a análise se concentrará nos movimentos de extrema-direita que tiveram seus embriões gerados em 2013, atingiram um alto grau de desenvolvimento no segundo mandato de Dilma Rousseff como é o caso do Olavismo, do que posteriormente ficara conhecido como Bolsonarismo e em uma menor escala da Nova Direita, e tem seu ápice na eleição de Jair Bolsonaro em 2018. Ainda que esses dois recortes quando comparados possam soar como desbalanceados, quando analisados de forma detalhada, ao analisa-los entendemos que ambos os representam movimentos que surgem pulverizados e que se reúnem ao redor de um ponto em comum, ainda que no caso da *Alt-Right* isso ocorra previamente aos movimentos brasileiros que só vão se unificar e se tornar forças hegemônicas no país no pré-eleição de 2018, antes disso a força hegemônica estava em movimentos anticorrupção e no antipetismo.

Todavia, antes de adentrarmos nos pormenores destes grupos e movimentos, é preciso que nós retrocedamos alguns passos e expliquemos alguns conceitos necessários para que nossa discussão possa ser bem-sucedida. Tanto Nagle (2017) quanto Prado (2023), notam a importância das estratégias dos movimentos autoritários – A Direita Alternativa em Nagle e em movimentos como o olavismo e o bolsonarismo em Prado – para levar seus interesses e ideais para o debate público de forma que aparentassem representar os interesses de toda a sua população. E Nagle, vai ainda mais adiante ao notar a estratégia gramsciana – representada principalmente pela *Alt-Light* – que a Direita Alternativa se utilizou para se tornar uma presença relevante dentro do *Mainstream* político estadunidense. Essa estratégia também pode ser encontrada – em uma escala consideravelmente menor – em algumas vertentes de movimentos de extrema-direita brasileiros encontrados no mesmo período. Por essas razões é necessário não apenas a discussão do conceito de ideologia, mas a discussão deste sob a visão Gramsciana.

Segundo Gramsci a ideologia é

“(...)uma concepção de mundo, que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações da vida individual e coletiva” (GRAMSCI, 1978, p.98-99)

Portanto, ela está concomitantemente ligada aos valores individuais e coletivos dos indivíduos. A ideologia estaria, portanto, intrinsecamente ligada às relações de classe, podendo ser entendida como uma relação de poder (Perusi, 2015). Dessa maneira, a ideologia seria um meio das classes dominantes de assegurarem seu poder e das classes dominadas de compreenderem sua realidade (Perusi, 2015)

Juntamente desta definição, existem ideologias que são essenciais para seu funcionamento e que estariam ligadas a determinadas classes sociais, que Gramsci vai chamar de “Ideologias Orgânicas”. Essa relação a princípio irá ocorrer apenas no âmbito econômico e posteriormente se propaga ao resto da sociedade juntamente com a hegemonia da classe dominante. Esta irá criar seus próprios intelectuais, que irão se especializar nos diversos aspectos de sua ideologia - agora dominante. Os diferentes ramos da ideologia, ainda que possam aparentar uma possível independência, ainda fazem parte de um mesmo bloco: a visão de mundo da classe dominante (Portelli, 1991)

Consequentemente, a ideologia (seja ela da classe dominante ou não), inicialmente não é hegemônica na sociedade, e para que venha a se tornar “senso comum” – que neste caso seria uma mescla da ideologia da classe dominante e das diversas ideologias tradicionais – é necessário que ela se espalhe por todas as camadas sociais.

E para se espalhar por todas as camadas sociais é preciso não apenas a criação de uma série de preceitos e considerar que isso seria o bastante para se tornar uma ideologia, mas trazer consigo uma interpretação característica da história e introduzir uma nova linguagem ligada à realidade do grupo social em ascensão (Brandão; Dias, 2007), contribuindo tanto para o entendimento deste

em relação à si mesmo quanto para seu entendimento das situações políticas ao seu redor.

“Na realidade, toda corrente cultural cria uma linguagem sua, isto é, participa no desenvolvimento geral de uma determinada língua, introduzindo termos novos, enriquecendo com conteúdo novo termos já em uso, criando metáforas, servindo de nomes históricos para facilitar a compreensão e o juízo sobre determinadas situações políticas” (GRAMSCI, 1980 p. 170).

Dessa maneira, a ideologia, estaria diretamente relacionada à Sociedade Civil, que além de ser o contraponto da Sociedade Política, pode ser entendida a partir de três óticas complementares: como uma visão de mundo entrelaçada em todas as classes sociais com objetivo de colocá-las sob o domínio das classes dominantes; como a direção ideológica da sociedade e por fim como a ideologia propriamente dita da classe dominante (Portelli, 1991).

Robert Dahl em seu livro “Sobre a Democracia” (2001) além de trazer um panorama histórico do surgimento da democracia e como ela se desenvolveu desde seu surgimento desde as pólis gregas até os dias atuais, também estabelece as condições e necessidades para seu surgimento e seu pleno funcionamento. No capítulo 4 de seu livro - sabiamente nomeado de “O que é democracia” -, Dahl, nos traz uma situação hipotética em que um grupo de pessoas precisa se reunir e pensar em uma constituição que seja justa para todos. Essa associação, posteriormente, chega à conclusão que o melhor sistema para todos seria a democracia, e é a partir daí que começam as dificuldades, sendo apenas alguns exemplos: de que forma os seus membros irão participar, como ocorrerá essa participação, como evitar que apenas um grupo de pessoas seja ouvida, como garantir uma igualdade de votos, como essas decisões serão tomadas, etc. A partir deste exercício teórico, Dahl chega em duas conclusões importantes: a primeira é que um dos princípios fundamentais para o funcionamento da democracia é a igualdade política e a

consideração de cinco critérios que um governo teria de seguir para atingir esse objetivo. Segundo Dahl(2001) estes critérios seriam:

- Participação Efetiva: Todos os membros devem ter oportunidades iguais de fazerem os outros membros conhecerem suas visões
- Igualdade de votos: todos devem ter a oportunidade de votar e todos os votos devem ser contados igualmente
- Entendimento esclarecido: cada membro deve ter as mesmas oportunidades de entender sobre as alternativas políticas alternativas e as possíveis consequências que estas podem trazer
- Controle do programa de planejamento: os membros devem possuir o controle de decidir quais ações devem ser colocadas no planejamento.
- Inclusão dos adultos: o que pode variar entre todos ou ao menos a maior parte dos adultos

Cada um desses critérios poderia gerar seus próprios trabalhos, com níveis de detalhamento muito melhores do que se pretende aqui, entretanto, sua explicitação nos garante a demonstração sobre quão distante da democracia os movimentos, que serão posteriormente discutidos, estão da democracia como um todo. Para citarmos apenas um exemplo: alguns grupos da *Alt-Right* são abertamente nacionalistas e/ou supremacistas brancos, o que iria contra ao menos três dos cinco critérios, inviabilizando desta maneira a democracia como um todo, uma vez que não permitiria a igualdade política entre seus membros.

Na verdade, os ideais da *Alt-Right* e dos movimentos de extrema-direita brasileiros - como será visto mais adiante - ao privilegiar certos grupos em detrimento de outros, passam a concentrar o poder sob uma pequena minoria, sendo justamente o que Dahl pretendia evitar ao propor esses critérios:

“Por exemplo, se alguns membros recebem maiores oportunidades do que outros para expressar seus pontos de vista, é provável que suas políticas prevaleçam. No caso extremo, restringindo as oportunidades de discutir as propostas constantes no programa, uma pequena minoria

poderá realmente determinar as políticas da associação.” (Dahl, 2001, p. 50-51)

A escolha de utilizar Dahl e Gramsci pode soar um pouco incomum, principalmente devido às diferenças presentes em suas ideologias, entretanto, quando analisamos os papéis que a mobilização de seus conceitos – a ideologia sob a visão de Gramsci nos serve para entender como esses movimentos de extrema-direita operam dentro de seu núcleo ideológico e como eles conseguem se espalhar diante à sociedade. Já a democracia sob a visão de Dahl nos serve para o entendimento sobre como estes movimentos são antidemocráticos e nos permite fazer uma análise sobre como suas características afetam a democracia – representam no presente trabalho, podemos notar a necessidade do encaixe de ambos os conceitos para um eventual entendimento dos movimentos que aqui se pretende estudar. Leitores mais críticos poderiam questionar quais razões para a não utilização de um conceito marxista de democracia, devido à natureza do nosso entendimento de ideologia, e a razão para tal é que trazer uma discussão (ainda mais) marxista poderia facilmente borrar ou mesmo ofuscar as discussões que este trabalho se propõe a fazer, além de possibilitar o surgimento de eventuais dúvidas que a bibliografia a ser utilizada não poderia (e nem se propõe) responder.

Dentre os diversos movimentos autoritários de extrema-direita surgidos no período, um dos mais notórios é *Alt-Right* (diminutivo para Alternative Right, ou Direita Alternativa) um movimento estadunidense de extrema-direita, que conseguiu colocar sob sua órbita diversos outros movimentos e ideologias pertencentes ao mesmo espectro. Dentre os grupos podemos citar neonazistas, nacionalistas brancos, *Incel*s, libertários econômicos e *trolls* de internet, em relação à suas ideologias podemos citar: antigualitarismo, importância exagerada à ideia de raça, ultranacionalismo, uma obsessão cultural baseada na ideia do desaparecimento dos valores ocidentais; contrariedade tanto aos conservadores quanto aos liberais, contrariedade ao feminismo e à imigração, criação de inimigos em comum, contrariedade ao politicamente correto.

Em relação à *Alt-Right* é necessária a pontuação de duas peculiaridades importantes: seu contexto de surgimento e sua relação intrínseca com a cultura estadunidense. Em relação à primeira particularidade, é importante notar que mesmo que o movimento não estivesse imune a influências ideológicas externas – como é o caso da Nova Direita Francesa – ele ainda surge em um momento específico dos EUA, em que uma cultura de esquerda liberal possuía um papel importante dentro do *mainstream* cultural estadunidense, principalmente em redes sociais como o Tumblr e em setores do X (antigo *Twitter*). Sobre a segunda particularidade, parte considerável do arcabouço ideológico da Direita Alternativa é composto por ideologias comumente associadas aos EUA, como seu ultranacionalismo, sua obsessão com o que eles entendem por liberdade, sua demasiada importância à liberdade de expressão ou mesmo seus temores em relação à tudo que não se assemelhe com o cidadão branco médio estadunidense.

No caso dos movimentos de extrema-direita brasileiros essas características – ainda que por motivos consideravelmente distintos – também aparecem, porém, são complementadas por uma característica típica do Brasil na última década: o antipetismo. Segundo Miguel (2021), a extrema-direita brasileira se divide em três eixos intercambiáveis: um libertarianismo econômico, um anticomunismo e um fanatismo religioso, todas essas características além de serem perpassadas pelo antipetismo, também quando combinadas podem nos levar a argumentos semelhantes aos argumentos da Direita Alternativa. A contrariedade aos políticos tradicionais, criação de inimigos em comum, reaproveitamento de velhos medos e preconceitos, ideia de que haveria tentativa de apagamento de valores tradicionais do país, desprezo ao politicamente correto e ultranacionalismo, são características em comum de ambos os movimentos, mas que no caso brasileiro podem ser entendidas como decorrentes dos três eixos desenhados por Miguel.

Considerando as características descritas nos parágrafos acima, é pouco surpreendente a necessidade de retomar o conceito de democracia. Entretanto, esse conceito sozinho não poderia responder todas as problemáticas que elas trazem, logo, torna-se necessário também entender quem são os indivíduos que adentram esses movimentos e como estes foram capazes de serem gerados

dentro do bojo da própria democracia liberal. E para se chegar nesse resultado, pretende-se trazer uma análise enxuta, de forma a não nos desviar de nosso tema, sobre o neoliberalismo e suas consequências para a sociedade, como isto estaria relacionado com a ascensão dos movimentos autoritários de extrema-direita.

Após a mobilização inicial – que será retomada posteriormente – destes conceitos e autores, já é possível delimitarmos aqui nossa pergunta de pesquisa: Como a *Alt-Right* influenciou os movimentos de extrema-direita brasileiros do mesmo período?

Ressalta-se de que “influência” neste caso não se entende por uma visão exagerada de um suposto desbalanço de poder, em que um ator extremamente fraco copiaria e aplicaria cegamente ideologias e culturas de um ator extremamente forte, sem questionar sua aplicabilidade e viabilidade em seu próprio território. Mas uma influência baseada em um entendimento da necessidade de adaptação de ideologias, conceitos e culturas do ator mais poderoso para a realidade nacional do ator com menores poderes.

As razões para essa possível comparação entres esses dois movimentos tornam-se clara quando se olha atentamente para os argumentos descritos acima, mas para evitar dúvidas ou mal-entendidos posteriores – ainda que se arrisque uma redundância – podemos ressaltar uma última vez as semelhanças dos movimentos: ambos surgem em um momento de empobrecimento monetário de sua população, foram responsáveis por delimitar o caminho para a eleição de líderes autoritários, possuem ideais autoritários e antidemocráticos, e por fim sua semelhança discursiva e ideológica em muitos pontos.

## 1.2 Métodos, materiais e objetivos de pesquisa.

### 1.2.1 Objetivos de Pesquisa

O objetivo deste trabalho é investigar um tema em ascensão no debate contemporâneo que trata sobre o avanço da extrema-direita no Brasil e nos EUA,

dando um enfoque na influência da *Alt-Right* nos movimentos de extrema-direita brasileiros.

Pretende-se inicialmente entender o contexto sociopolítico estadunidense no período de surgimento da *Alt-Right*, com objetivo de entender como esse movimento surge e elencar suas características e relacioná-las à esse contexto. Suas principais figuras ideológicas e seus pensamentos políticos e filosóficos perpassarão essa contextualização da gênese do movimento e de suas características.

Posteriormente, será analisado o contexto sociopolítico brasileiro no período de surgimento dos novos movimentos de extrema-direita, analisando suas características e como estas se relacionam aos acontecimentos previamente analisadas. Figuras ideológicas basilares destes movimentos como o já citado Olavo de Carvalho também aparecerão aqui e também perpassarão os contextos discutidos.

Os objetivos específicos:

- Entender as raízes ideológicas de ambos os movimentos, visando verificar quais as simetrias e assimetrias em suas origens;
- Analisar os discursos de ambos os movimentos, nos focando principalmente na análise de autores que discutiram tais assuntos previamente como Nagle (2017) e Wendling(2017)
- Entender as semelhanças de figuras de grande influência nos movimentos
- Entender como as consequências dos regimes neoliberais e da difusão de suas ideologias, influenciaram ambos os movimentos
- Analisar a recepção que os discursos, ideário e os comportamentos da *Alt-Right* tiveram nos autores e militantes de extrema-direita brasileiros



### 1.2.2 Materiais e Métodos

Para cumprir os objetivos propostos, será utilizado o método comparativo e de abordagem qualitativa. A justificativa para essas escolhas se baseia nos objetivos específicos propostos para o cumprimento do objetivo final ao qual esse trabalho se destina: o de verificar se houve influência da *Alt-Right* na ascensão de movimentos de extrema-direita no Brasil. A escolha do método comparativo é decorrente da necessidade de se elencar características de dois movimentos distintos a fim de verificar semelhanças e dissidências, já a pesquisa qualitativa foi escolhida devido as muitas análises a serem feitas, em que serão necessárias interpretações das relações humanas e políticas e dos significados contidos nelas.

Pretende-se inicialmente analisar o contexto sociopolítico estadunidense do período de surgimento da *Alt-Right* – indo desde o vácuo deixado na mídia liberal pelos grupos de esquerda liberal durante o período Obama até as consequências das políticas neoliberais que facilitaram a aceitação aos líderes de extrema-direita que surgiriam posteriormente –, com objetivo de entender como esse movimento surge e se relaciona com as características culturais e políticas tipicamente estadunidenses, e por fim elencar suas características ideológicas e políticas a fim de analisar como esses dois últimos pontos podem vir a se relacionar.

Figuras importantes para o desenvolvimento e eventual difusão do movimento para o restante da sociedade estadunidense, também serão analisadas como é o caso de Richard Spencer, Alex Jones, Milo Yiannopoulos, Gavin McInness e Steve Bannon – este, devido à sua importância e ligações com figuras importantes para as análises deste trabalho como Donald Trump e Olavo de Carvalho, receberá uma análise razoavelmente mais profunda em comparação com os outros indivíduos previamente citados. A análise destas figuras perpassará seu contexto e seus pensamentos políticos e filosóficos, contextualizando estes com a gênese do movimento e suas características.

Em relação ao contexto sociopolítico, nos utilizaremos principal da autora Wendy Brown, que em seu livro “Nas Ruínas do Neoliberalismo” traz uma análise profunda sobre como as políticas neoliberais empobreceram a população e

geraram sentimentos de abandono, traição e revolta desta em relação aos políticos tradicionais, facilitando posteriormente que políticos de extrema-direita e com retóricas populistas que prometiam trazer novamente períodos de grandeza econômica e política pudessem chegar com relativa facilidade ao poder.

A bibliografia a ser utilizada para a análise ideológica e contextual da *Alt-Right* pensada de forma que pudesse ocorrer um movimento de expansão, iniciando-se com o contexto inicial da internet, passando para o contexto da internet do período em que a *Alt-Right* dava seus primeiros passos, suas consequências dentro e fora da internet – como os ataques terroristas domésticos, manifestações a manipulação de velhos preconceitos e medos – e por fim suas consequências políticas que levaram a eventos fatídicos como a Invasão do Capitólio.

Sobre os movimentos de extrema-direita Brasileiros, o processo se repetirá de forma relativamente análoga, com a análise do contexto sociopolítico do Brasil no período de surgimento da *Alt-Right* – indo desde o antipetismo promovido abertamente pela mídia liberal brasileira, a espetacularização da mídia na cobertura de operações policiais como a Lava-Jato, e por fim as consequências do neoliberalismo, que facilitaram a eleição de um governo autoritário – a fim de tentar entender como os movimentos brasileiros surgem e se relacionam não apenas com seu contexto sociocultural, mas também com o contexto estadunidense do período, e finalmente elencar as características ideológicas e políticas desses movimentos objetivando entender como estes se relacionam.

Para o entendimento do contexto sociopolítico brasileiro será utilizado o autor Jessé de Souza, mais especificamente seu livro “A Elite do Atraso: da Escravidão a Bolsonaro” (2019), que não apenas traz uma análise da sociedade brasileira de forma ampla, mas também analisa como as políticas neoliberais e a cobertura midiática frente a supostos escândalos de corrupção geraram um terreno fértil para uma eventual eleição de um indivíduo com ideias antidemocráticas.

Para a análise das figuras de relevância dentro dos movimentos de extrema-direita brasileiros, nos utilizaremos do entendimento de Challoub e Perlatto (2016) que não apenas trazem vários argumentos políticos e ideológicos dos movimentos de extrema-direita brasileiros, chegando a revelar algumas de suas características essenciais, mas também classificam esses movimentos dentro de duas chaves distintas: A direita teórica e a direita militante. A convergência dentre essas duas chaves e suas figuras também deverão ser analisadas, a fim de determinar as características ideológicas e políticas desses movimentos.

E finalmente, para a análise das semelhanças e dissidências dentre esses dois recortes serão utilizados majoritariamente as obras “Tempestade Ideológica: Bolsonarismo: A Alt-Right e o Populismo Iliberal no Brasil” de Michele Prado e “Guerra pela Eternidade: O Retorno Do Tradicionalismo e a Ascensão Da Direita Populista” de Benjamin Teitelbaum. Ambos os livros trazem comparações, ainda que distintas, sobre figuras e conceitos que este trabalho pretende discutir. No caso de Prado, ela traz uma comparação muito mais direta, analisando tanto a *Alt-Right* quanto os movimentos de extrema-direita que posteriormente ficariam conhecidos como Bolsonarismo. Já Teitelbaum, concentra sua análise em três figuras distintas: Steve Bannon, Olavo de Carvalho e Alexandr Dugin, considerando os temas que se pretende discutir neste momento – comparação entre um movimento estadunidense e movimentos brasileiros – nosso foco se concentrará nos dois primeiros autores.<sup>3</sup>

Em relação a Bannon e Olavo, discutiremos não apenas suas trajetórias e seus papéis assumidos dentro de seus respectivos movimentos, mas também nas semelhanças e diferenças sobre o tradicionalismo aparece em seus ideais e sobre como estes foram representados tanto dentro de seus próprios movimentos quanto dentro de seus análogos. Nosso entendimento em relação à estas figuras, é que eles foram muito mais do que apenas gurus ou conselheiros

---

<sup>3</sup> Dugin ainda que tenha sua importância para a extrema-direita mundial, acaba por fugir do escopo deste trabalho, portanto, ele será relegado para possíveis eventuais trabalhos sobre os temas aqui discutidos.

de seus presidentes, mas sim peças fundamentais na construção ideológica dentro de seus movimentos.

Ambos os movimentos possuem meios de “suavização” dos discursos a fim de serem mais aceitos pelo público em geral, sendo estes: a *Alt-Light*, no caso estadunidense, e a Jovem Pan e a Brasil Paralelo no caso Brasileiro. Os três casos serão analisados em detalhes, a fim de determinarmos quais os seus ideais e métodos para levar ao grande público, os ideais de suas “contrapartes” mais radicais. Além disso, também analisaremos as táticas tanto dos movimentos de extrema-direita brasileiro quanto da *Alt-Right*, na internet.

E por fim, iremos delimitar algumas diferenças características entre as culturas do Brasil e dos Estados Unidos, objetivando verificar se estas são grandes o suficiente para levarmos em consideração a possibilidade de que as semelhanças entre os movimentos serem apenas uma mera coincidência ocasionada por motivos diversos, ou se estas diferenças são apenas aparentes. Elencamos as seguintes diferenças: a forma como a liberdade de expressão é tratada, o legado de autoritarismo, os contextos que possibilitaram o surgimento desses movimentos e a maneira como a religião é organizada.

Considerando a natureza dos temas aqui discutidos, serão necessárias diversas fontes de obtenção de informações, variando de acordo com as necessidades apresentadas. Para um entendimento complementar das lideranças e ideólogos de ambos os recortes, serão utilizados dados vindos de sites, blogs e de alguns casos de redes sociais. Em relação às redes sociais, devido às recentes dificuldades na obtenção de dados seja por meio de “raspagens”, de utilização de programas especializados nisso ou mesmo de formas “oficiais” disponibilizadas pelas redes, nos utilizaremos principalmente de dados de segunda mão.

## 2. *Alt-Right*

### 2.1. Introdução

Antes de nos aprofundarmos em detalhes sobre o que exatamente é a *Alt-Right* e as ideologias presentes dentro dela – para além dos diversos grupos vagamente conectados por oposições em comum – é necessário retirarmos de nosso caminho uma série de preconceitos e simplificações errôneas, para que possamos ser o mais objetivos possível em relação ao movimento.

Contrariamente às conclusões tiradas pelo senso comum – ou mesmo por jornalistas e outros meios considerados intelectualizados –, após o fatídico e vergonhoso incidente ocorrido em *Charlottesville* em 2017<sup>4</sup>, a *Alt-Right* estadunidense não é um aglomerado estereotipado de supremacistas brancos violentos, advindos das camadas mais reacionárias da sociedade estadunidense. Ainda que dificilmente se possa negar (ou afirmar) completamente essas acusações, seria um erro reduzir o movimento a um incidente com resultados trágicos.

O movimento ainda que possua sua cota de membros mais reativos – e violentos – um número considerável de seus associados, influências e figuras de maior destaque, tanto ideológico quanto militante, se originam de camadas intelectuais. Como é o caso de Richard Spencer, que além de membro mais notório do movimento, possui uma carreira acadêmica relativamente notável – com faculdades de renome, como Yale, no currículo –, é escritor, fundador do site *altright.com*, editor do *Radix Journal* e cofundador do termo *Alt-Right*; Paul Gottfried, filósofo paleoconservador, professor universitário, cofundador do termo *Alt-Right*, historiador e colunista; Greg Johnson, editor do site e editora *Counter-Currents* e escritor; Kevin B. Macdonald, professor universitário, escritor, editor do *Occidental Observer*, um blog conservador estadunidense e mais vários outros exemplos que serão discutidos mais adiante. Portanto, distintivamente do que o senso comum diz, a *Alt-Right*, possui seu núcleo

---

<sup>4</sup> <https://g1.globo.com/mundo/noticia/protesto-contrasupremacistas-brancos-deixa-feridos-em-charlottesville.html>

intelectual responsável por sedimentar as características basilares do movimento.

Explicitar a presença de intelectuais dentro do movimento, em um primeiro momento, pode soar como uma maneira excessiva de negar as conclusões tiradas pelo grande público, após o incidente de Charlottesville. Todavia, a *Alt-Right* também sofre de uma segunda – e talvez ainda mais grave – simplificação: de que devido à sua natureza essencialmente digital, parte considerável de seus membros seriam indivíduos rejeitados pela sociedade e “*trolls*” de internet, que não teriam nenhuma ideia política concreta e cujo únicos objetivos seriam promover o ódio a grupos minoritários e espalhar postagens caóticas em *Chans*<sup>5</sup>.

Diferentemente do estereótipo mais conhecido do indivíduo de extrema-direita, que o desenha como a caricatura do “*Redneck*”<sup>6</sup> estadunidense, não escolarizado, de aparência pouco convidativa ao diálogo e que possui uma bandeira dos confederados estendida em sua sala de estar, os membros da *Alt-Right* são – segundo a visão que possuem de si próprios – jovens, bem educados, crescidos dentro do mundo digital e que possuem comportamentos e postura antissistemas típicos de movimentos de contracultura que os antecederam<sup>7</sup>. Entretanto, tal descrição também é passiva de dúvidas, uma vez que mesmo contando com pontuais exceções, raramente a visão de que um grupo possui de si próprio corresponde à realidade.

Agora que as simplificações, errôneas e excessivas, acerca do movimento foram tiradas do caminho, podemos adentrar suas peculiaridades. Começando com o fato de que mesmo seus membros não sendo necessariamente indivíduos violentos, isso não os isenta de se assentarem sob um radicalismo ideológico que não apenas nega quaisquer tipos de igualdade entre seres humanos como

---

<sup>5</sup> Diminutivo de “Channel” são fóruns que não precisam de cadastro prévio do usuário, o que permite que ele permaneça anônimo em suas postagens, sendo seus dois maiores exemplos são o 4chan e 8chan

<sup>6</sup> Estereótipo do estadunidense pertencente às cidades interioranas e rurais, principalmente do sul do país, que é frequentemente descrito como racista, simplório e preconceituoso.

<sup>7</sup> A comparação feita por muitos autores e pelo próprio Milo Yiannopoulos da *Alt-Right* com o movimento punk, não é algo banal, sua estética jovem, transgressora e regularmente violenta, nos faz voltar à visão cristalizada em nossa sociedade não apenas aos membros do movimento punk, mas também à velha ideia de rebeldia juvenil. Ainda que muitas de suas ideias contradigam sua estética e se voltem para um ultrarreacionarismo

também nega, ignora ou interpreta erroneamente partes significativas do cânone político estadunidense. Sendo um dos muitos exemplos, dessa relação conturbada com o cânone, a negação do conceito de igualdade propagada por Thomas Jefferson na declaração de independência dos Estados Unidos – coisa que nem mesmo grupos reacionários e de extrema-direita, anteriores à *Alt-Right*, fizeram (Main,2018).

Ainda que exista muitos exemplos de como a *Alt-Right* confronta outros documentos do cânone político estadunidense, que serão discutidos posteriormente, o que nos interessa neste momento é explicitar o radicalismo anti-igualitarista como uma de suas bases ideológicas fundamentais. Tal radicalismo serve como uma pista para entender sobre como grupos com ideias razoavelmente contraditórias entre si, puderam se juntar e se aceitar ao redor de um único movimento.

Contrariamente a outros movimentos, a *Alt-Right* não reúne seus diversos subgrupos ao redor do que concordam, mas do que discordam. Portanto, ainda que se possa encontrar dentro de suas fileiras, grupos ideologicamente incongruentes entre si, como é o caso de libertários econômicos e neonazistas, todos eles conseguem se sentar na mesma mesa quando se trata de odiar seus desafetos, sejam os SJW (Social Justice Warriors ou Guerreiros da Justiça Social em tradução livre), a esquerda, o feminismo ou a chamada “cultura woke”. Desse modo, em uma primeira conclusão, pode-se dizer que parte da ideologia da *Alt-Right* não envolve apenas se posicionar contra o conceito de igualdade em si, mas também aos grupos que representam essa igualdade. Uma conclusão que pode parecer um tanto quanto óbvia, mas que deve ser ressaltada para demonstrar que a *Alt-Right* não vive dentro do vácuo de si própria.

É preciso, portanto, regressar para o início do movimento, para que possamos continuar a tarefa de analisar suas minúcias ideológicas de forma coerente e precisa. Não sendo apenas um ato de pura formalidade acadêmica, mas um meio de entender como um movimento que se inicia dentro de *Chans* se torna uma força política grande o suficiente para ser ouvido dentro do *Mainstream* político estadunidense.

## 2.2. Contexto: Neoliberalismo e as Promessas Não Cumpridas da internet

É provável que Angela Nagle (2017) tenha sido quem mais eficientemente analisou a gênese da *Alt-Right*, estudando não apenas seus núcleos iniciais nos mais diversos *Chans*, que posteriormente se reuniram todos no /pol/ mas também os estágios iniciais da cultura “internetês” no início dos anos 2000 que prometiam mudanças radicais em todos os sentidos, até a ausência de sentido presente nessa cultura no final dessa década e início dos anos 2010.

Muitas das promessas do utopismo em relação ao mundo digital, típico do final dos anos 90 e início dos anos 2000, não foram cumpridas. Suas expectativas de uma “revolução digital”, em que muitos esperavam a queda das tradicionais estruturas de poder, riqueza e classe<sup>8</sup>, foram colocadas – na melhor das hipóteses – em segundo plano. Ainda que durante esse período de “utopismo digital” tenham ocorrido algumas tentativas de cumprir tais expectativas – como o grupo de Hackers *Anonymous*, que surgiu em Chans; o movimento *Occupy Wall Street*<sup>9</sup> e as “*Twitter Revolutions*”<sup>10</sup> – tais tentativas foram em sua grande parte derrotadas, aniquilando de vez tal utopismo em relação à internet.

Cyberutopistas de esquerda acertaram ao considerar que o “incômodo havia se tornado uma rede”<sup>11</sup> (Nagle, 2017, p.27) e que a velha mídia do *establishment* havia deixado de controlar – ao menos parcialmente – a política. Porém, eles erraram o sinal em sua equação, visto que essa “rede” de fato existira, porém, ela não os levava ao poder, mas sim seus adversários políticos.

---

<sup>8</sup> Exemplo dado por Nagle (2017) se referindo ao texto de Heather Brooke “The Revolution will be Digitized: Dispatches from the Information War” ou A Revolução Vai ser Digital: Despachos da Guerra de Informação, em tradução livre feita pelo autor

<sup>9</sup> “Ocupe Wall Street” em tradução pelo autor

<sup>10</sup> Termo que se refere a diversas revoluções em que a rede social Twitter (e em alguns casos o Facebook) foi usada como principal meio de comunicação

<sup>11</sup> Tradução feita pelo autor, no original “the disgust had become a network”



“Apenas alguns anos atrás os cyber-utopistas de esquerda reivindicaram que ‘o desgosto se tornou uma rede’ e que o establishment da velha mídia não podia mais controlar a política, que a nova esfera pública iria se basear-se em mídias sociais sem líderes e geradas pelos usuários. Esta rede realmente chegou, mas ajudou a direita e não a esquerda a chegar no poder” (Nagle, 2017, p.27, tradução do autor)<sup>12</sup>

Após tal desilusão, não é difícil entender as razões pelas quais parte considerável dos nativos digitais se voltaram para uma visão niilista<sup>13</sup> frente à internet, se reunindo principalmente dentro de fóruns de internet (Chans), sendo o principal deles o 4Chan. Tal niilismo eventualmente gerou um humor cínico e irônico em relação às mais diversas coisas, porém, tal humor somado com a ausência de sentido e seriedade, logo chegaram em seu estopim em 2016. Não apenas o ano da eleição de Donald Trump e da “chegada” da *Alt-Right* ao poder – coisas que serão discutidas mais adiante – mas também do fatídico assassinato de um Gorila (Chamado de Harambe) em um zoológico em Cincinatti, após uma criança que caíra em sua jaula, tal acontecimento ainda que em um primeiro momento tenha inicialmente gerado uma comoção, rapidamente se tornou uma motivação para criação de memes entre os membros dos Chans e da *Alt-Right*, motivação que levou desde a comparações do Gorila com a aparência de celebridades até a invasão da conta do Twitter do gerente do zoológico em que o animal fora morto e a publicação de hashtags ofensivas.

Para os mais desatentos, principalmente aqueles pertencentes ao público em geral, tais atitudes podem soar apenas como uma piada desagradável que foi levada às suas últimas consequências. Entretanto, estas ações não foram um ato isolado, mas um comportamento comum da *Alt-Right* – ainda que dificilmente se possa considerar que todos aqueles que criaram memes em relação ao ocorrido tenham ligação com o movimento. Não é mera

---

<sup>12</sup> No Original: “Just a few years ago the left-cyberutopians claimed that ‘the disgust had become a network’ and that establishment old media could no longer control politics, that the new public sphere was going to be based on leaderless user-generated social media. This network has indeed arrived, but it has helped to take the right, not the left, to power.”

<sup>13</sup> Me utilizo do senso comum referente ao termo Niilismo, que é sinônimo de “ausência de propósito”

coincidência que Harambe tenha sido alvo de comparações com a atriz Leslie Jones, durante a série de assédios que ela sofrera, e o fato desses assédios terem começado após uma série de tweets feitos por Milo Yiannopoulos – um dos membros mais notórios da *Alt-Light*, movimento ligado à *Alt-Right* – apenas demonstram empiricamente a semelhança entre o estado da internet no período e os comportamentos da *Alt-Right*.

A esquerda, tanto econômica quanto política, também tinha sua porcentagem da bolha da internet, ainda que possuísse características consideravelmente distintas. Se a ausência de sentido que imperava nas bolhas dominadas pela *Alt-Right* – principalmente em locais como o 4Chan e partes do *Twitter* – faziam com que nada importasse, dentro da bolha esquerdista, tudo parecia importar.

“A outrora obscura cultura de cancelamento da esquerda que emanava das políticas identitárias estilo Tumblr vinda do campus universitário atingiu seu auge durante este período, em que tudo desde comer macarrão até ler Shakespeare era declarado “problemático” e mesmo os mais mundanos atos eram considerados “misóginos” e supremacistas brancos”<sup>14</sup>. (Nagle, 2017, p.11, tradução do autor)

Considerando o auge desse momento, que Nagle define como ultrapuritanismo, em que reputações, carreiras e vidas poderiam ser destruídas pelas menores transgressões, não é algo surpreendente que a *Alt-Right* – acostumada com a ausência de regras de sua bolha – tenha tornado a oposição ao “politicamente correto” uma das suas principais bandeiras. E para além disso, criou as bases necessárias para o surgimento de figuras irreverentes, carismáticas e violentas em seus discursos, como o já citado Milo Yiannopoulos, que não apenas praticavam retaliações online, como também escondiam sua retórica discursivamente violenta atrás do “humor” e da “ironia”. Wendling (2018)

---

<sup>14</sup>“The once obscure call-out culture of the left emanating from Tumblr-style campus-based identity politics reached its peak during this period, in which everything from eating noodles to Reading Shakespeare was declared ‘problematic’, and even the most mundane acts ‘misogynist’ and ‘white supremacist’.” (Nagle, 2017, p.11)

vai notar que tal “humor” e “ironia” em muitos dos casos, referentes à *Alt-Right*, são difíceis de comprovar sua seriedade ou veracidade.

O ultrapuritanismo online da esquerda do período encontra na *Alt-Right* seu principal nêmesis, mesmo que ambos os lados dificilmente se utilizariam de tal termo, esta ainda talvez ainda seja a melhor palavra para descrever sua relação. Se a esquerda fazia com que as pessoas nas redes sociais se sentissem observados e – de certa maneira – amedrontados de expressarem suas visões, seu nêmesis não tinha a mesma preocupação. Acostumados com o anonimato permitido pelo 4chan (rede social que será discutida mais adiante), seus membros não tinham problemas em criar, ameaçar, atacar e criar memes ofensivos referentes a quaisquer um que viesse a se encontrar em uma posição discordante da sua. O que em uma “estranha coincidência”, todas as vítimas dos seus ataques eram mulheres ou algum tipo de minoria.

Um ponto de grande importância para o crescimento da *Alt-Right*, tanto dentro de sua própria bolha quanto no imaginário popular, foram o que Wendling(2018) chama de proto-instituições, que se resumem no veículo de comunicação Breitbart News, que durante muito tempo foi visto como o veículo oficial da *Alt-Right*, principalmente com a chegada de Steve Bannon à Casa Branca; o *National Policy Institute*<sup>15</sup> que tivera Richard Spencer como presidente; e principalmente a seção /pol/ da rede social 4Chan, sendo esta umas das principais fontes de criação de memes do movimento.

Breitbart News, criado e nomeado pelo já falecido escritor conservador estadunidense Andrew Breitbart, foi durante muito tempo responsável pela divulgação de ideias da *Alt-Right*. É importante notar que mesmo com a posição de Bannon – que Nagle (2018) vai argumentar que ele estava se usando o termo “*alt-right*” da forma mais abrangente possível, se referindo a uma direita anti-establishment que estava alinhada com o trumpismo – o site conservador, ainda que durante muito tempo tenha empregado Milo, em nenhum momento se coloca como porta voz da *Alt-Right* ou demonstra apoio ao nacionalismo branco do movimento.

---

<sup>15</sup> Instituto de Política a Nacional, em tradução feita pelo autor

Ainda que o site tenha sua cota de artigos criticando muçulmanos, movimentos feministas e minorias étnicas/raciais, tais artigos “diferem mais em tom do que em substância do que se pode achar em sites e revistas conservadoras mais mainstream” (Hawley, 2017, p.129, Tradução do autor). No máximo, Breitbart News possa ser encaixado dentro da Alt-Light (Hawley, 2017).

O National Policy Institute é um *Think Tank* nacionalista/supremacista branco, que tivera como seu presidente Richard Spencer, uma das principais figuras da *Alt-Right*. Regularmente servia como anfitrião de conferências para que membros da *Alt-Right* pudessem ouvir sobre assuntos como raça e imigração (Hawley, 2017).

Semelhantemente ao Breitbart, colocá-la como um veículo oficial da *Alt-Right* é uma tarefa complexa, ainda que possua convergências com o movimento em uma escala muito maior, quando se comparado com o Breitbart, a fundação do National Policy Institute é anterior ao surgimento do movimento, sendo inicialmente “apenas” uma iniciativa em favor de um nacionalismo branco. Sua relação com a *Alt-Right* só começou em 2011 quando Spencer foi escolhido como seu novo presidente. Hawley (2017) argumenta que a partir deste momento a *Alt-Right* passou a ser uma iniciativa National Policy, entretanto, é difícil provar tal afirmação, visto que até a escritura deste texto, não há registros de membros da *Alt-Right* fazendo qualquer tipo de alusão ou propaganda do *Think Tank* em seus discursos.

A seção /pol/ (diminutivo de *Politically Incorrect*<sup>16</sup>) possui uma história singular, uma vez que fora criada como um meio de evitar conteúdos que ela própria disseminaria mais tarde. Em 2011, o criador do 4Chan notou que uma seção de seu site que havia sido criada com o objetivo de trazer novas ideias havia se tornado uma versão do site de cunho abertamente neonazista Stormfront. Em uma tentativa de desintoxicar o site desse tipo de conteúdo ele criou o /pol/, o que não foi uma ideia bem-sucedida, uma vez que ele apenas deu para a *Alt-Right* e os *Trolls* um novo ponto de encontro (Wendling, 2018).

---

<sup>16</sup> Politicamente incorreto, em tradução feita pelo autor

Mas o que exatamente é o 4chan?

Uma definição abrangente – e demasiadamente simplista – seria de que o 4chan é uma rede social baseada na existência de vários fóruns referentes aos mais variados assuntos. Tal definição, ainda que não esteja incorreta, não responde completamente à pergunta e gera mais indagações do que respostas propriamente ditas. Delimitar as características do 4chan talvez seja o melhor caminho para se chegar nessa resposta.

Começando pelo básico, diferentemente de outras redes, o 4chan não precisa de cadastro, senha ou mesmo nome de usuário, para permitir que o indivíduo publique nele. Consequentemente, tal anonimato permite que qualquer pessoa publique no site, sem qualquer vínculo ou responsabilidade externa em relação às suas postagens.

“O 4chan tem uma série de características que ajudam a criar uma mentalidade coletiva de atividades que o fizeram tanto um berço quanto um destino para a *Alt-Right*. Em primeiro lugar, os posts são anônimos e usuários comuns sem privilégios de administradores não podem criar contas ou se registrar no site. As publicações desaparecem depois de alguns dias ou horas, por isso o risco geral de postar qualquer coisa é baixo, e o site todo possui um sentimento de constante experimentação e permanência” (Wendling, 2018, p.54, tradução do autor) <sup>17</sup>

Além do anonimato, a rede também possui uma noção libertária de liberdade de expressão (Wendling, 2018). O que garante que muitos discursos que poderiam ser considerados ofensivos, desconfortáveis ou criminosos em uma rede social comum, sejam praticados livremente.

---

<sup>17</sup> No original: “4chan has a couple of characteristics which help create a hive mind of activity and which made it both a breeding ground and a destination for the alt-right. First of all, posters are anonymous and ordinary users without admin privileges can’t create accounts or register with the site. Threads disappear after a few days or hours, so the overall risk in posting anything is low and the whole site has a feeling of constant experimentation and impermanence” (Wendling, 2018, p.54)

“O 4chan também tem, colocando de forma suave, uma visão muito libertária da liberdade de expressão. Oficialmente, em grande parte do site, moderadores irão remover ‘trolls, mensagens provocadoras, racismo, e respostas fora do tópico’, mas o 4chan é um site em que ‘se mate’ não se qualifica como mensagem provocadora e começar uma ‘thread de ódio a criolos’ não se qualifica como ra<sup>18</sup>cismo” (Wendling, 2018, p.54, Tradução do autor)

Considerando tais características, talvez seja possível chegarmos em uma resposta sobre o que é o 4chan. Além de ser um mero agrupamento de fóruns, o site funciona também como um local de experimentação em que diversos anônimos projetam suas mais variadas ideias sem as consequências do mundo real. Se isso é algo positivo ou negativo, não é a função deste trabalho definir, mas o que se pode dizer é que sua estrutura baseada no anonimato e na (quase) ausência de regras em relação aos discursos, criou um solo fértil para a expansão da *Alt-Right* frente ao mundo digital.

Para concluir, pode-se dizer que ainda que o contexto digital ao qual ao qual a *Alt-Right* estava inserida tenha de fato sido um fator importante em sua criação e posterior expansão, ele não nos explica completamente como um movimento impulsionado por um site ultraconservador, um *Think Tank* com ideais nacionalistas brancos e um site de fóruns relativamente desconhecido pelo grande público, pode ter chegado ao *Mainstream* político estadunidense de forma tão significativa. Seu sucesso foi tal, que chegou até mesmo a afetar o comportamento dos candidatos presidenciais de 2016 com o futuro presidente Donald Trump chegando a retweetar seus memes e de Hillary Clinton o citando em um de seus discursos<sup>19</sup> como uma força a ser combatida. Para entendermos isso, é preciso nos voltarmos para a *Alt-Light*.

---

<sup>18</sup> No original: “4chan also takes, to put it mildly, a very libertarian view on free speech. Officially, on most of the site, moderators will remove “Trolls, flames, racism, off-topic replies,” but 4chan is a site where “kill yourself” doesn’t qualify as a flame and starting a “nigger hate thread” doesn’t qualify as racism”

<sup>19</sup> <https://www.nytimes.com/2016/08/27/us/politics/alt-right-reaction.html>

Nos dirigimos agora para o Neoliberalismo, que por não ser o foco deste trabalho, receberá uma análise mais enxuta em comparação a outros assuntos aqui tratados.

Segundo Brown (2019) as agendas econômicas neoliberais, as agendas políticas liberais e o cosmopolitismo foram responsáveis por gerar os sentimentos de traição, abandono e raiva nas classes trabalhadoras e médias dos EUA e da Europa, que agora sofriam a perda de sua supremacia na América e no Ocidente. A raiva do público em relação a esses fatores paulatinamente ia se direcionando dos donos do grande capital para o Estado, principalmente devido à sua postura de “limpar a lambança dos bancos” (Brown, 2019) após a Crise de 2008 e suas constantes guerras no Oriente Médio, fazendo com que um patriotismo militarista e valores familiares cristãos não fossem mais o suficiente para “resolver” a situação.

Dessa forma, o neoliberalismo não apenas gerou um desemprego a níveis “aceitáveis” para as grandes corporações e CEOs mas também trouxe um rastro de destruição social para grupos sociais que estavam acostumados a terem uma hegemonia frente ao resto do mundo. A ideia de “perseguição do indivíduo branco” pode soar como um exagero ou mesmo uma afronta para muitos grupos historicamente marginalizados, entretanto, foi esse discurso que as consequências das políticas econômicas neoliberais ajudaram a sedimentar. Estas somadas com agendas culturais progressistas e agendas políticas liberais geraram um sentimento de traição e abandono por parte da classe trabalhadora e média do dito primeiro mundo que agora viam em sua frente a perda de sua supremacia.

“Assim, as agendas políticas liberais, as agendas econômicas neoliberais e as agendas culturais cosmopolitas geraram uma crescente experiência de abandono, traição e finalmente raiva por parte dos novos despossuídos, das populações da classe trabalhadora e da classe média brancas do Primeiro Mundo e do Segundo. Embora seus pares de pele escura tenham sido prejudicados tanto quanto ou mais pelas dizimações neoliberais dos empregos protegidos por sindicatos e dos bens públicos, pelo declínio das oportunidades e do acesso e qualidade da educação, uma coisa

que negros e latinos não sofreram foi a perda da supremacia na América e no Ocidente”.(Brown, 2019, p.11)

Em resumo, nos países no eixo EUA-Europa, a explicação para o (res)surgimento desses movimentos de extrema-direita e de cunho antidemocráticos e autoritários estava diretamente relacionados à derrocada de supostos privilégios pertencentes à masculinidade branca e cristã. E rapidamente essa raiva foi novamente – mas não completamente – redirecionada, desta vez passando do Estado para grupos étnicos minoritários, imigrantes e outros “beneficiários não merecedores da inclusão liberal” (Brown, 2019, p.13).

### 2.3. Alt-Light: Maquiando a Intolerância

A *Alt-Right* deve grande parte (senão totalmente) da sua chegada bem-sucedida ao *mainstream* político estadunidense à *Alt-Light*. Esta foi capaz de facilitar a aceitação do grande público ao movimento a partir de uma suavização - e em alguns retirada parcial - de temas polêmicos em seus discursos, como a excessiva importância à raça e seu antissemitismo, de seu núcleo ideológico. Uma das suas principais vitórias foi unir a *Alt-Right* com o trumpismo (Nagle, 2017) que já possuía seu próprio espaço em mídias conservadoras *mainstream*. Em resumo, a *Alt-Light* é – de forma simplificada – a versão diluída e “tolerável” da *Alt-Right* e seus membros são, nas palavras de Wendling(2018), as “faces aceitáveis” do movimento.

Como notado por Nagle (2017), a *Alt-Light* fora responsável por ligar as raízes da ideologicamente difusa *Alt-Right* a uma série de autores e escolas de pensamento. Dentre estes estão: Julius Evola, um intelectual italiano muito admirado pelo fascismo e que foi predecessor de uma visão tradicionalista<sup>20</sup>, focada no masculino e que acreditava em que o mundo estava em uma espécie de era das trevas (Nagle,2017); Oswald Spengler, filósofo alemão responsável

---

<sup>20</sup> o termo está sendo utilizado a partir da visão mais ampla possível, diferente de como será usado posteriormente



pelo livro “O Declínio do Ocidente” (do original *The Death of the West*) e por fim a Nova Direita Francesa (*Nouvelle Droite*).

De todas as influências, talvez a Nova Direita Francesa tenha sido a mais importante, uma vez que semelhantemente com a *Alt-Light* – ainda que ambas dificilmente admitiriam tais atos – adaptou as teorias do pensador marxista Antonio Gramsci para a expansão dos seus ideais na sociedade.

“O objetivo gramsciano da Nova Direita Francesa, que a *Alt-Right* hoje também compartilha, era romper com a visão de que a derrota de elites ou vanguardas radicais iria permitir a restauração da ordem tradicional popular e ao invés disso avaliou como os anos 60 haviam mudado profundamente a população em geral e se tornado hegemônico” <sup>21</sup>  
(Nagle, 2017, p.38, tradução do autor)

Seguindo essa lógica, o principal objetivo do movimento não era mudar a política formal, mas mudar a cultura que a sustentava. E nisso, a *Alt-Light* foi consideravelmente bem-sucedida, conseguindo não apenas ultrapassar uma mídia *mainstream* que muitos – Nagle inclusa – consideram estar morrendo, e criando para si uma forma de mídia alternativa, baseada na internet.

O contexto cultural-midiático da esquerda liberal estadunidense também foi um fator de grande importância para o sucesso da *Alt-Light*.

Com matérias cujos títulos muitas vezes aparentavam estar se autoparodiando (Nagle, 2017), sites como Jezebel e “*Everyday Feminism*” conseguiam suprir o vácuo deixado pelo declínio da importância das mídias tradicionais nos EUA entregando uma “estranha mistura de ultra-sensibilidade, sentimentalismo e o que um dia foi considerado uma política de identidade construcionista social radical (Nagle, 2017, p. 40, tradução do autor)”<sup>22</sup>.

---

<sup>21</sup> No original: “The French New Right’s Gramscian aim, which the alt-right today also shares, was to break with the view that defeat of radical elites or vanguards would enable the restoration of a popular traditional order and instead took stock of how profoundly the 60s had changed the general population and become hegemonic”

<sup>22</sup> No original: “(...)a strange mixture of ultra-sensitivity, sentimentality and what was once considered radical social constructionist identity politics.”

Com a mídia de esquerda-liberal em evidência midiática, membros da esquerda estadunidense mais tradicional foram paulatinamente sendo hostilizados, como fora o caso de Bernie Sanders e seus apoiadores ou de Mark Fisher.

No mundo digital a situação seguia por caminhos ainda mais complexos, com uma preocupação demasiada por questões de fluidez de gêneros por parte da esquerda-liberal estadunidense que se reunia principalmente dentro da popular (ao menos para a época) rede social Tumblr. Em um paralelo um tanto quanto polêmico, podemos dizer que o Tumblr era o contraponto do 4chan para a esquerda-liberal do período, um local em que não apenas o conceito de gênero era redefinido constantemente, como também a todo momento haviam menções a suposto privilégio dos homens – brancos – cis – heterossexuais e discussões sobre outros tópicos sensíveis como saúde mental. Em uma mistura de vitimização e palavras de ordem para aqueles fora de sua bolha – e não raras vezes também para aqueles que estavam dentro – “checarem seus privilégios” tais pautas se espalharam para os campi universitários, em que alertas de “gatilho” foram colocados, palestrantes foram escarnecidos e expulsos de campus por terem ideias discordantes dos membros dessa bolha.

Considerando tal contexto de animosidade e autovitimização da esquerda-liberal contra todos que não pertencessem e/ou discordassem de suas ideais, não é algo surpreendente que figuras carismáticas e conservadoras como Milo Yiannopoulos e outros tantos comunicadores tenham ascendido a partir de sua oposição ao movimento e da exposição de supostos absurdos de seus membros.

A *Alt-Light* de forma semelhante à sua contraparte mais radical, também é consideravelmente difusa e pulverizada, portanto, é uma tarefa complexa definir até onde ela vai e até que ponto seus membros são de fato seus membros e não apenas indivíduos de outras vertentes da extrema-direita. Assim como Nagle, podemos delimitar alguns membros que se aproximam mais ou menos da *Alt-Light*: Gavin McInness, Alex Jones, Milo Yiannopoulos e o já citado Breitbart News.

Gavin McInness, fora um dos fundadores da revista Vice e um dos seus editores até sua posterior saída da revista, também fundou o grupo de extrema-

direita *Proud Boys*. Passou a fazer sucesso nos meios da extrema-direita a partir de suas várias críticas ao feminismo e de que a vida no ambiente de trabalho fez as mulheres se tornarem miseráveis (Nagle, 2017). Após a vitória de Donald Trump, foi um dos muitos convidados para a festa de comemoração organizada por membros da *Alt-Right*, nomeada de *Deploraball*, sendo uma referência ao discurso de Hillary Clinton em que esta chamava os apoiadores de Trump de deploráveis.<sup>23</sup>

Alex Jones é um teórico da conspiração estadunidense e fundador do site *Infowars*, é responsável por influenciar direta e indiretamente diversos atos tanto da extrema-direita tradicional quanto da *Alt-Right*. Dentre seus atos estão incluídos o incentivo e a divulgação da teoria da conspiração *Pizzagate*<sup>24</sup> – que resultou na invasão e em uma série de disparos de uma arma de fogo dentro da pizzeria vítima da acusação – e negação de massacres ocorridos em escolas, a partir da ideia de que estes seriam invenções do governo para empurrar aos cidadãos um maior controle e regulação das armas de fogo.

Jones, ainda que não tenha sido o criador da teoria da conspiração do *Pizzagate*, foi um dos principais divulgadores e responsáveis por inflamar a paranoia sobre ela para seus ouvintes, a partir de suas sugestões para que eles “investigassem por si mesmos”. O que eventualmente levou Edgar Welch a invadir o restaurante e a disparar contra uma de suas portas, em uma tentativa frustrada de averiguar tais afirmações.

Milo Yiannopoulos talvez seja o mais notório da *Alt-Right*, conhecido principalmente por seu estilo irreverente, transgressor e digitalmente violento – como foi o caso dos ataques à atriz Leslie Jones – foi um dos principais

---

<sup>23</sup> <https://time.com/4486502/hillary-clinton-basket-of-deplorables-transcript/>

<sup>24</sup> O *Pizzagate* foi uma teoria da conspiração surgida nos EUA durante o período eleitoral de 2016. Após o email de um dos chefes de campanha de Hillary Clinton ter sido Hackeado e ter tido seus conteúdos vazados. Alguns dias após esse acontecimento, um usuário do */pol* fez um post com uma série de acusações e especulações que iam desde Bill Clinton até repórteres presos na Coreia do Norte, esses acontecimentos estariam supostamente ligados ao dono da Pizzaria *Comet Ping Pong*. Rapidamente a história começou a se complexificar com a ideia de que muitas palavras aleatórias presentes nos emails possuíam significados nefastos relacionados a pornografia infantil e as crianças vítimas de tais atos estariam sendo mantidas dentro dessa pizzeria em uma de suas salas subterrâneas, que naquele momento não se sabia serem inexistentes.

responsáveis por dar ao movimento uma face visível. Antes da destruição de sua carreira – uma discussão que não cabe neste trabalho –, ele ficara muito conhecido por suas visitas a universidades dos EUA e da Inglaterra, em sua *Dangerous Faggot Tour*<sup>25</sup>, em que confrontava muitos estudantes com suas visões contrárias ao politicamente correto, ao Islam, ao liberalismo ocidental, feminismo e ao movimento *Black Lives Matter*<sup>26</sup> (Nagle, 2017).

Ainda que em um primeiro momento, Milo, aparente ser alguém que está apenas tentando ofender a maior quantidade de “inimigos” possíveis e sem se importar com as consequências dos seus atos, ele é uma figura consideravelmente mais complexa. E isso se mostra em seu aceno à figura de Pat Buchanan, que foi um escritor conservador estadunidense, famoso por seu livro *“The Death of West”* e por seus discursos que faziam referência às ideias de que a classe trabalhadora branca era naturalmente conservadora e de que haveria uma “guerra pela alma da América” (Nagle, 2017). Milo e Buchanan ainda que possuíssem posturas e contextos consideravelmente distintos, ambos se encontram no mesmo lado em sua Guerra Cultural contra seus inimigos liberais.

As Guerras Culturais conservadoras da década de 90 – em que Buchanan estava inserido – iam em direção a uma tentativa de inviabilizar as conquistas da esquerda em relação a temas como aborto, ações afirmativas, feminismo, valores familiares. Esses pontos foram amplamente defendidos em um de seus principais discursos em que basicamente trazia um chamado às armas para uma guerra cultural maior, alegando estar havendo uma guerra religiosa dentro dos Estados Unidos, e que deveria ser tratada como a Guerra Fria fora, e que neste caso, o que estava em jogo era a alma do país.

“O discurso era uma defesa de Ronald Reagan e, depois dele próprio perder a candidatura presidencial, uma defesa do candidato Republicano George Bush Senior. Mas primariamente era de fato uma chamada para

---

<sup>25</sup> “Tour do Gay Perigoso” em tradução livre e evitando palavras de baixo calão

<sup>26</sup> “Vidas Negras Importam” em tradução livre.

juntarem-se em uma grande guerra cultural: 'Há uma guerra religiosa acontecendo neste país. É uma guerra cultural, tão crítica para o tipo de nação que nós devemos quanto a própria Guerra Fria, esta guerra é pela alma da América' (Nagle, 2017, p.51, Tradução do Autor)<sup>27</sup>

Ainda que estejam em um mesmo campo de batalha isso não necessariamente significa que suas táticas sejam iguais, as posturas de Milo e Buchanan não poderiam ser mais diferentes. Enquanto o segundo defende um conservadorismo mais tradicional, o primeiro parte para a transgressão de tudo que ele entenda como “politicamente correto”, indo desde ofensas abertas a opositores ideológicos até falas pornográficas que deixariam outros conservadores enojados. Suas táticas iam na direção da contracultura sessentista estadunidense – período que segundo Nagle, Buchanan se lembrava com um certo amargor –, em que individualismo, contrariedade ao politicamente correto, ironia e libertinagem eram defendidos. Tais táticas que outrora foram consideradas pertencentes ao campo da esquerda, estão atualmente sendo cooptadas pela direita e Milo é uma prova disso.

Os conservadores que se colocam contra Donald Trump são odiados pela *Alt-Right*, acusados de estarem sendo fracos e incapazes de defender os EUA de problemas como o feminismo, islamificação, imigração em massa, etc. (Nagle, 2017).

## 2.4. Steve Bannon vai à Casa Branca

O nome Steve Bannon, nos últimos anos, aparentemente deixou de ser apenas um nome e passou a ser uma resposta fácil (e equivocada) para diversas perguntas que poderiam ser feitas em relação à chegada da extrema-direita

---

<sup>27</sup> No Original: “The speech was a defense of Ronald Reagan and, after losing the presidential nomination himself, a defense of the Republican nominee George Bush senior. But primarily it was really a call to engage in a larger culture war: ‘There is a religious war going on in this country. It is a cultural war, as critical to the kind of nation we shall be as was the Cold War itself, for this war is for the soul of America.’” (Nagle, 2017, p. 51)

estadunidense ao poder que vão desde eficiência da campanha de Donald Trump até a aderência da população à discursos ultraconservadores.

Stephen K. Bannon não pode ser ignorado, isso é um fato, entretanto, não pode ser considerado o único responsável por todas as conquistas da extrema-direita nos últimos anos. Portanto, o objetivo aqui proposto não é negar que ele possui uma grande parcela de responsabilidade no êxito da difusão dos ideais de extrema-direita tanto da *Alt-Right*, a partir da *Breitbart News*, quanto da campanha de Donald Trump em que atuou como um dos principais articuladores, todavia, é preciso destacar que sua atuação estava dentro de um contexto político e econômico propício para tal, e ignorar isso, como muitos autores inadvertidamente fazem, é um equívoco.

Esclarecido esse problema, nossa (breve) discussão em relação a Steve Bannon será feita a partir da análise de seus ideais que lhe permitiram ter uma grande participação na recente difusão dos ideais de extrema-direita no mundo.

Sua visão de mundo, de forma semelhante à da *Alt-Right* e de outros movimentos de extrema-direita, não é baseada em uma realidade material em que ideologias e políticas se localizam em um espectro moralmente acinzentado, mas em uma lógica binária de bem contra o mal. Mesmo soando exagerada ou infantil, essa lógica traz graves consequências para a política, como é o caso da transformação de opositores políticos em inimigos a serem combatidos (ou exterminados) a qualquer custo (Lucena, 2023) e para isso se usam diversas táticas, como: linchamentos virtuais, ataques pessoais, intimidações, perseguições políticas, entre outras coisas.

Bannon, entretanto, não enxerga o “bem” e o “mal” apenas como conceitos utilizados para nomear seus desafetos políticos, mas também representam localizações, religiões, grupos de seres humanos e cores de pele. O dito Ocidente - que não raramente é entendido apenas como EUA e europa -, o cristianismo e o indivíduo branco de moral judaico-cristã são considerados o “bem” nesta guerra que ele acredita estar travando, enquanto tudo que difira destes três pontos são considerados como parte do “mal”.

Em alguns casos nem mesmo seus conterrâneos ocidentais escapam de sua fúria, uma vez que parte de sua ideologia envolve um ressentimento contra as elites contemporâneas, que ele considera como cosmopolitas e egocêntricas que só estariam interessadas em enriquecer (Alexander, 2018) servindo como uma espécie de contraste com “O Povo” (Alexander, 2018)

Parte de suas ideias também envolvem visões apocalípticas - ou ao menos extremamente pessimistas - sobre o rumo do mundo, o liberalismo e a perda das tradições e dos papéis sociais, etc. Se estas ideias advêm de um conservadorismo extremado, de uma necessidade de angariar seguidores ou de suas ligações com o tradicionalismo é algo de difícil comprovação, o que se pode concluir é que tais ideias tiveram consequências em seus comportamentos políticos e em sua visão de mundo.

Portanto, a união de Bannon e da *Alt-Right* não é exatamente algo surpreendente uma vez que ambos compartilham uma série de características em comum, principalmente em sua visão pessimista de mundo e sua crença de que existe uma guerra sendo travada contra um suposto inimigo cultural e ideológico do dito ocidente.

Sua (curta) ida à Casa Branca, logo após ser um dos principais responsáveis pela vitória de Donald Trump, representou a chegada dos ideais da *Alt-Right* dentro do establishment político estadunidense. Entretanto, o fato destes estarem naquele ambiente não necessariamente significou seu cumprimento, visto que (ao menos no primeiro mandato Trump) Bannon não cumpriu de forma significativa o ideário da *Alt-Right*.

## 2.5. Ideologicamente falando

Aos leitores mais atentos, talvez já tenha sido demonstrado que a *Alt-Right* está intrinsecamente ligada à cultura estadunidense em suas mais diversas camadas. Consequentemente, grande parte de suas características também são características próprias dos EUA, seja no teor ultranacionalista de seus discursos, na hipervalorização da liberdade de expressão ou mesmo em seus temores em relação a tudo que difira do cidadão estadunidense médio estadunidense. Logo, podemos assumir que a *Alt-Right* como conhecemos atualmente, é um movimento estritamente estadunidense.

Todavia, ainda que seja um movimento estritamente estadunidense, isso não a impediu de exercer uma influência considerável em movimentos de extrema-direita mundo afora, como será discutido posteriormente neste trabalho.

Como já dito previamente, uma das suas principais características é seu radicalismo anti-igualitarista. Tal ideal é algo fluído, que vai desde uma premissa libertária de que indivíduos são diferentes e que, portanto, o Estado não devia tentar igualá-los até uma versão atualizado do racismo científico em que negros são considerados inferiores a partir de supostos testes científicos.

Thomas J. Main (2018) em seu livro *“The Rise of the Alt-Right”*<sup>28</sup> demonstra a partir de diversas entrevistas com membros da *Alt-Right*, que grande parte do movimento nega veemente a ideia de igualdade política e jurídica descrita no documento da Declaração de Independência. Muitas das controvérsias criadas pelo movimento em relação ao documento giram em torno da frase *“All men are created equal”* (Todos os homens são criados iguais, em tradução pelo autor) escrita por Thomas Jefferson. Segundo muitos dos entrevistados por Main, tal frase ou estaria se referindo única e exclusivamente aos homens brancos do período, e não se utilizando do termo “homens” para se referir a todos os indivíduos. Outra opção é de que a frase, é uma forma – um tanto quanto confusa – de dizer que novo país em construção, não existiria

---

<sup>28</sup> “A Ascensão da *Alt-Right*” em tradução livre



aristocracia através da herança por sangue. Sob essas interpretações, ou os Estados Unidos, já em sua fundação estaria excluindo todos os indivíduos não brancos de sua constituição ou um dos seus pais fundadores teria inadvertidamente deixado uma questão em aberto no documento fundador de seu país. Ambas as situações tanto para Main (2018) quanto para pessoas fora do movimento, parece algo improvável de ter ocorrido.

Tais discussões, em um primeiro momento, podem soar triviais, pouco importantes ou mesmo algo que só importa para os cidadãos estadunidenses. Entretanto, quando se consideram que tais discussões levam não apenas para um ultra anti-igualitarismo mas também para uma teoria de “biodiversidade humana”<sup>29</sup>, talvez seja importante elas serem averiguadas minuciosamente. Segundo Richard Spencer no *Radix Journal*<sup>30</sup>:

“Alexander Stephens, Vice-presidente dos Estados Confederados da América... enfatizou que a Confederação era baseada na conclusão que Thomas Jefferson estava errado; a “pedra angular” dos novos estados era a “verdade física, filosófica e moral” da desigualdade humana. Nossa também, deve ser uma declaração de diferença e distância – “Nós consideramos essas verdades como evidentes; que todos os homens são criados desiguais” Na esteira do velho mundo, esta será nossa proposta” (Tradução do autor)<sup>31</sup>

Portanto, o fato do nacionalismo branco ser um dos pontos de maior apreço do movimento, não é algo realmente surpreendente. A “declaração da

---

<sup>29</sup> Isto será discutido mais adiante, mas para evitar eventuais dúvidas: a teoria da biodiversidade humana para a *Alt-Right*, é a teoria que comprovaria que as supostas diversas raças dentro da humanidade, seria biologicamente diferentes e que por isso deveriam ser separadas uma das outras.

<sup>30</sup> Richard B. Spencer, “The Metapolitics of America,” *Radix Journal*, July 4, 2014 [www.radixjournal.com/journal/2014/7/4/the-metapolitics-of-america?rq=Alexander%20Stephens](http://www.radixjournal.com/journal/2014/7/4/the-metapolitics-of-america?rq=Alexander%20Stephens) (Referência retirada do texto de Main(2018))

<sup>31</sup> No original: “Alexander Stephens, Vice-President of the Confederate States of America ... stressed that the Confederacy was based on the conclusion that Thomas Jefferson was wrong; the “cornerstone” of the new state was the “physical, philosophical, and moral truth” of human inequality. Ours, too, should be a declaration of difference and distance— “We hold these truths to be self-evident; that all men are created unequal.” In the wake of the old world, this will be our proposition”

diferença e da distância” que Spencer defende, não é uma mera declaração da diversidade humana, mas uma introdução do argumento de segregação de grupos que não se enquadrem em seu padrão de branquitude.

Ainda segundo Spencer, em uma entrevista dada para Main:

“Não há nenhum direito profundo que qualquer ser humano nasça ou possua. Você adquire um direito ao se tornar membro de uma comunidade. Então, basicamente, Jefferson entendeu isso ao contrário... Você deve isso para seus próprios filhos, seus vizinhos, sua raça, para sua nação de tratar as pessoas de forma diferente e não de forma igual... Como um imigrante hispânico nunca será parte da minha família, do meu povo, da minha civilização... Isso não é uma licença para tratar as pessoas com total e abjeta imoralidade. Claro que não, mas... eu não devo nada a este imigrante hispânico. Ele não é parte do meu grupo, e na verdade, eu tenho dever de tratá-lo de forma diferente. (Main, 2018, p.131, tradução do autor)<sup>32</sup>

Além de Spencer, outros membros da *Alt-Right* também discordam veemente do entendimento de igualdade por Thomas Jefferson, o que vai variar neste caso será apenas o nível de radicalidade que eles apresentam em suas visões. Como outro exemplo, podemos trazer a entrevista de Main com Mike Enoch editor do *The Right Stuff*.<sup>33</sup>

“Nós temos direitos iguais, é basicamente o que ele [Jefferson] está dizendo... Eu acho que eu não concordo com isso porque direitos são

---

<sup>32</sup> No original: “There is no deep right that any human being is born with or possessed with. You acquire a right by becoming a member of a community. So basically, Jefferson gets it backwards... You owe it to your own children, to your neighbor, to your race, to your nation to treat people differently, to not treat them equally... Like a Hispanic immigrant is just never going to be a member of my family and my people and my civilization... This is not like a license to treat people with utter, abject immorality. Of course not, but . . . I don't owe this Hispanic immigrant anything. He's not part of my group. And in fact, I have a duty to treat him differently.” (Main, 2018, p.131)

<sup>33</sup> No original: “We have equal rights, basically is what he [Jefferson] is saying... I think that I don't agree with that because rights are socially constructed; rights are created by the state. The state is a group of people that create the norms of society and back those up, you know, with the threat of violence...And that's what creates rights, and it grants those rights to, you know, to the people that it grants them to. ... I do not believe that the state has a duty to provide equal rights.” (Main, 2018, p.131)

socialmente construídos, direitos são criados pelo Estado. O Estado é um grupo de pessoas que criam as normas da sociedade e as sustenta, você sabe, com a ameaça de violência ... E isso é o que cria direitos, e garante estes direitos para, você sabe, para as pessoas que a quem eles são concedidos. Eu não acredito que o Estado tem o dever de provar direitos iguais". (Main, 2018, p.131, tradução do autor)

Sua recusa em aceitar a igualdade entre seres humanos somada com a sua demasiada importância em relação à raça, tem como consequência direta uma das principais características do movimento: seu racismo. Em seu núcleo, a Alt-Right é um movimento racista (Hawley, 2017) e nacionalista branco, e o entendimento disso é de suma importância para o entendimento do próprio movimento. Graças a isto, teorias conspiratórias como a Grande Substituição, genocídio branco, existência de elites cabalísticas globais tentando impor seus ideais ao cidadão médio, submergem e deixam de fazer parte apenas de um pequeno grupo de inaptos sociais para chegar em pessoas comuns.

Segundo Main(2018) é possível descrever a visão racial da Alt-Right em três pontos distintos: sua "consciência racial" (*Race Consciousness* no original), isso é, o fato de enxergarem como o principal objetivo da política ser o avanço de sua própria raça e terem uma identidade política completamente orbitada ao redor disso; "realismo racial" (*Race Realism* no original), que defende que a raça dos indivíduos é determinada por fatores biológicos e genéticos, que influenciariam fatores "externos" como o comportamento e a inteligência; por fim, os negros, devido a fatores genéticos, seriam inferiores aos brancos e incapazes de construir sociedades.

A "consciência racial" do movimento rapidamente leva à ideia de que "a moralidade não é algo independente de interesses raciais; bem e mal são totalmente determinados pelo que avança ou não os interesses de uma raça" (Main, 2018, p.173). Essa "consciência", não apenas se torna uma justificativa para a segregação geográfica e moral, uma vez que abre margens para se considerar a raça como um determinístico para certos comportamentos políticos e morais, como também permite enxergar outros grupos como inimigos que desejam a dominância e que precisam ser neutralizados.

Seu “realismo racial” se apoia em duas afirmações (supostamente) científicas: a raça é determinada por características biológicas e genéticas, e que a raça de uma pessoa poderia ser determinada a partir dessas características (Main, 2018); já a segunda afirmação diz que o fator genético da raça influencia outros fatores genéticos como o temperamento e a inteligência, segundo essa ideia, ser negro se relaciona com alta impulsividade e baixa inteligência. Se estes argumentos são uma retomada do racismo científico do final do século XIX, ou se é uma roupagem moderna para este, é algo difícil de se afirmar, considerando que os argumentos podem ser interpretados para ambos os lados, entretanto, o que se pode de fato afirmar é que estes argumentos servem para dar uma roupagem “científica” para os preconceitos da Alt-Right.

Esses dois argumentos, conseqüentemente levam para o a crença de que negros (e latinos em muitos casos) seriam inferiores, incapazes de construir boas sociedades e de serem dignos de confiança por parte dos brancos. Esse último argumento leva ao supremacismo branco, em que todos os povos não brancos seriam inferiores e que, portanto, poderiam ser segregados, excluídos ou mesmo exterminados.

Para além de cientificismo, o medo também é um fator expressivo nas justificativas para seu racismo. Esse medo se baseia na ideia de que haveria um plano dedicado para a total erradicação da raça branca, e que diferentemente de outros genocídios este não necessariamente se basearia na utilização da violência física, mas na diminuição das taxas da natalidade entre os brancos e a legalização do aborto (Wendling, 2018). Essa “teoria” é conhecida como “genocídio branco”. Como era de se esperar, ela também levanta os culpados de sempre para esse tipo de conspiração: judeus, uma cabala global de globalistas, liberais (no sentido estadunidense do termo), marxistas culturais, etc. Que além de planejarem o extermínio da raça branca, estariam também planejando um extermínio definitivo de todos os vestígios da cultura ocidental (Wendling, 2018). Entretanto, ainda que soe como algo extravagante e com chances inexistentes de ser comprovada como algo verídico, isso não impediu que tal ideia se proliferasse no /pol/ ou que servisse de influência para terroristas domésticos em países do norte global.

Considerar que todos os responsáveis por ataques terroristas que foram influenciados pelas ideias de genocídio branco e fim da cultura ocidental como pertencentes à *Alt-Right* seria um grande equívoco por motivos razoavelmente óbvios. Dito isso, também é difícil negar que exista semelhanças significativas entre suas ideias com as presentes nos manifestos de Dylan Roof – que fora responsável por matar oito pessoas dentro de uma igreja para negros na Carolina do Sul – e de Anders Breivik – responsável por matar 77 pessoas na Noruega e que deixara um manifesto chamado 2083: Uma Declaração de Independência Europeia – ou mesmo nos posts de Kevin Harpham – responsável por uma tentativa de explodir uma bomba na rota de uma marcha no Dia de Martin Luther King nos EUA – em fóruns de supremacistas brancos. Essas semelhanças se tornam ainda mais difíceis de ignorar quando Richard Spencer considerou o manifesto de Breivik como algo racional, argumentativo e que definitivamente deveria ser lido e estudado<sup>34</sup>, enquanto Kevin B. Macdonald, considerou Breivik como um grande pensador político com insights muito bons<sup>35</sup>.

Podemos argumentar que o nacionalismo branco no núcleo ideológico da *Alt-Right* nada mais é que o resultado da combinação dos argumentos do medo constante de extermínio dos brancos e da crença de que raças são reais e de que existem diferenças intrínsecas entre elas. Portanto, a solução mais lógica dentro desses argumentos seria a segregação de grupos e a criação de diversos estados étnicos dentro dos EUA. Alguns membros do movimento – Richard Spencer incluso – defendem a expulsão dos não brancos do país e a transformação dos EUA em um Estado étnico branco. Se essa ideia parece inviável ou mesmo logisticamente improvável de ocorrer, pouco importa para os fins destes grupos – ou mesmo deste trabalho – visto que a segregação racial,

---

<sup>34</sup> Richard B. Spencer, “The political ideas of Anders Behring Breivik,” Radix Journal, July 23, 2011, <http://web.archive.org/web/20170106043723/http://www.radixjournal.com/altrightarchive/altright-archive/main/blogs/untimely-observations/the-political-ideas-of-andersbehring-breivik>.

<sup>35</sup> Kevin MacDonald, “The political ideas of Anders Behring Breivik,” The Occidental Observer, July 23, 2011, [www.theoccidentalobserver.net/2011/07/the-political-ideas-of-anders-behringbreivik](http://www.theoccidentalobserver.net/2011/07/the-political-ideas-of-anders-behringbreivik).

suas tentativas de chegar ao poder e de convencer o maior número de pessoas possível, aparentam serem as únicas coisas que importa para eles.

O papel da *Alt-Light* torna-se, portanto, cada vez mais evidente. Mesmo considerando que a cultura estadunidense é consideravelmente diferentemente da brasileira no que se refere ao seu entendimento do conceito de raça e do próprio racismo, podemos considerar – ao menos em um primeiro momento – que dificilmente o movimento teria tamanha abrangência caso se utilizasse dessa mesma linguagem e postura. E figuras espalhafatosas como Milo ou jornais que se aproximam ideologicamente de uma direita menos extremista como Breitbart News são de suma importância para a suavização do discurso dessas figuras.

Entretanto, ainda que a *Alt-Light* tenha tido um dos papéis cruciais na divulgação do movimento, existe outra presença que serviu para não apenas suavizá-lo, mas também travesti-lo sob a lógica do humor e do direito à liberdade de expressão: os memes. Como figuras praticamente representantes do que a internet se tornou atualmente, os memes foram extremamente eficientes em sua tarefa de levar a *Alt-Right* ao grande público – principalmente a partir da figura do sapo antropomórfico “Pepe”<sup>36</sup>, tornou-se o símbolo do movimento – além de confundirem as fronteiras de onde terminava o humor e começava o discurso de ódio. Os memes deram à roupagem “jovem” ao movimento, fazendo-os soarem como irreverentes e irônicos, fazendo o grande público se esquecer do racismo do movimento.

Fazer a ligação entre o desenho de um sapo antropomórfico, utilizado majoritariamente em posts de humor nonsense, com um movimento que visa a criação de Estado(s) étnico(s) brancos, parece uma tarefa impossível, obtusa ou mesmo inexplicável em um primeiro momento. Porém, os contornos dessa

---

<sup>36</sup> Segundo Hawley(2017): “He originated on the now-defunct social-media website MySpace. Pepe was part of a comic series known for its scatological humor; he was depicted urinating with his pants down his ankles and remarking, “Feels good, man.” Over time, Pepe became popular as an Internet meme on sites such as 4chan.He is frequently depicted hugging a similarly bizarre whitefaced character known as “feels guy.” (Hawley, 2017, p.2)

peculiar tarefa começam a aparecer, quando notamos que estes memes são utilizados pela *Alt-Right* para introduzir seus termos e conceitos dentro da discussão pública, mesmo para aqueles que estão fora das redes sociais (Hawley, 2017). Isto fica ainda mais claro quando consideramos que em 2016, Donald Trump postou no X uma imagem de si próprio como Pepe, logo, o maior representante da extrema-direita mundial (possivelmente) sabia da existência do movimento. A *Alt-Right* havia, portanto, introduzido a si própria na discussão a partir de um mero compartilhamento de um meme.

A análise em relação à *Alt-Right*, torna-se ainda mais turva devido à larga utilização dos memes em seus discursos, uma vez que a linha entre o humor inocente – e por vezes nonsense – e seus ideais radicais são diluídos em meras imagens facilmente encontradas em redes sociais. Claramente não são todos os membros da *Alt-Right* que são extremistas violentos, entretanto, como diferenciar em um meme a curtiada de um supremacista branco violento que prega a segregação racial e a de um expectador inocente que sequer possui conhecimento em relação ao movimento e apenas achou o meme engraçado? A ausência de resposta para essa pergunta talvez seja um dos principais responsáveis por fazer um movimento como este passar despercebido por seus adversários políticos durante tanto tempo. Logo, muitas pessoas que compartilhavam seus memes nas redes sociais não eram afiliadas com o movimento, fazendo com que seus memes – e consequentemente suas ideias – fossem espalhados por redes sociais que ainda não possuíam uma parcela significativa de seus membros. Voltemos então à postagem de Donald Trump por exemplo, ele não pertence diretamente ao movimento – ainda que Trump possua um apoio considerável de muitos de seus membros, a relação dele com a *Alt-Right* não é exatamente clara (Hawley, 2017), sendo em muitos dos casos exagerada. O único elo direto entre Trump e a *Alt-Right* é Steve Bannon, que assumia a figura de executivo do Breitbart – e não há informações sobre ele ser ou não um usuário do *4chan*, mas estas coisas não o impediram de compartilhar diversos memes do movimento e de uma versão de si próprio como o sapo Pepe.

Por fim, podemos argumentar que memes serviram concomitantemente como um meio da *Alt-Right* expressar toda a sua transgressão frente a um

sistema que eles enxergavam como sendo dominado por “*Snowflakes*”<sup>37</sup> e “*SJWs*”<sup>38</sup>, como também para se esconderem desta mesma transgressão quando acusados de discurso de ódio.

Ainda que sua obsessão com memes e com o conceito de raça sejam duas das suas principais características, seria um erro considerar que os discursos transgressores e patologicamente anti-igualitaristas da *Alt-Right* se resumam apenas a isso. Existe um outro grupo que não apenas é vítima destes memes, como também é alvo de críticas e por vezes de violência online e física: as mulheres.

Dentre os grupos que apresentam ideais anti-mulheres (aqui se enquadram os ideais antifeministas, misóginos e o desconforto com mulheres no geral) os principais são os *Incel*s<sup>39</sup>. Assim como os outros grupos pertencentes à *Alt-Right* estes também possuem um forte teor antigualitarista, ainda que neste caso esta característica se refira a uma visão de contraposição de homens e mulheres e não necessariamente de uma contraposição racial.

Para falarmos dos *Incel*s somos, mais uma vez, obrigados a confrontar o senso comum. Nos últimos anos o termo “*Incel*” passou desde um estereótipo até uma ofensa típica para qualquer um que possua ideais geralmente misóginos ou contra mulheres no geral. O *Incel* nada mais é que um indivíduo, que pode ser tanto homem quanto mulher, que não consegue por fatores diversos encontrar um parceiro sexual. Entretanto, recentemente, a cultura pop<sup>40</sup> e muitos membros da própria comunidade responsáveis por diversos atos de terrorismo doméstico, ajudaram a criar a figura estereotipada do *Incel* como um homem branco jovem, socialmente inapto, cronicamente online, ressentido contra todas as mulheres, violentos e crente de que merece uma maior atenção feminina

---

<sup>37</sup> Gíria estadunidense para pessoas sensíveis, geralmente de esquerda

<sup>38</sup> “Guerreiros da Justiça Social” em tradução livre, se refere geralmente à cultura de apontar supostas injustiças e preconceitos em todos os lugares

<sup>39</sup> Involuntary Celibates ou Celibatários Involuntários em tradução pelo autor

<sup>40</sup> Figuras como o Coringa de Joaquin Phoenix no filme Coringa (2019) ou o Charada de Paul Dano no filme O Batman (2022), ajudam a criar o estereótipo do indivíduo violento, socialmente inapto, crente de que merecia mais e que resolve descontar toda a sua frustração no restante da sociedade



devido a uma suposta superioridade moral de sua parte. Ainda que muitos dos membros dessa comunidade responsáveis por ataques a civis (aparentemente) possuíssem algumas dessas características, seria um erro desonesto considerar que todos eles possuam todas essas características ou que sejam terroristas domésticos em potencial.

A comunidade *Incel* não é tão simples ou coesa quanto este estereótipo os faz parecer, principalmente quando investigamos a origem deste termo e chegamos ao fato de que o termo foi cunhado por Alana Boltwood, uma estudante canadense do gênero feminino e pertencente à comunidade LGBTQIA+ que buscava apoio de pessoas na mesma situação (Sugiura, 2021) e criou um site de apenas textos, em que postava suas experiências, teorias e artigos<sup>41</sup>. Inicialmente o movimento deveria servir como uma comunidade de ajuda mútua entre pessoas que não possuíam relações afetivas pelas mais diversas razões. Posteriormente, Alana teria dado o site a um desconhecido.<sup>42</sup>

Entretanto, como teria ocorrido a passagem de um site pensado como uma comunidade ajuda mútua para um movimento misógino e frequentemente terrorista algo difícil – e talvez impossível – de determinar com precisão. Portanto, possíveis equívocos presentes no senso comum e sua origem relativamente benigna não mudam o fato de que o movimento foi responsável por produzir diversos terroristas domésticos em mais de um país.

Dentre os diversos ataques terroristas, podemos citar o de Elliot Rodger em 2014, que cansado da inexistência de uma vida afetiva, dirigiu-se para uma fraternidade feminina em uma tentativa de matar as mulheres ali dentro, quando não conseguiu atirou aleatoriamente em diversas pessoas, causando 6 mortes e 14 feridos. Ele posteriormente se suicidou. Previamente ao seu ato, Rodger havia escrito um manifesto autobiográfico em que demonstrava seu ódio por mulheres.

---

<sup>41</sup><https://www.theguardian.com/world/2018/apr/25/woman-who-invented-incel-movement-interview-toronto-attack>

<sup>42</sup> SUGIURA, Lisa. **The Incel Rebellion**: the rise of the manosphere and the virtual war against women. (S.I): Emerald Publishing Limited., 2021

“Frustrado por sua incapacidade de conseguir uma namorada ou um encontro, ele canalizou sua raiva em um manifesto autobiográfico e plano assassino, ‘Mulheres devem ser punidas por seus crimes de rejeitarem um cavalheiro magnífico como eu’, ele escreveu ‘Todos esses garotos populares devem ser punidos por aproveitarem vidas perfeitas e fazerem sexo com todas as garotas enquanto eu tenho de sofrer com uma virgindade solitária’ (Wendling, 2018, p.62, tradução do autor)<sup>43</sup>

O manifesto de Rodgers não apenas continha suas frustrações com mulheres, mas também suas frustrações contra indivíduos pertencentes a minorias que supostamente possuíam uma vida afetiva mais ocupada, enquanto ele renegado à solidão. Como Wendling (2018) nota em uma transcrição do manifesto:

“Como pode um garoto negro, feio e inferior ser capaz de conseguir uma garota branca e eu não? Eu sou lindo, e sou meio branco, sou descendente da aristocracia britânica. Ele é descendente de escravos. Eu mereço mais... e se esta escoria feia e negra é capaz de fazer sexo com uma garota branca loira na idade dos 13 anos enquanto eu tenho de sofrer com a virgindade toda minha vida, então isso só prova quão ridículo o gênero feminino é. Elas dariam a si próprias para esta escória imunda, mas elas rejeitam a mim? A injustiça!” (Wendling, 2018, p.63, tradução do autor)<sup>44</sup>

Os *Incel*s são, portanto, outra consequência do ideário da *Alt-Right*. Em que um ódio latente por grupos sociais específicos, o sentimento de rejeição

---

<sup>43</sup> No original: “Frustrated by his inability to get a girlfriend or a date, he channeled his anger into an autobiographical manifesto and murderous plan. “Women must be punished for their crimes of rejecting such a magnificent gentleman as myself,” he wrote. “All of those popular boys must be punished for enjoying heavenly lives and having sex with all the girls while I had to suffer in lonely virginity.” (Wendling, 2018, p.62)

<sup>44</sup> No original: ““How could an inferior, ugly black boy be able to get a white girl and not me? I am beautiful, and I am half white myself. I am descended from British aristocracy. He is descended from slaves. I deserve it more ... if this ugly black filth was able to have sex with a blonde white girl at the age of thirteen while I’ve had to suffer virginity all my life, then this just proves how ridiculous the female gender is. They would give themselves to this filthy scum, but they reject ME? The injustice!” (Wendling, 2018, p.63)

social, a ideia de que mereciam mais e o sentimento de que estão sendo prejudicados em comparação a minorias, são somados na mesma equação e resultando quase sempre em violência tanto dentro quanto fora do mundo online.

Ainda que seja um movimento essencialmente político e com um (aparente) desinteresse em questões econômicas, ao menos no curto prazo, existem grupos dentro da *Alt-Right* que possuem suas próprias aspirações econômicas, sendo o mais significativo deles o movimento libertário. Considerando várias características da *Alt-Right* vistas até o presente momento – principalmente no que se refere ao seu humor característico, sua importância à liberdade de expressão, suas teorias da conspiração que geram desconfiança nas instituições e seu ideário anti-igualitarista – a presença dos libertários em suas fileiras parece pouco surpreendente em um primeiro momento, entretanto, a situação é (novamente) um pouco mais complexa do que aparenta.

As características descritas, em um primeiro momento, podem de fato nos levar a crer em uma ligação imediata entre o libertarianismo e a *Alt-Right*, porém, essa ligação, sem uma explicação prévia e com alguma ressalva, geraria uma série de perguntas que dificilmente poderiam ser respondidas dentro do escopo deste trabalho.

Segundo Hawley (2018) o autor libertário que mais influenciou o movimento fora Hans-Hermann Hoppe, que chegou até mesmo a dar um discurso simpático à *Alt-Right*. Dentre as ideias de Hoppe, estava a defesa que a democracia era a pior forma de governo possível, ataques à imigração em grande escala e a crença de que pequenas comunidades evitariam que pessoas pudessem desenvolver ideias perigosas como igualitarismo, democracia ou comunismo (Hawley, 2018). Portanto, o fato dos membros da *Alt-Right* terem simpatia por suas ideias não é algo exatamente surpreendente.

Para além de Hoppe, entretanto, é difícil delimitar exatamente onde começa e onde termina a influência dos libertários dentro da *Alt-Right*, principalmente quando consideramos que seus ideários parecem se contradizer em pontos cruciais. O Libertarianismo é uma corrente econômica, política e filosófica que coloca a liberdade individual no centro de todas as coisas e pregam um estado mínimo, ou em alguns casos inexistente. Um dos mais notórios

argumentos que dão sustentação à sua doutrina é o “princípio da não agressão” que defende a ideia de que um indivíduo não pode violar o outro ou sua propriedade e isso inclui o Estado. A partir daqui começam a surgir as perguntas sem respostas: como exatamente um movimento que prega a supremacia do indivíduo frente a todas as outras instâncias da sociedade, poderia se ligar a um movimento que coloca a raça acima de todas as características individuais? Como um movimento que prega Estado mínimo ou inexistente se conecta com um movimento cujo maior objetivo é a criação de um Estado étnico branco (que por motivos que vão desde a logística até a estrutura política precisaria de um Estado extremamente atuante para ser posto em prática)? Como o “o princípio de não agressão” dos libertários poderia atuar juntamente com um movimento cuja uma de suas principais características é o racismo?<sup>45</sup>

Não é o objetivo deste trabalho responder estas perguntas, mas sim levantar os questionamentos intrínsecos referentes à presença de libertários dentro das fileiras da *Alt-Right* e suas eventuais consequências. É possível concluir, ao menos em um primeiro momento, que a existência de libertários no movimento é representada em uma escala individual e não necessariamente baseada em princípios ideológicos libertários.

---

<sup>45</sup> Uma hipótese plausível para explicar a presença de libertários dentro da *Alt-Right*, seria a de que eles funcionariam como “relativizadores” das ideias mais radicais do movimento, retirando-as do campo prático e levando-as para o campo abstrato da liberdade de expressão. Evitando desta maneira uma resposta prática e contundente de qualquer meio que viesse punir ou ao menos gerar consequências negativas para o movimento. Entretanto, não é possível levar essa hipótese adiante sem fugir do escopo do trabalho aqui presente.

Tabela 1: Quadro comparativo *Alt-Right* x *Alt-Light*

|                              | <i>Alt-Right</i>                                                                                                           | <i>Alt-Light</i>                                                                                                                |
|------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| O que é?                     | Movimento de extrema-direita surgido em fóruns e idealizado por figuras como Richard Spencer                               | Subcorrente da <i>Alt-Right</i> , servindo como face “aceitável” do movimento diante do grande público                          |
| Ideologia                    | Nacionalismo/supremacismo branco, contrariedade ao feminismo, antigulitarismo, oposição à imigração                        | Contra o politicamente correto, conservadorismo moral                                                                           |
| Relações com a ideia de raça | Consideram a raça algo primordial à identidade do indivíduo; abertamente nacionalistas brancos                             | Questão racial pouco aparece                                                                                                    |
| Objetivos                    | Imposição de suas visões sobre nacionalismo branco e hierarquias raciais, expulsão de imigrantes não brancos               | Influenciar o debate público e a cultura com seus ideais, conectando a mídia <i>mainstream</i> com os ideais de extrema-direita |
| Táticas                      | Ataques coordenados contra desafetos, utilização de memes no debate público, tentativas de criar uma nova hegemonia online | Utilização de mídias alternativas como a Breitbart e a <i>Infowars</i>                                                          |
| Figuras importantes          | Richard Spencer, Kevin Macdonald, Jared Taylor                                                                             | Milo Yiannopoulos, Gavin McInnes, Alex Jones, Breitbart News                                                                    |
| Locais de encontro online    | 4chan, Reddit                                                                                                              | Twitter, Tumblr                                                                                                                 |
| Influências intelectuais     | Julius Evola, Oswald Spengler, Kevin Macdonald, racismo científico, Hans-Hermann Hoppe                                     | Julius Evola, Oswald Spengler, Kevin Macdonald, racismo científico, Hans-Hermann Hoppe, Nova Direita Francesa                   |
| Relação com Trump            | Apoio pragmático, realizado apenas para o cumprimento de seus objetivos                                                    | Forte apoio a Trump, servindo como uma conexão entre ele e o público online                                                     |

Fonte: Elaborada pelo autor

## 2.6. Táticas da *Alt-Right* na Internet

Analisar o comportamento da *Alt-Right* na internet é uma tarefa muito mais complexa do que aparenta ser inicialmente, há duas razões principais para isso: a primeira delas se refere à sua criação dentro dos meios digitais, o que faz com que ela esteja mais acostumada com linguagens e métodos do que outros indivíduos não participantes deste “mundo”; a segunda é decorrência de sua ironia e humor característico, estes por estarem intrinsecamente ligados aos seus discursos, constantemente borram os limites entre as piadas, memes e os discursos de ódio.

Sua linguagem própria - que inclui piadas internas, memes e gírias - da *Alt-Right*, longe de ser “apenas” uma quase comprovação de seu entendimento da estratégia Gramsciana - de se utilizar de uma linguagem própria para criar um entendimento característico de mundo ligado diretamente com sua realidade e por consequência ser capaz de se espalhar por todas as camadas da sociedade, algo que Nagle (2017) já havia percebido anteriormente - é também sua maior vantagem em relação aos seus inimigos e aos “*normies*”. A utilização de sua linguagem não apenas consegue delimitar de forma clara quem são os membros do movimento, como também funciona como uma maneira de reforçar suas ideologias e pensamentos. Dentre os diversos exemplos desta linguagem, podemos ressaltar alguns já citados previamente: Pepe, *normies*, *snowflakes*, *SJWs*, biodiversidade humana ou realismo racial, etc.

A linha tênue entre seu humor característico e os discursos de ódio, todavia, encontra-se em um território muito mais problemático que sua linguagem. Não é possível determinar com clareza até que ponto cada um dos membros e ex-membros da *Alt-Right* está disposto a levar seus ideais, é um fato conhecido de que grande parte deles possui um senso de humor peculiar e baseado em uma interpretação libertária do conceito de liberdade de expressão, porém, muitos deles também são apoiadores de ideais anti-democráticos e por vezes violentos. Portanto, a visão binária de “onde traçar a linha” de onde termina o humor e onde começa o discurso de ódio não pode ser usada completamente para analisar seus comportamentos na internet, visto que essa “linha” pode nem

sequer existir para alguns membros e para outros pode (ironicamente) se transformar em uma piada.

Consequentemente, uma das principais táticas da *Alt-Right* online é se aproveitar dessa dubiedade de seu humor, passando a utilizá-lo tanto como um meio de ataque como uma defesa contra seus inimigos.

“O senso de ironia serve como uma arma e um escudo. Eles podem fazer piadas sobre nazistas, mas se alguém acusa um ativista de ser de fato um nazista, eles podem se virar e zombar de seu oponente por sua falta de senso de humor” (Wendling, 2018, p.75, tradução do autor)<sup>46</sup>

Outra tática comum da *Alt-Right* é igualar as reações de seus inimigos diante de seus ataques com seus próprios ataques, em uma tentativa de não apenas relativizar suas próprias atitudes e discursos, mas também de apontar uma hipocrisia por parte destes em engajar em discursos que eles próprios criticam.

“E, num dos passatempos favoritos da *Alt-Right*, insultos são lançados de volta para seus inimigos, pois quase nada lhes dá mais prazer do que apontar hipocrisia e recorrer à falácia lógica clássica: “Você também faz!” Assim, se um membro da *Alt-Right* é acusado de ser racista ou sexista, é provável que eles contra ataquem apontando algum exemplo flagrante de comportamento similar por alguém da esquerda” (Wendling, 2018, p.11, tradução do autor)<sup>47</sup>

Seu alvo preferido, segundo Wendling (2018), seriam os SJWs<sup>48</sup>:

---

<sup>46</sup> No original: “Their sense of irony acts as a weapon and a shield. They may make jokes about Nazis, but if anyone accuses an activist of actually being a Nazi, they can turn around and mock the opponent for their lack of a sense of humor.”

<sup>47</sup> No original: “And, in one of the favorite pastimes of alt-righters, insults are hurled back at their enemies, for almost nothing pleases them more than pointing out hypocrisy, and appealing to the classic logical fallacy, “You do it too!” And so if an alt righter is accused of being racist or sexist, they’re likely to fight back by pointing out some egregious example of similar behavior by someone on the left” (Wendling, 2018, p.11)

<sup>48</sup> No original: “SJW” is the ultimate “you-do-it-too” alt-right insult—the stereotypical social justice warrior is obsessed with identity, easily triggered, politically voracious, and willing to engage in all sorts of nasty tactics to push their point online.”

“SJW é o principal argumento “você também faz” da *Alt-Right* - o estereótipo do Guerreiro da Justiça Social é obcecado com identidade, facilmente irritado, politicamente voraz, e disposto a aplicar todo tipo de tática desonesta para promoverem seu ponto de vista online” (Wendling, 2018, p.94)

A *Alt-Right* também se utilizou de seu ativismo online, sua retórica agressiva (e regularmente violenta), sua linguagem própria e seus ataques a inimigos e desafetos como um meio de ajudar a primeira campanha de Donald Trump para a presidência dos EUA, entre 2015 e 2016. No verão de 2015, membros da *Alt-Right* publicaram diversas hashtags ofensivas contra adversários políticos de Trump, como uma forma de acusá-los de serem traidores e terem se rendido ao liberalismo (Lyons, 2017).

As táticas do ativismo online que o movimento realizou em prol da eleição de Trump além de serem o “de sempre” (comentários racistas e misóginos, difamação de adversários, doxxing, etc) também envolveu ameaças de morte e de violência sexual,

“Na Primavera de 2016, por exemplo, manifestantes anti-Trump na Universidade do Estado do Portland foram inundando com mensagens racistas, transfóbicas e antisemitas, doxxing, e ameaças de estupro e de morte, enviadas por contas anônimas de redes sociais. Refletindo a influência da *manosphere*, o assédio da *Alt-Right* enfatizou com frequência violência sexual e a humilhação de mulheres e meninas, mesmo os alvos eram supostamente homens” (Lyons, 2017, p.15, tradução feita pelo autor)<sup>49</sup>

além da criação de uma série de anúncios falsos da campanha de Hillary Clinton que incentivam mulheres a entrar no exército devido a uma suposta guerra com a Rússia que ela começaria.

---

<sup>49</sup> No original: “In the Spring of 2016, for example, anti-Trump protesters at Portland State University were flooded with racist, transphobic, and antisemitic messages, doxxing, and rape and death threats, sent from anonymous social media accounts. Reflecting the *manosphere*’s influence, Alt Right harassment often emphasized sexual violence and the humiliation of women and girls, even when men were the supposed targets.” (Lyons, 2017, p.15)



“Um dos mais habilidosos usos das redes sociais pela *Alt-Right* em 2016 foi o meme *#DraftOurDaughters*, que esteve em alta no Twitter na semana anterior à eleição. Como o website *Know Your Meme* explicou, *#DraftOurDaughters* é uma hashtag satírica nas redes sociais lançada por apoiadores de Donald Trump que encorajava mulheres estadunidenses a se registrarem no Serviço Seletivo, em preparação para cenários hipotéticos de operações militares dos Estados Unidos, que seriam supostamente iniciadas por Hillary Clinton se ela eleita como Presidente dos EUA. A campanha incluía uma série de propagandas falsas da campanha de Clinton, muitas delas mostravam mulheres em uniformes militares e slogans como “Hillary enfrentará a agressão russa, você estará com ela?”, “eu prefiro morrer numa guerra do que viver sob preconceito”, e “Na casa branca ou em solo russo. A luta por igualdade nunca para”. (Lyons, 2017, p.15, tradução do autor)<sup>50</sup>

### 3. Movimentos de Extrema-Direita Brasileiros

#### 3.1. Introdução

De forma semelhante à nossa discussão em relação à *Alt-Right*, antes de iniciar a discussão em relação aos movimentos de extrema-direita brasileiros do período é preciso trazer algumas ressalvas e retirar do caminho alguns equívocos e simplificações excessivas sobre estes movimentos.

A primeira delas é em relação às visões presentes no senso comum - principalmente no que se refere a determinados meios intelectuais e midiáticos - acerca da composição destes movimentos. Devido à grande quantidade de teorias envolvendo este tema, é relativamente fácil escolher apenas um autor e considerar que suas teorias respondem todas as questões que a composição

---

<sup>50</sup> No original: “One of the Alt Right’s most skillful uses of social media in 2016 was the *#DraftOurDaughters* meme, which was trending on Twitter the week before the election. As the website *Know Your Meme* explained, “*#DraftOurDaughters* is a satirical social media hashtag launched by supporters of Donald Trump which encourages America women to register for Selective Service in preparation for hypothetical scenarios of United States military operations that would supposedly be launched by Hillary Clinton if she were elected as President of the United States. The campaign included a series of fake Clinton campaign ads, many of which feature images of women in military uniform and slogans such as “Hillary will stand up to Russian Aggression. Will you stand with her?,” “I’d rather die in a war than live under bigotry,” and “In the White House or on Russian soil. The fight for equality never stops.”” (Lyons, 2017, p.15)

destes movimentos gera. Portanto, seria um equívoco considerar sua composição como algo homogêneo, isso é, considerar que seus seguidores advêm apenas de uma classe média enraivecida pelas políticas sociais petistas; de uma burguesia escravocrata e aporofóbica; de antipetistas; de manipulados midiáticos; fanáticos religiosos ou mesmo de fascistas declarados. Logo, arriscando ser repetitivo, é preciso reiterar que se utilizar de tais visões de composição homogênea é um equívoco que pode comprometer o entendimento em relação a estes movimentos.

Outro equívoco que se deve evitar é a ideia de que todos os problemas relacionados à democracia brasileira ocorridos no período - indo desde as Jornadas de 2013, passando pelo *Impeachment* de Dilma Rousseff até a eleição de Jair Bolsonaro - tenham sido quase única e exclusivamente influenciados por fatores externos em nome do grande capital internacional. Mesmo que tal visão aparente ser improvável e mesmo risível a depender de qual lado do espectro político o leitor se encontre, ela ainda encontra muitos apoiadores entre alguns círculos intelectuais. O objetivo do presente trabalho não é negar a tese de que houve interferência internacional nos eventos aqui citados, uma vez que considerando a bibliografia e as informações disponíveis para escritura deste, dificilmente poderíamos confirmar ou negar tamanha afirmação. O que se espera aqui é considerar que tiveram fatores internos que possuíram razoável influência nos acontecimentos que antecederam o (res)surgimento de grupos de extrema-direita de cunho antidemocrático dentro do território nacional.

Para além do erro de se considerar a homogeneidade da composição dos apoiadores destes movimentos, é preciso também evitar o erro de se considerar a homogeneidade comportamental destes. Após a tentativa fracassada de tomada de poder em 2022, a reação - ao menos inicial - de muitos políticos, jornalistas e intelectuais de ambos os espectros políticos foi o de tratar os apoiadores desses movimentos como um conjunto (demasiadamente estereotipado) de fanáticos antidemocráticos, mentalmente desequilibrados, indivíduos excessivamente violentos, dentre outros adjetivos pouco positivos. Entretanto, negar ou afirmar com certeza tais ideias não apenas é algo de viabilidade questionável, mas que também inviabilizaria muitas de eventuais análises acerca destes, portanto, reduzir os indivíduos pertencentes a estes

movimentos aos comportamentos praticados durante um fatídico acontecimento seria uma análise equivocada.

Por fim, ainda nos mantendo na tarefa de contradizer as visões de senso comum, referentes à incapacidade intelectual e comportamental dos membros de tais movimentos, é preciso destacar a presença de intelectuais dentro destes. Chaloub e Perlatto(2016) trazem quais seriam os intelectuais desta “Nova Direita”<sup>51</sup> - que aqui será entendido como um termo guarda-chuva para os diversos grupos de extrema-direita a serem retratados posteriormente -, argumentando que estes se dividem em dois grupos distintos que serão discutidos posteriormente: a direita militante e a direita teórica. No que se refere à Direita Militante, estão presentes nomes como Rodrigo Constantino, economista, escritor, comentarista político, chegando a possuir colunas em jornais de grande circulação como o Globo; Marco Antônio Villa, historiador, ex-professor universitário, e ex-comentarista político na CNN; Diogo Mainardi, comentarista político, escritor, ex-colunista da Veja; Guilherme Fiuza, escritor, jornalista, colunista e comentarista na Jovem Pan; e por fim, Reinaldo de Azevedo, escritor, jornalista, comentarista político, e colunista em meios de comunicação como a revista VEJA e o jornal Folha de São Paulo, Azevedo aparenta ter abandonado recentemente seus ideais extremistas de direita e assumido uma postura mais próxima do centro político.

. Em relação à direita teórica, estão presentes duas figuras de grande relevância: Olavo de Carvalho, que foi um autodenominado filósofo, escritor, astrólogo, um dos ideólogos do ex-presidente Jair Bolsonaro; e Luiz Felipe Pondé, um professor universitário, escritor e colunista na Folha de São Paulo. Portanto, ainda que sejam exemplos isolados, a presença destes intelectuais

---

<sup>51</sup> Considerando que o termo “Nova Direita” não é um consenso dentro do meio acadêmico, optou-se por se utilizar, neste caso em específico, um entendimento deste como um termo “guarda-chuva” que abrigaria dentro de si diversos grupos de extrema-direita, algo parecido com que a Alt-Right faz. Esta, porém, ainda possui uma certa unidade com certos grupos se apresentando como Alt-Right e chegando até mesmo a ter um “rosto” que se apresentava como um dos seus principais representantes (e que ajudou a cunhar o termo “Alt-Right”) Richard Spencer. O que não ocorre (pelo menos não ainda) na Nova Direita, e muitos dos movimentos aqui tratados se consideram apenas como “direita” e não como “Nova Direita”, não tendo uma unidade grupal de fato. Para tanto, iremos nos referir a estes movimentos como “Movimentos de Extrema-Direita”.

dentro dos movimentos de extrema-direita brasileiros serve para descredibilizar qualquer teoria que diga que tais movimentos são formados única e exclusivamente por indivíduos fanáticos, violentos e pouco capacitados intelectualmente.

Como pode-se notar, todos os intelectuais que exerceram algum tipo de influência nos ideais e comportamentos dos movimentos de extrema-direita possuem ou em algum momento possuíram algum tipo de vínculo com a grande imprensa. Possivelmente, isto não passa de uma coincidência um tanto quanto curiosa, principalmente quando uma parte considerável dos veículos de imprensa brasileiros influenciaram indiretamente estes movimentos, seja a partir da criação de um inimigo comum representado na figura do petista (ou do “petralha” segundo alguns destes intelectuais), seja na espetacularização de operações policiais referentes ao combate à corrupção ou mesmo em seu constante posicionamento contra o PT.

Chaloub e Perlatto (2016) além de elencar os principais intelectuais destes movimentos, também elencaram seus principais argumentos: a ausência de virtudes na cultura brasileira; a culpabilização da esquerda por todos os males do país; a ideia de que os argumentos da esquerda seriam abstratos e não correspondem ao mundo real; a ideia de que a direita estaria mais próxima dos ideais da população; antipetismo; e uma dupla aceitação entre a direita liberal e a conservadora, com os primeiros aceitando a visão moralizadora dos segundos, e os segundos se omitindo de seu medo que a lógica mercadológica do capitalismo impossibilitasse os valores tradicionais.

E por fim, é importante notar que mesmo que os movimentos de extrema-direita brasileiros possuíssem sua cota de participação digital - principalmente no que se refere a páginas no Facebook que se estendiam aos mais diversos ideais de direita, com páginas a favor de ideais policiais, páginas a favor de políticos e ideais de direita, páginas conservadoras e com ideais anticorrupção, e por fim hashtags e grupos feitos em apoio a políticos de direita<sup>52</sup> - entretanto,

---

<sup>52</sup> Esther Solano no trabalho “Quem é o Inimigo? Retóricas de Inimizade nas Redes Sociais no período de 2014-2017” traz alguns exemplos de páginas no Facebook com estes temas a partir de dois clusters: o cluster policial e o cluster anticorrupção. Em relação às páginas policiais podemos citar: Nascia para ser Polícia, Amigos da Rota, Eu Apoio a Polícia Militar, Campanha

seu desenvolvimento se deu de forma muito menos obscura que os grupos que posteriormente dariam origem à *Alt-Right*. Sites e Redes sociais mais “famosas” como o Facebook e posteriormente o Twitter e o Whatsapp (que passara a ser utilizado para disparos em massa de *fake news* por parte destes movimentos) foram essenciais para a (res)surgimento destes movimentos, o contrário do que ocorreu com a *Alt-Right*, que surgiu em cantos afastados e obscuros da internet, e que possuíam seu ponto de encontro na sessão */pol/* do 4chan - um site consideravelmente menos conhecido que outras redes sociais. Não se pode ter certeza das razões para que isso tenha ocorrido, a teoria mais provável, é que tal diferença se dê por características peculiares brasileiras quando comparadas com as estadunidenses, entretanto, também existe a possibilidade de que eles optaram por se reunir “a céu aberto” porque não possuíam a necessidade de se esconder, uma vez que como estes grupos foram fortemente influenciados pela mídia Mainstream do período - que possuía um forte teor antipetista - eles se sentiam confortáveis o suficiente para expor suas opiniões em cantos mais conhecidos da internet, o que não acontecia com a *Alt-Right* cujos ideais eram fortemente contrários ao que vigorava no período. Logo, ainda que existam hipóteses mais ou menos prováveis, seria impossível afirmar com clareza as razões para essa diferença

### 3.2. Contexto

O res(surgimento) dos movimentos de extrema-direita brasileiros não foi algo repentino, que fez com que milhares de pessoas assumissem uma ideologia antidemocrática que mais tarde resultaria em uma violenta tentativa de tomada de poder. Pelo contrário, é um resultado da confluência de acontecimentos e processos históricos e da participação de vários grupos, movimentos e classes sociais, que resultaram na eleição de Jair Bolsonaro em 2018 - em uma

---

do Armamento, Orgulho de Ser Polícia, dentre muitas outras. Sobre as páginas com ideais conservadores, de direita e anticorrupção: Movimento quero me defender, Mobilização Patriota, Sérgio Moro 2018 - presidente, Movimento endireita Brasil, Juiz Sérgio Moro, O Brasil está com você, dentre outros.

campanha marcada pela utilização de *Fake News*, ataques à democracia e mesmo um atentado à sua vida - fórmula esta que foi repetida nos EUA em 2024.

Elencaremos os acontecimentos do período na seguinte ordem: as Jornadas de Junho de 2013, a Operação Lava Jato, o *Impeachment* de Dilma Rousseff e a prisão do ex (e atual) presidente Lula. Todos esses acontecimentos resultaram em um desgaste tanto da política quanto da figura do político como um todo, o associando com a ideia de corrupção. O que possibilitou que houvesse as condições necessárias para que figuras (supostamente) fora do establishment político chegassem ao poder, alegando se colocar contra tudo e contra todos.

Mas vamos começar do início.

Talvez seja uma tarefa demasiadamente complicada e com poucas possibilidades de êxito tentar analisar os movimentos de extrema-direita da década de 2010, sem antes trazermos uma análise de uma das primeiras fagulhas do sentimento antipolítico que posteriormente assumiria parte considerável do discurso público: as Jornadas de Junho de 2013.

O início das Jornadas ocorre após o aumento de vinte centavos no preço das passagens de ônibus em São Paulo. Após esse aumento, o Movimento Passe Livre (MPL) convoca as primeiras manifestações na capital paulista.

A reação inicial da grande mídia foi contrária às manifestações e seus participantes, pedindo uma maior repressão por parte da prefeitura e do governo do estado. O que de fato veio a ocorrer.

As tentativas midiáticas de ignorar e justificar os atos de violência praticados pela polícia militar do estado foram infrutíferas. Uma vez que com o aumento do número de manifestantes, houve também um aumento da repressão policial que foi extensamente divulgada em redes sociais. Fazendo com que a mídia fosse obrigada a mudar seu posicionamento de inicial demonização das manifestações para uma certa simpatia a estas, em uma tentativa de manter as manifestações e seus líderes longe dos partidos de esquerda (Calil, 2013).

A Operação Lava-Jato teve início no ano seguinte às Jornadas, e diferentemente destas - que afetaram governos de ambos os espectros políticos

– ela se direcionou a descrença da população com a figura da política e a redirecionou para o Partido dos Trabalhadores e deu ao ex-juiz e atual Senador Sérgio Moro um caráter messiânico cujo papel seria o de limpar a corrupção.

“Ao longo de 2015 aparece o apoio explícito ao impeachment de Dilma Rousseff (de novo fundamentado na ideia de que o governo seria corrupto e incompetente) e vai se construindo uma retórica de apoio à figura do juiz Sérgio Moro, que teria a “missão” de “limpar” o Brasil dos corruptos. Neste sentido, constrói-se uma ideia moralista da luta contra a corrupção, em que o PT e, fundamentalmente, Lula, estariam representando o “mal” e, no polo oposto, o juiz Sérgio Moro seria o representante do “bem”, cuja tarefa quase messiânica seria salvar o Brasil de corruptos. A prisão de Lula, portanto, seria a conquista mais desejada desta luta moral anticorrupção.” (Solano, 2019, p.94-95)

Antes da discussão sobre o que foi a operação é preciso fazer mais uma ressalva: a Operação Lava-Jato assim como quase todos os processos e acontecimentos históricos é vítima constante de uma disputa de narrativas e interpretações. Não é nosso objetivo discutir se há uma narrativa mais ou menos correta, visto que seria algo pouco frutífero para nossa discussão.

Iniciada em 2014, a Operação Lava-Jato tinha como objetivo o combate a corrupção que se originou a partir da investigação de utilização de uma rede de postos de combustível e, obviamente, lava-jatos para a movimentação de recursos de origem ilegal, ligados a doleiros. Mesmo com sua humilde origem, foi capaz de trazer à superfície escândalos de corrupção associados a empresas estatais e privadas, sendo os dois maiores exemplos a Petrobras e a Odebrecht, e a políticos de direita e esquerda.

O impeachment de Dilma Rousseff é um tema polêmico e marcado por controvérsias, que não serão exploradas aqui, opinar sobre a legitimidade de tais acontecimentos, não é algo ao qual o escopo deste trabalho se propõe e semelhantemente com a discussão sobre a legitimidade da Lava-Jato, dificilmente traria resultados positivos para a discussão proposta. O *impeachment*, mesmo sendo algo polêmico e repleto de críticas sobre sua

validade, foi um símbolo importante em relação à figura do PT e sua visão diante do público em geral.

A razão oficial para o impedimento de Dilma foram as Pedaladas Fiscais, todavia, considerar que elas foram a única razão para tal acontecimento é um exagero e talvez um ato equivocados. Moreira e Veronez (2021) consideram que o Impeachment foi causado por uma série de fatores, como um momento econômico pouco propício, casos de corrupção, instabilidade política e uma insatisfação popular - possivelmente causada por todos esses fatores quando colocados junto ao antipetismo do período. É importante notar também que a Dilma foi culpada diretamente por muitos destes acontecimentos, sendo considerada incompetente para o cargo, com políticas econômicas equivocadas e tendo até mesmo seu passado de guerrilheira trazido à tona.

“A corrupção petista, juntamente com a inabilidade da ex-presidente Dilma Rousseff de governar, seriam os fatores fundamentais da atual crise econômica, política e moral vivida pelo país. (...)”

A figura de Dilma também foi alvo das mais variadas críticas, que iam da sua hipotética incompetência e equivocada política econômica ao seu passado de guerrilheira, incluindo também seus posicionamentos sobre “questões morais”, como o fato de que ela seria pró-aborto, por exemplo.” (Solano, 2019, 94-95)

E por fim, mas não menos importante: a prisão de Lula, não representou apenas a prisão de um candidato à presidência em um momento um tanto quanto peculiar, mas também cristalizou um sentimento antipolítico que associava os partidos tradicionais à ideia de corrupção

“Em 2017 apareceu um novo componente da narrativa anticorrupção: a antipolítica. Depois do *impeachment* e conforme a Operação Lava Jato ia aumentando seus alvos para além do PT, cada vez mais posts surgiram com a ideia de que a corrupção já não seria só um “mal” petista e sim um “câncer” que afeta o sistema político-partidário no seu conjunto. Constrói-se uma identificação clara entre a figura do partido tradicional (fundamentalmente PT, PSDB e PMDB) e a corrupção. Os



partidos tradicionais seriam máquinas corruptas que se apropriaram da política para satisfazer seus próprios interesses e obter benefícios pessoais” (Solano, 2019, p.95).

O papel que os grandes veículos de comunicação assumiram nestes casos não foi apenas de uma notória parcialidade contra o Partido dos Trabalhadores, mas foi “essencial na construção binária cidadão de bem x bandido” (Solano, 2019, p.87) que mais tarde evoluiria para cidadão de bem x corrupto. Isso ajudou a criar uma lógica de espetáculo em relação à justiça, em que esta não era definida e feita por membros especializados do judiciário a partir de análise de provas, mas pela opinião pública conduzida pela grande imprensa, ocorrendo, desta maneira, uma sobreposição entre imprensa e justiça (Solano, 2019).

“O controle da justiça é exercido pela imprensa, ou seja, uma entidade privada, e por uma sociedade que assiste à teatralização do processo penal, a qual provoca, em última instância, anseios de linchamento em praça pública. (Solano, 2019, p.87)

Considerando todos esses acontecimentos e o papel que a mídia, tanto tradicional assumiu - a partir de divulgações de julgamentos na internet, premiações à Sérgio Moro<sup>53</sup>, dentre outras coisas - não é difícil entender como esses movimentos de extrema-direita tiveram tanta aderência. Uma economia que ia abaixo do esperado, empobrecimento da população, espetacularização midiática aos frequentes casos de corrupção e a criação de um inimigo em comum, foram colocados todos na mesma equação e o resultado foi um sentimento de irritação antipolítica, antissistema e antipetista por parte da população. Um sentimento que a extrema-direita soube de forma relativamente bem-sucedida direcionar contra as instituições políticas e a política sociais.

---

<sup>53</sup> <https://veja.abril.com.br/columa/maquiavel/moro-recebe-de-doria-premio-de-pessoa-do-ano-em-ny>

Jessé Souza (2019) ao tratar o neoliberalismo em terras brasileiras, acaba por chegar em uma conclusão semelhante à de Wendy Brown (2019) de que os movimentos autoritários – neste caso, os brasileiros – são alimentados por uma população recém empobrecida e irritada com um sistema que teria prejudicado. Entretanto, as razões para isso são consideravelmente diferentes. Brown aponta a queda de uma supremacia dos indivíduos brancos no ocidente, somadas com o seu empobrecimento e o redirecionamento da culpa do grande capital financeiro para o Estado. Jessé aponta que, no caso brasileiro, o sentimento de empobrecimento passa a ser visto como consequência da “corrupção” estatal e não como um resultado direto de políticas neoliberais e saques aos bens públicos brasileiros. Portanto, a primeira diferença entre os dois países é de que no caso brasileiro não há um redirecionamento de culpa do grande capital ao Estado, ela (com a ajuda dos grandes meios de comunicação) já tem seu início no Estado. O segundo ponto a se notar refere-se à divisão de classes entre os membros desses movimentos de extrema-direita. Segundo Souza (2019) parte da burguesia e da classe média brasileira, motivadas por seu ódio pelas classes mais baixas sempre possuíram ideais autoritários e antipopulares, enquanto que as classes populares que adentraram tais movimentos eram formadas por pessoas enraivecidas por um sentimento de empobrecimento e com um sentimento antipolítica, alimentado em grande parte pela grande mídia, culpavam o “primeiro bode expiatório socialmente legitimado” (Souza, 2019, p. 221), que inicialmente fora o PT, mas que logo se tornara os negros, os gays, as mulheres, os nordestinos, os indígenas e outras presas fáceis (Souza, 2019).

### 3.3. Olavo vai para o *mainstream*

O recém falecido Olavo de Carvalho para muito além de ser apenas um esdrúxulo personagem que possuía significativas ligações políticas com Steve Bannon, Família Bolsonaro e indivíduos que futuramente se tornariam políticos em cargos importantes como Ernesto Araújo e Marcel Van Hattem, ele era um dos elos que, juntamente com o antipetismo, conectava vários destes movimentos de extrema-direita.

Antes de se tornar uma figura conhecida nacionalmente por ser o guru de Bolsonaro, ele já possuía uma obscura carreira nos meios da extrema-direita, seja por seu site “Mídia Sem Máscaras” que funcionou, durante muito tempo, como o principal propagador de suas ideias, seja por seu relativamente bem-sucedido curso de filosofia. Conseguiu aumentar ainda mais sua popularidade a partir da utilização das redes sociais, que passaram a ser outro meio de propagar seus ideais. Como nota Prado (2021), a partir de 2013, alunos e ex-alunos de Olavo trouxeram para o *Mainstream* político um conservadorismo radical e ideais de extrema-direita, aumentando ainda mais o processo de mistificação ao seu redor.

Essa mistificação ao seu redor juntamente com a fascinação por parte de seus alunos, gerava uma lógica de culto (Procópio, 2024) em que a figura de Olavo nunca deveria ser questionada, tinha sempre razão e que estava formando uma elite intelectual no Brasil

“E esse fascínio era, parcialmente, explicável: além do sentimento de pertencimento a um grupo que se considerava uma elite intelectual que iria executar um “resgate da alta cultura no Brasil”, Olavo fazia sentirem-se muito especiais, muito acima de todos aqueles que não eram seus alunos. Com sua vasta bagagem cultural e intelectual, conhecimento em programação neurolinguística e, o mais importante, as centenas de humilhações públicas que ele e outros alunos executavam contra aqueles que não aceitavam ser completamente submissos e devotos à sua autoridade, Olavo introduzia nos seus alunos um enorme sentimento de orgulho, superioridade e invencibilidade que, tornando-os fanáticos em prol de sua figura, resultaria em pessoas sem limites morais conforme testemunhamos.”  
(Prado, 2021, p.43)

Olavo conseguia agradar quase todos os grupos da direita: era extremamente conservador, defensor do cristianismo, antipetista e anticomunista, espalhava teorias da conspiração envolvendo marxistas infiltrados em todas as esferas culturais e políticas, além de possuir capacidade de mimetizar uma grande erudição, o que o fazia soar como grande intelectual

que se recusava a seguir as normas do “sistema”, uma visão que aparentemente ele próprio tinha de si. Essas características o permitiam agradar desde conservadores radicais até mesmo liberais radicais e teóricos da conspiração.

Muitos de seus discursos foram capazes de produzir teorias conspiratórias, ideias e crenças que vigoram até os dias atuais nas mais diversas camadas da sociedade e em grupos sociais. Sua ideia de que haveria um Marxismo Cultural (ou Gramscismo Cultural) que estaria infiltrado em todas as instâncias da sociedade brasileira, em especial nas universidades públicas, gerou não apenas um inimigo em comum para os grupos de extrema-direita, que agora passavam a ter um “argumento” para suas paranóias e caça às bruxas marxistas, como ajudou a gerar preconceitos contra as universidades públicas diante da população no geral. E para muito além desse suposto marxismo nas universidades, estaria o Partido dos Trabalhadores, que agora passava a ser visto como o representante do comunismo em terras brasileiras e parte de uma conspiração internacional representada pelo Foro de São Paulo.

“O PT faria parte de uma conspiração comunista internacional, simbolizada pelo Foro de São Paulo e representada pelas figuras de Cristina Kirschner, Nicolás Maduro e Evo Morales. Juntos, estes atores formariam uma aliança internacional bolivariana para implantar regimes comunistas na América Latina. O caso do financiamento do BNDES para construir o Porto de Mariel em Cuba, ou a vinda de médicos cubanos para o Programa “Mais Médicos”, são citados como exemplos que embasariam esta teoria da conspiração comunista.”(Solano, 2019, p.94)

Olavo, ironicamente (ou não), ao vociferar contra o suposto Gramscismo Cultural, estava ele próprio se utilizando da estratégia gramsciana para conseguir convencer o maior número de pessoas de seus ideais. Ainda que tenha aplicado essa estratégia de forma muito menos explícita que a *Alt-Right* - visto que ele também se aproveitou, e muito, do contexto midiático do período, principalmente referente ao antipetismo - ele foi muito bem sucedido, ao criar no imaginário dos seus seguidores uma interpretação característica da realidade em que os grupos de extrema-direita, influenciados por ele, se encontravam.

Essa interpretação, longe de ser apenas um amontoado de teorias conspiratórias - ainda que tivesse sua cota delas - serviu para, entre muitas outras coisas, facilitar a expansão da extrema-direita para diversas camadas sociais, que passaram em muitos casos a repetir - mesmo sem perceberem - seus discursos.

Portanto, não é algo surpreendente que Olavo tenha conseguido reunir ao seu redor o apoio (ou ao menos o não ataque) de grande parte dos meios da direita. Sua capacidade de produzir discursos que se encaixam nos ideais de vários destes movimentos, foi essencial para que ele se tornasse um elo de ligação entre muitos deles.

### 3.4. Ideologicamente falando

O primeiro ponto a se notar na discussão sobre a ideologia dos movimentos de extrema-direita que reemergiram na sociedade brasileira no período, é o fato destes possuírem uma grande pluralidade de características ideológicas, fazendo com que grupos que possuem pensamentos consideravelmente distintos consigam coexistir ligados por apenas alguns elos em comum.

De acordo com Miguel (2021) os movimentos de extrema-direita podem se dividir em três eixos, que podem a vir se intercambiar de acordo com as necessidades propostas. Estes eixos são: anticomunismo, libertarianismo e o fundamentalismo religioso.

O seu anticomunismo é frequentemente associado com o antipetismo, que veria o Partido dos Trabalhadores como “a encarnação do comunismo no Brasil” (Miguel, 2021, p.22). Essa paranoia anticomunista não é apenas uma reciclagem de um ideal já ultrapassado dos tempos de Guerra Fria, mas é sobretudo uma procura e uma tentativa de combate a um inimigo interno que estaria em todas as instâncias da sociedade brasileira. As ideias de Olavo em relação ao Marxismo/Gramscismo cultural são fundamentais para a difusão desses ideais.

Essa leitura um tanto quanto peculiar da obra de Antonio Gramsci também traz dentro de si a mistura do anticomunismo com o reacionarismo moral (Miguel,

2021). Sob essa leitura, Gramsci teria criado uma maneira de derrubar o capitalismo e a sociedade ocidental a partir da “dissolução da moral sexual convencional e da estrutura familiar tradicional” (Miguel, 2021, p.22). Em resumo: Gramsci, objetivando a derrubada do capitalismo, realizaria um ataque aos valores tradicionais da nação. Portanto, a demasiada importância que muitos membros destes movimentos dão à ideia de “família tradicional” não seria injustificada, quando pensada sob essa lógica.

O libertarianismo seguido por esses movimentos, é uma das muitas características em comum que eles possuem com a *Alt-Right*, e funcionaria - resumidamente - como uma forma de ultraliberalismo em que o Estado seria escanteado e se possível tornado inexistente, e seria substituído pela lógica do mercado.

A ideologia libertária juntamente com sua desconfiança intrínseca pelo Estado e pelo fascínio pelo capitalismo desregulado que ela aparentemente gera em seus seguidores, nos leva diretamente uma ideia de grande afinco para estes grupos: o empreendedorismo. A figura do empreendedor neste caso, é uma consequência direta de ideais libertários e neoliberais - como o individualismo e a ultravalorização da livre iniciativa - em que “O trabalhador – em particular o trabalhador precarizado, despido de vínculo empregatício – é instado a ver em si mesmo um capitalista em formação” (Miguel, 2021, p.23).

O fundamentalismo religioso, ainda que aparente uma maior notoriedade nos anos recentes, não é exatamente um evento recente na política brasileira, estando nela desde – pelo menos – meados dos anos 90. Portanto, o poder assumido por pastores como Silas Malafaia e Edir Macedo dentro de vários meios políticos não foi um evento repentino.

Consequentemente, a mudança de postura das igrejas evangélicas não estaria ligada à existência de sua participação política em si, uma vez que esta sempre existiu, mas sim em como ela passou a acontecer. O que mudou nos últimos anos foi como essa participação política se deu, passando de um inicial pragmatismo político e não ideológico com os governos petistas (Borges e Vidigal, 2023) para uma guinada em direção à extrema-direita.

São muitas as razões que levaram à estas mudanças de atitudes das igrejas evangélicas em relação ao seu posicionamento político. De acordo com Borges e Vidigal (2023, apud Rodrigues; Fuks, 2015) os evangélicos frequentam suas igrejas de forma mais assídua que os católicos, fazendo com que eles possuam uma maior probabilidade de serem influenciados por estas. Além do mais, os evangélicos também são mais conservadores que os católicos em relação a temas como aborto, casamento e papéis de gênero. Esse caráter mais conservador dos evangélicos entrou em embate direto com as mudanças progressistas ocorridas na sociedade e na legislação brasileira durante os governos petistas como é o caso da legalização do casamento de pessoas do mesmo sexo pelo STF em 2010. E na ausência da figura de um partido conservador forte, ficou a cargo dos evangélicos levar adiante tais ideais (Borges e Vidigal apud Smith, 2019).

O último passo para o rompimento total do antigo pragmatismo evangélico foi o massivo apoio das igrejas evangélicas ao então candidato Jair Bolsonaro na eleição de 2018, que foi posteriormente recompensado pela indicação de lideranças evangélicas em cargos chave em seu governo.

É importante ressaltar, que o fundamentalismo não necessariamente pressupõe um fanatismo. Miguel (2021) vai definir fundamentalismo como a percepção de uma verdade que negaria qualquer contestação ou debate, considerando tal definição, é de se esperar que em muitos casos fanatismo e fundamentalismo andem juntos. Entretanto, em muitos casos, este é apenas uma forma de discurso que irá variar de acordo com a oportunidade ou necessidade dos pastores:

“É um discurso utilizado de acordo com o senso de oportunidade de seus líderes: contribui para manter o rebanho disciplinado, imuniza-o diante de discursos contraditórios e fornece aos chefes um capital importante, isto é, uma base popular, com o qual eles negociam. O controle de emissoras de rádio e televisão completa o quadro. Os líderes religiosos desempenham o papel de novos coronéis da política brasileira.” (Miguel, 2021, p. 21)

Esses três eixos podem ser intercambiados de diversas formas sempre que houver a necessidade, um exemplo disso é a chamada de “teologia da prosperidade” em que haveria o intercâmbio dos ideais de ganho pessoal presente no libertarianismo com os ideais religiosos do fundamentalismo, em que a fé do fiel passaria a ser um investimento que seria posteriormente recompensado por seu Deus a partir de ganhos materiais. O antipetismo também poderia ser interpretado como uma forma de intercâmbio destes três eixos, uma vez que perpassa tanto os ideais de desconfiança ao Estado dos libertários; a paranóia anticomunista, uma vez que o Partido dos Trabalhadores era (e em alguns casos continua sendo) visto como um partido comunista; e por fim o conservadorismo moral, presente em muitos grupos fundamentalistas religiosos, principalmente a partir de sua associação com a corrupção e da figura de Lula como ladrão.

O antipetismo (e o anticomunismo presente nele) pode, em alguns casos, aparentar ser apenas uma oposição a um único partido que foi longe demais e se espalhou para outros partidos e demais instâncias governamentais. Todavia, este não é exatamente o caso, o antipetismo é uma decorrência de outra característica destes movimentos que é a criação de um inimigo em comum para toda a população e que tivera um apoio indireto dos grandes veículos de comunicação.

O inimigo do qual estamos falando não é o super vilão de quadrinhos que declama discursos grandiosos enquanto tenta dominar o mundo, ainda que muitos veículos de comunicação e *influencers* digitais façam parecer que seja. O inimigo neste caso é

“um ser inferiorizado, despojado de seus atributos de cidadão, que passou por um processo de desumanização, de descaracterização como sujeito de direitos; portanto, ele é matável, agredível e descartável.” (Solano, 2019, p.84)

Não é mera coincidência que estas características possam ser encontradas em muitos discursos de políticos de extrema-direita e antipetistas,



como fora o caso do discurso de Bolsonaro em 2018 em que ele ameaçava “fuzilar a petralhada” mandá-los para a Venezuela<sup>54</sup>. Consequentemente as relações sociais acabam por se dividir em uma dicotomia de “cidadãos de bem” e “bandidos/corruptos” (Solano, 2019).

O mais notório nesta lógica de “nós contra eles” travestida em uma luta de cidadãos de bem contra bandidos, é o fato de que estes últimos não estão claramente definidos. Os termos “bandidos” ou “corruptos” não significam nada, uma vez que qualquer um pode vir a ser enquadrado em um destes termos, bastando uma decisão das estruturas dominantes para tal. Portanto, “bandidos” “corruptos” ou mesmo o “inimigo” não estão definidos porque podem significar qualquer coisa ou ser qualquer um. E novamente, a imprensa possui um significativo papel nisto.

“Afinal, quem é este inimigo, estigmatizado, rotulado, desumanizado, vítima da imprensa-juiz e da justiça do espetáculo? Qualquer um que as estruturas dominantes decidam: o jovem negro periférico, o sem-teto, o pobre, a feminista, o manifestante, o professor “esquerdopata”, o estudante “maconheiro”, o político corrupto, o petista. Todos eles podem ser os “bandidos” porque bandido, na verdade, é um conceito vazio, um conceito que nada significa, visto que pode significar tudo.” (Solano, 2019, p.88)

A divisão proposta por Chaloub e Perlato (2016) de “Direita Militante” e “Direita Teórica” dentro desses movimentos também é de suma importância para seu entendimento, uma vez que não se trata apenas de uma divisão entre autores, mas também em sua argumentação e métodos de comunicação de seus ideais.

A Direita Militante é composta majoritariamente de polemistas políticos, que compreendem a política a partir de uma perspectiva imediatista, consequentemente seus confrontos políticos com discordâncias, desafios e mesmo argumentos contrários ocorrem em uma esfera muito mais atual quando

---

<sup>54</sup> <https://exame.com/brasil/vamos-fuzilar-a-petralhada-diz-bolsonaro-em-campanha-no-acre/>

comparados com os membros da Direita Teórica. É comum citarem autores ligados a um liberalismo econômico radical - como Mises e Hayek -, isso serviria tanto como um método de argumentação, quanto uma tentativa de serem vistos como “cultos” frente ao seu público.

A Direita Teórica, por outro lado, é formada majoritariamente por indivíduos ligados ao campo da filosofia como Pondé e Olavo. Os membros pertencentes a este grupo, vão contrariar os argumentos considerados “esquerdistas” a partir da utilização de argumentos de maior duração intelectual, o que faz com que seus debates se concentrem para além da atualidade. O demasiado (e problemático) interesse de Olavo por Gramsci pode ser considerado um exemplo para este tipo de argumento. Estes autores também possuem um certo interesse em demonstrar erudição e “propriedade” argumentativa para o grande público, e para isso, se utilizam de um amplo referencial bibliográfico composto muitas vezes por autores pouco utilizados e muitas vezes desconhecidos. Entretanto, tal método não é usado apenas como uma manobra de soarem mais sofisticados do que de fato são, mas também para demonstrar a precariedade da intelectualidade brasileira.

‘Os autores buscam se distinguir pela mobilização de amplo material bibliográfico, que inclui desde clássicos de vertente liberal e conservadora, amplamente presentes na bibliografia mais corrente das humanidades, até teóricos menos citados, muitas vezes brandidos de modo a demonstrar a precariedade do ambiente intelectual brasileiro (Chaloub e Perlatto, 2016, p.32)’

Quando convergidos os argumentos de ambas as visões resultam nos ideais mobilizados pelos movimentos de extrema direita que estão sendo discutidos no presente trabalho.

O primeiro destes argumentos é o que os autores chamam de “Terra Arrasada”, segundo essa retórica, a cultura brasileira seria uma cultura ausente de virtudes e conquistas, ignorando, dessa maneira, os diferentes contextos em que as culturas são concebidas. Essa recusa em compreender os contextos,

consequentemente, leva para a naturalização das culturas vindas de países centrais como sendo as únicas dignas de serem consideradas como tal e negando qualquer coisa que fuja deste cânone pré-estabelecido (Chaloub e Perlato, 2016).

A culpabilização das esquerdas por todos os males e aflições que aconteceram e permanecem acontecendo no Brasil. Esse argumento se voltaria novamente para a ideia de que haveria uma predominância esquerdista dentro dos meios políticos e intelectuais, Olavo era um grande difusor de tais teorias, voltando novamente para a velha paranoia de que haveria inimigos esquerdistas em todos os lugares. Esse argumento seria um dos precursores para possibilitar que a esquerda passasse a ser vista como o “inimigo” ao invés de uma discordância político-ideológica, chegando até mesmo a considerar o pensamento de esquerda como uma espécie de patologia e nas palavras de Reinaldo Azevedo:

“Existe na política o correlato da psicopatia, manifestado, no caso, não como uma doença mental, do indivíduo, mas como uma moléstia coletiva, ideológica. Há tempos emprego a palavra ‘esquerdopata’ para definir certo tipo de comportamento. (AZEVEDO, 2011)”<sup>55</sup>

Essa patologização da esquerda, longe de ser apenas uma hipérbole, ela também é usada para facilitar os ataques e a desqualificação de seus argumentos. Os ideais da direita seriam supostamente pautados no mundo real e que consequentemente seriam mais capazes de representá-lo, enquanto os argumentos da esquerda seriam - em grande parte devido à patologização psíquica imposta aos indivíduos de esquerda - acusados de serem abstrações alheias ao mundo real. Dentre todas as possíveis abstrações, existem dois focos

---

<sup>55</sup> AZEVEDO, Reinaldo. Esquerdopatia, a psicopatia da política. Disponível em <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/esquerdopatia-a-psicopatia-da-politica-ou-primeiro-eles-tentam-desumaniza-lo-para-entao-mata-lo-foi-assim-que-eliminaram-mais-de-100-milhoes-no-seculo-passado/> Publicado em 30/11/2011.

em específico que esses movimentos alegam ter uma interpretação predominantemente esquerdista: o golpe de 64 e a ditadura militar brasileira. Ambos os assuntos são tratados por autores como Constantino, Reinaldo de Azevedo e Olavo de Carvalho, a partir da lógica que fora algo necessário e que o regime fora tratado de forma injusta (Chaloub e Perlato, 2016).

As pautas de esquerda passam, dessa forma, a ser vistas como afastadas dos interesses da população, significando apenas tentativas de uma minoria política de atingir objetivos que lhes tragam algum benefício, o que teria como consequência o distanciamento do poder por parte das massas. Dessa maneira a direita passa a colocar suas pautas - que muitas vezes se assemelha com opiniões do senso comum - como se fossem de interesses gerais de toda a população.

O quinto ponto de convergência seria a dupla aceitação entre o neoliberalismo e o conservadorismo moral. Os conservadores, deixam de se preocupar com seu antigo temor de que a expansão da lógica da mercadoria, intrínseca ao funcionamento do capitalismo, inviabilizaria os valores que sustentam as sociedades tradicionais. Os liberais, por outro lado, assumem a visão do conservadorismo moral. Essa coligação, tem sua gênese no desprezo que sentem por seu inimigo em comum, a esquerda, e por sua discordância dos ideais desta em relação à sua defesa de minorias políticas e sociais.

O último ponto de convergência entre essas duas divisões da extrema-direita estaria, no já explicado, antipetismo.

Por fim, é preciso ressaltar que essas convergências explicam apenas as características gerais dos movimentos de extrema-direita. Para uma caracterização de suas características particulares é preciso uma análise detalhada dos principais movimentos. O que será feito a seguir.

Um dos principais movimentos a surgir no período recente foi o Movimento Brasil Livre (MBL), que teve seu primeiro embrião de formação nas Jornadas de Junho de 2013, supostamente como uma marca do grupo “Estudantes pela Liberdade” ou “Students for Liberty” (Ferreira, 2017), só fora ter sua fundação oficial no final de 2014.

Sendo formado (ao menos inicialmente) majoritariamente por jovens, e tendo dentre suas lideranças universitários como Kim Kataguirí e Fernando Holiday, o MBL é uma das muitas consequências das Jornadas de Junho de 2013 e a passagem de objetivo inicial de redução da da passagem de ônibus para um aglomerado difuso de críticas ao Estado e à economia do período. Seu surgimento neste período de efervescência política e cultural aparenta ter influenciado a postura do grupo de forma geral, principalmente quando se considera que eles foram um dos principais atores nas mobilizações populares contra Dilma Rousseff até o período de seu Impeachment em 2016.

Segundo o próprio grupo em seu site, o MBL<sup>56</sup>:

“se propõe a promover o liberalismo como a filosofia política orientadora da atuação do Estado no Brasil. Para tanto, defendemos a liberdade individual, a propriedade privada e o Estado de Direito como conceitos fundamentais de uma sociedade que se propõe a ser livre, próspera e justa. Dentre os valores (a base sobre a qual construiremos a nossa atuação) e princípios (o direcionamento da nossa atuação) do MBL”

Logo, podemos afirmar que o movimento já nasce a partir de uma ideologia liberal de contrariedade ao Estado, portanto, não é algo surpreendente que eles tenham tomado como parte de sua ideologia o antipetismo e liderado as manifestações contra Dilma. Também não é algo surpreendente o fato de que eles rapidamente passaram de uma crítica ao Estado para a defesa de políticas neoliberais, como privatizações e o Estado mínimo.

Em seu processo de expansão para o resto do Brasil, o MBL, assim como outros movimentos de extrema-direita a serem destacados, se beneficiou consideravelmente da popularização das redes sociais, principalmente o Facebook. Essa utilização de redes sociais sociais permitiu o movimento

---

<sup>56</sup> Disponível: <https://mbl.org.br/>

desenvolver “uma significativa estratégia político- midiática e direcioná-la para públicos ideologicamente alinhados aos seus princípios” (Ferreira, 2023, p.18).

Para analisarmos os movimentos anticorrupção, é preciso mais uma vez retomar o texto de Solano (2019) em que ela traz uma associação direta entre os ideais anticorrupção destes movimentos e o antipetismo do período. É preciso notar, entretanto, que os movimentos anticorrupção são um aglomerado de movimentos. E mesmos aqueles que não possuem a anticorrupção como sua principal bandeira, o MBL por exemplo, ainda possuem dentro de si tais ideais.

Para esses movimentos, o PT seria o partido mais corrupto da história do Brasil (Solano, 2019), e Lula seria o principal representante desta “quadrilha” que seria responsável por enormes esquemas de corrupção e por “quebrar o país”. Logo, não é incomum nestes movimentos encontrar acusações baseadas em superlativos como “Lula é o maior ladrão da história do Brasil” como acusou Bolsonaro em um comício em 2022<sup>57</sup> e mesmo a transformação do termo “petista” - ou segundo Reinaldo Azevedo: petralha - em uma ofensa associada diretamente à corrupção. Além disso, essa associação direta do PT à corrupção não se limitaria apenas ao partido, mas também a sindicatos e movimentos sociais como o MST e a CUT, que passariam a ser vistos como “braços armados” do PT (Solano, 2019).

O sentimento anticorrupção eventualmente deixa de estar intrinsecamente ligado ao antipetismo e passa a enxergar que a corrupção estaria afetando o sistema político partidário como um todo (Solano, 2019). Logo, partidos tradicionais passaram a serem vistos como “máquinas corruptas que se apropriaram da política para satisfazer seus próprios interesses e obter benefícios pessoais.” (Solano, 2019, p.98).

Michele Prado (2021) vai chamar os seguidores de Olavo de Carvalho de “Olavistas”. Esses seguidores aparentam possuir uma espécie de fascínio pela figura de Olavo, chegando em alguns casos a se assemelhar com uma lógica de culto em que a palavra do (autodenominado) filósofo era considerada infalível.

---

<sup>57</sup> <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/bolsonaro-lula-e-maior-ladrao-da-historia-e-alckmin-e-ladrao-de-merenda>

Qualquer indivíduo que viesse a questionar ou mesmo discordar de seus ideais se tornava rapidamente uma vítima de ataques e humilhações públicas - principalmente em redes sociais como o Facebook - por parte de Olavo e seus alunos. É válido ressaltar que a razão para essa oposição violenta não era apenas os questionamentos, mas principalmente o fato deles serem feitos por pessoas que não aceitavam serem completamente submissos ou devotos cegos à sua vontade (Prado, 2021)

Curiosamente o Olavismo não era tão original quanto se propunha a ser, uma vez que apresentava uma série de semelhanças com o grupo romeno Criterion, cuja expansão coincidiu com o ressurgimento do fascismo na Romênia. Assim como Olavo, Nae Ionescu (líder do grupo) conseguiu alunos a partir de seu trabalho como editor de jornal e professor de filosofia pouco ortodoxo (Prado, 2021) e cujos depoimentos de alunos e ex-alunos soavam como um testemunho religioso (Prado, 2021).

O partido NOVO, de forma semelhante ao MBL já nasceu dentro do bojo de ideais neoliberais. Tendo sido fundado em 2011 pelo empresário João Amoêdo e tendo seu registro de partido aprovado pelo TSE apenas em 2015 (14 meses após seu pedido)<sup>58</sup>, o NOVO foi criado com o objetivo de defender ideias econômicas ultraliberais (Borges e Vidigal, 2023) como privatizações, diminuição do Estado e desregulamentação de mercados. Além disso, o partido também foi fortemente influenciado pela agenda anticorrupção trazida pela Lava Jato (Borges e Vidigal, 2023).

O NOVO, assim como outros movimentos discutidos previamente, se apresenta a partir de uma retórica antipolítica e antissistema, porém, diferentemente destes ele não possui em seu núcleo uma retórica antidemocrática ou autoritária. Entretanto, isso não impediu que alguns dos seus filiados adentrassem o governo autoritário de Jair Bolsonaro como fora o caso de Ricardo Salles ou mesmo que fizessem parte da base de apoio bolsonarista no congresso.

---

<sup>58</sup> <https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2015/11/partido-novo-o-intruso-liberal-na-politica-brasileira.html>

Curiosamente, um dos seus membros mais notórios, Marcel Van Hattem foi um dos alunos do curso de Olavo de Carvalho.

E por fim, talvez um dos movimentos mais notórios da extrema-direita, o Bolsonarismo foi capaz de trazer para si o apoio de quase todos os movimentos de extrema-direita do período. Surgido a partir da figura de Jair Messias Bolsonaro, o bolsonarismo partilha de muitos ideais dos outros movimentos analisados previamente, como o ultraliberalismo, o conservadorismo extremado, o antipetismo e o sentimento antipolítico, tudo isso somado à mobilização de discursos antidemocráticos e que exaltavam a ditadura militar brasileira.

Portanto, o bolsonarismo ainda que receba tal nomenclatura, não é um mero movimento personalista (Borges e Vidigal, 2023) mas uma posição ideológica de extrema-direita que reúne dentro de si diversas posições conservadoras e de rejeição ao *establishment* político e à democracia (Borges e Vidigal, 2023). Segundo Borges e Vidigal (2023) é possível caracterizar o bolsonarismo a partir dos seguintes pontos:

“i) por uma concepção autoritária da sociedade; ii) por uma visão populista do mundo político, assentada em narrativas e agendas antissistema e iliberais; iii) pela adoção de pautas ultraconservadoras, que envolvem a defesa dos valores tradicionais. A esses três elementos, agregamos um quarto ponto, comum a outros casos de emergência da direita populista radical na América Latina, que diz respeito à forte vinculação com os militares e forças de segurança. As raízes do bolsonarismo no aparato repressivo do Estado se refletem no recrutamento de quadros e na incorporação das pautas e interesses de grupos saudosistas do regime militar (1964-1985) e do protagonismo político dos fardados” (Borges e Vidigal, 2023, p.15)

### 3.5. Táticas da extrema-direita brasileira na Internet

Os movimentos de extrema-direita brasileiros, como ressaltado previamente, foram consideravelmente beneficiados pelo crescimento das redes sociais, principalmente no que se refere às possibilidades que estas ofereciam



para a difusão e compartilhamento de ideias, facilidade de mobilização e organização de debates. Consequentemente, a tarefa de se analisar as táticas destes movimentos na internet, em especial nas redes sociais, não pode ser ignorada.

A utilização da internet como um meio para se divulgar ideias políticas de extrema-direita no Brasil, não é algo exatamente novo - ainda que recentemente esta tenha aparentemente obtido uma maior notoriedade sobre si -, estando presente desde o final da década de 90 e início dos anos 2000, representado principalmente por Olavo de Carvalho e seu site Mídia Sem Máscaras. Portanto, a utilização da internet por movimentos conservadores não é algo original ou mesmo característico dos movimentos de extrema-direita recentes, todavia, seu modo de utilizar as redes sociais e os algoritmos em seu favor é.

Dentre todos os movimentos que adentram o que nós estamos chamando de “movimentos de extrema-direita”, dois deles se destacam por sua presença online: o MBL, e o Bolsonarismo. Todos eles se beneficiaram de forma significativa dos algoritmos e das capacidades que as redes sociais lhes deram, permitindo-os aplicar suas táticas de forma eficiente.

O MBL teve seu desenvolvimento e apogeu ligados diretamente à internet e às redes sociais, com alguns de seus membros - Kim Kataguirí, Fernando Holiday e Arthur do Val - tendo canais no Youtube anteriores à sua entrada no movimento. Considerando que todos os três membros citados, possuem ou chegaram a possuir carreiras políticas, talvez não seja um exagero a afirmação de que - ao menos de forma aparente - a internet e as redes sociais foram indiretamente responsáveis até mesmo por sua entrada na política.

O movimento possui uma série de táticas que transitam entre o online e offline (De Mattos, 2018). As táticas online incluem: organização e filmagem de protestos, tanto por parte do movimento em si quanto por membros com canais próprios como é o caso de Arthur do Val (dono do canal Mamãe Falei); ativismo em redes sociais, principalmente para a disputa de interpretação de eventos e a mobilização de seus apoiadores (De Mattos, 2018); a utilização do humor e sátira no debate público; e a mobilização do antipetismo online.

O Bolsonarismo, em alguns casos se utiliza de táticas semelhantes às do MBL na internet, como a utilização do humor (peculiar) e da mobilização de um inimigo em comum, que neste caso deixa de ser apenas o PT e passa a ser toda a esquerda e os “comunistas”. Todavia, ele se diferencia dos outros movimentos aqui descritos não apenas por se orbitar ao redor de uma figura política em específico (Jair Bolsonaro) e suas redes sociais, mas também por falar abertamente sobre ideais antidemocráticos, proferir insultos contra adversários políticos e a utilização de *Fake News* em grande escala.

A principal rede social utilizada por Bolsonaro, é o Twitter (atual X), que foi utilizada por ele tanto no período em que governou efetivamente o país quanto na campanha eleitoral de 2018 que lhe concedeu sua vitória. Sua utilização se baseou tanto na depreciação de adversários políticos (principalmente os do PT), ataques à mídia, utilização de *Fake News*, e a utilização de *bots* e *hashtags* para repercutir seus discursos e ataques.

“Essa foi a tática utilizada por Bolsonaro: por meio do uso de um número expressivo de robôs, gerava-se a crença de um grande apoio ao então candidato e convencia-se os indivíduos disso, culminou em mais apoio. Assim dizendo, os indivíduos foram manipulados pelos bots que contribuíram e ainda contribuem para fomentar um aparente apoio. Os bots, também utilizam-se de hashtags (exemplo: #EuVotoBolsonaro) para gerar mais interação e visualizações; essas hashtags também foram utilizadas pelo próprio presidente (...)” (Lucini e Konageski, 2021, p. 7)

Ainda que todos os movimentos discutidos aqui se utilizem das mesmas táticas da *Alt-Right*, o Bolsonarismo talvez seja o que mais se aproxima desta - o que de forma alguma significa uma igualdade. As razões para isso repousam na utilização coordenada das mesmas táticas, principalmente a partir do chamado Gabinete do Ódio, que funcionaria como uma espécie de central de planejamentos de ofensivas contra os desafetos políticos e culturais do bolsonarismo.

Ressalta-se que muitos desses comportamentos online não são exclusivos destes movimentos, mas são os mais notórios a utilizá-los. Os movimentos anticorrupção, antipetistas, o Partido NOVO e mesmo os Olavistas também são divulgadores (intencionais ou não) de *Fake News*, se utilizam de hashtags e bots para repercutirem suas visões e em alguns casos mais extremos também depreciam candidatos opositores à seus ideais.

### 3.6. . Brasil Paralelo e Jovem Pan: *Alt-Light* à Brasileira?

Considerar que todos esses movimentos de extrema-direita tiveram um desenvolvimento passivo, sendo colocados paulatinamente no debate público a partir das consequências das ações midiáticas e do período de crise econômica seria uma simplificação da realidade. Assim como *Alt-Right*, esses movimentos também possuem suas próprias instituições que servem para “suavizar” seu discurso objetivando uma maior aceitação do grande público. Neste caso, estas proto instituições são a produtora “Brasil Paralelo” e a empresa de comunicação “Jovem Pan”.

É impossível determinar com certeza se houve um planejamento prévio para que ambas as instituições viessem a assumir o mesmo papel que a *Alt-Light* assumiu para a *Alt-Right* nos EUA. Entretanto, não se pode negar que elas têm servido como grandes divulgadores de ideais de extrema-direita de forma mais “suavizada” para atingir o maior público possível. Ambas as instituições prosseguem de formas distintas na divulgação de seus ideais, enquanto o Brasil Paralelo possui várias produções próprias para divulgar seus ideais a partir de uma camada superficial de uma “intelectualidade”, a Jovem Pan funcionaria algo mais próximo de um meio de comunicação tradicional.

Fundado em 2016 por três universitários de Porto Alegre, o Brasil Paralelo é uma produtora de audiovisual, que produz documentários, séries, filmes e podcasts sobre os mais variados temas relacionados à economia, política e à sociedade brasileira. Ainda que não assumam explicitamente um lado do espectro ideológico, muitos de seus conteúdos dialogam com valores e ideais da extrema-direita, trazendo entrevistas e visões de intelectuais como Olavo de

Carvalho e Rodrigo Constantino, de políticos como é o caso de Jair e Eduardo Bolsonaro ou mesmo de artistas como Lobão.

O Brasil Paralelo, assim como outros movimentos de extrema-direita ao longa da história, proclama que possui uma missão a cumprir, que seria - segundo seu próprio site - a de “resgatar os bons valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros”<sup>59</sup>. O fato desta suposta missão aparentar possuir valores conservadores e patrióticos, típicos destes movimentos de extrema-direita, não é mera coincidência, principalmente quando se considera o período de sua fundação.

Suas principais produções são seus documentários que tratam de debates políticos atuais, que são colocados dentro de uma embalagem de imparcialidade, devido à sua narrativa referenciada por dados, fatos e depoimentos (Jorge e Salgado, 2021). Em uma primeira análise, a produtora está cumprindo o método científico: comprovando suas afirmações a partir de dados e fatos. Todavia, seu enviesamento ocorre na forma de apresentação e contextualização destes dados, o que faz com que grande parte de suas produções possuam dentro de si as crenças particulares de seus autores, que neste caso pertencem ao pensamento neoliberal e conservador (Jorge e Salgado, 2021).

Essa forma (enviesada) de apresentar seus dados e contextos, traz dentro de si a tentativa de criar uma camada superficial de intelectualidade para suas afirmações baseadas nos ideais neoliberais e conservadores, uma vez que como dito no parágrafo anterior: a produtora está embasando suas afirmações com dados e fatos, gerando assim uma sensação de cientificidade em suas ideias. Ainda que em muitos casos seus conteúdos sejam baseados em revisionismos históricos (Jorge e Salgado, 2021) ou em figuras que possuem algum tipo de viés econômico ou político - principalmente com figuras historicamente ligadas à direita, como é o caso de Pondé, Olavo de Carvalho e Rodrigo Constantino - sua apresentação ainda é persuasiva o suficiente para convencer o público da intelectualidade dos ideais ali defendidos, em

---

<sup>59</sup> disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/o-que-e-a-brasil-paralelo>

contraposição aos ideais que atualmente regem o país, que em grande parte estariam ligados ao marxismo cultural.

O Marxismo Cultural aparece aqui mais uma vez, dessa vez não apenas como um grande inimigo da extrema-direita em si, mas também como um aparente obstáculo da missão do Brasil Paralelo de resgatar os “bons valores” brasileiros, como notam Jorge e Salgado (2021):

“A ideia de “marxismo cultural” é, de fato, o grande inimigo contra o qual a Brasil Paralelo parece lutar. Seria derivado desse esforço ubíquo e subterrâneo do comunismo – e não do próprio neoliberalismo – a insurgência de pautas identitárias e multiculturalistas: “Por que hoje toda a esquerda fala em machismo, racismo, homofobia?” A resposta lhes parece óbvia: “Isso é gramscismo”, afirma categoricamente Flávio Morgenstern, creditado como escritor e um dos mais assíduos entrevistados da produtora. Sub-repticiamente, uma elite cultural de esquerda teria dominado as universidades, as editoras, a mídia, o show business e a cultura em geral. Contra essa guerra cultural silenciosa, armada a partir da Rússia, refinada na Itália e financiada pela China, caberia aos templários da verdade e da liberdade reescrever nossa história e ofertá-la ao povo brasileiro, no intuito de redimir o país (e o capitalismo) de escusas forças totalitárias.” (Jorge e Salgado, 2021,p.9)

Ainda que possuam medos e desconfianças características do ideário de extrema-direita que seguem, a comunicação da Brasil Paralelo com seu público é consideravelmente mais complexo que o “mero” maniqueísmo de “nós contra eles”. Como nota Belo (2023):

“A comunicação da Brasil Paralelo procura frequentemente ativar os afetos políticos de seu público convocando-o a consumir seus produtos como parte de uma missão para resgatar a cultura brasileira. As mensagens da produtora nas redes sociais, em e-mail marketing e em inserções de vídeo em sua programação, procuram sempre frisar que a renda obtida através das assinaturas dos planos oferecidos em seu site é essencial para a continuidade do seu trabalho.” (Belo, 2023, p.83)

Um dos pontos chave na comunicação da produtora seria a de colocar seu público não apenas como um consumidor passivo, mas um consumidor ativo de suas produções, fazendo-o sentir que ao realizar tal consumo ele está diretamente contribuindo para o combate ao inimigo e para a melhora do país. Estando de certa forma ligado à ideia de “resgatar os bons valores” e a cultura brasileira, colocando o seu consumidor no centro de responsabilidade do êxito desta missão. Consequentemente, sua não contribuição é vista como o não cumprimento de seu dever, que teria como resultado o fracasso da missão da Brasil Paralelo (Belo, 2023). Ocorrendo, por fim, o entrelaçamento entre o consumidor, a missão da produtora e um senso de patriotismo. Como nota Belo (2023) ao traçar sua análise sobre os comentários iniciais de Filipe Valerim (um dos fundadores da produtora) em relação ao documentário “1964: O Brasil entre Armas e Livros” de 2019:

“A mensagem no início de 1964 traz, mais uma vez, a ideia de que o membro-assinante é o grande responsável pela continuidade do trabalho da Brasil Paralelo. Filipe convoca o espectador a criar engajamento com o conteúdo da produtora para contribuir com a “busca pela verdade”. A mensagem apela para o patriotismo do público ao dizer que assistir o conteúdo da Brasil Paralelo faz com que o indivíduo carregue “um pouco mais de Brasil dentro de si.”, como se o material oferecido no site oferecesse uma leitura apurada do nosso país. A ideia de aprimoramento próprio e de treinamento político está presente na oferta de acesso a todo o conteúdo do “núcleo de formação” - que, pelo posicionamento da empresa, entende-se como a formação de um indivíduo patriota, segundo os valores e a moral” (Belo, 2023, p.85-86)

Ainda que a Brasil Paralelo possua um papel semelhante à *Alt-Light*, principalmente no que diz respeito à sua divulgação em larga escala dos ideais de extrema-direita, sua tarefa é um pouco mais complexa que sua contraparte estrangeira. A produtora nacional não funcionaria apenas como um meio de suavizar os discursos extremistas, retirando suas partes problemáticas e polêmicas, mas funcionaria principalmente como um meio de envelopar tais

ideais em uma camada superficial de patriotismo, intelectualidade e responsabilização do consumidor, fazendo-o sentir que consumir tais ideais seria o mesmo que fazer sua parte pela melhora do país.

A Jovem Pan, por outro lado, aparenta ser um caso que necessite uma análise consideravelmente distinta. A partir da análise de Ferraretto, Mustafá, Chagas, Rossetto e Quadros no trabalho “O jeito Jovem Pan de (não) fazer jornalismo: os atos antidemocráticos de 8 de janeiro de 2023” (2023), é possível concluir que contrariamente à Brasil Paralelo, a Jovem Pan ainda que tenha sido uma forte defensora dos ideais de extrema-direita no período recente, não compartilha necessariamente destas ideologias. Essa defesa de seus ideais, estaria muito mais próxima de uma lógica capitalista de “o cliente tem sempre razão” do que de uma ideologia de fato. Para comprovar tal afirmação podemos nos utilizar de uma fala de Tutinha (Ex-Presidente da Jovem Pan) ao criador do prêmio iBest, destacada pelos autores do texto:

“[...] a rádio é uma rádio mais de centro. Isso levou uma grande vantagem também, porque todo mundo é de esquerda. [...] O nosso público é classe média e classe alta. Nós temos 70% de classe AB. A gente faz para o nosso público. Se o nosso público amanhã não gostar, mudar de lado, eu vou mudar com ele. (PRÊMIO IBEST, 30 nov. 2020).”

Esse trecho demonstra um profundo conhecimento de seu público e de seu comportamento político por parte do comando da emissora, o que torna ainda mais palpável a teoria de que suas atitudes não viriam de uma motivação político-ideológica de fato, mas de uma motivação pragmática e econômica.

A entrada da Jovem Pan para a extrema-direita não foi algo imediato, mas um processo que começou com a percepção de que poderiam aumentar sua audiência ao dar voz ao antipetismo paulista, como nota Julia Dualibibi na reportagem “A nova sinfonia paulistana: como a rádio Jovem Pan se reinventou

ao dar voz para o sentimento antipetista em São Paulo” para a Piauí em 2015<sup>60</sup>. Portanto, a primeira opção da rádio - assim como de muitos indivíduos e movimentos que atualmente se encontram no campo da extrema-direita - não foi Jair Messias Bolsonaro, mas um antipetismo que ainda não havia se transformado em um sentimento antipolítico. E mesmo isso também foi um processo gradual, inicialmente não assumindo explicitamente seu viés ideológico, mas trazendo figuras detentoras tanto de um conservadorismo do período, como foi o caso de Rachel Sheherazade, quanto de figuras tipicamente antipetistas como Reinaldo de Azevedo e Marco Antonio Villa.

A conversão da rádio para o Bolsonarismo - que seria um dos movimentos mais radicais da extrema-direita - só foi ocorrer na eleição de 2018, quando Tutinha percebeu que as chances de vitória de Geraldo Alckmin eram extremamente baixas, como nota Ana Clara Costa em outra reportagem para a revista Piauí em 2022.<sup>61</sup>

Todavia, ainda que o comando possua este pragmatismo, isso não significa que seus repórteres e comentaristas se enquadrem dentro dessa mesma lógica, pelo contrário, suas constantes ameaças contra o Estado Democrático de Direito, seus inúmeros pedidos para que os militares intervissem nos resultados das eleições de 2022 e incentivos ao golpe de Estado<sup>62</sup> feitos nas redes sociais, demonstram que eles se encontram muito mais próximos do campo ideológico do que do campo do pragmatismo econômico. Entretanto, talvez o argumento definitivo que comprove nossa afirmação se dê pelo fato de que a Jovem Pan abriga (ou abrigou) muitos indivíduos já citados aqui como pertencentes ao campo da extrema-direita, como Rodrigo Constantino, Guilherme Fiuza, Marco Antonio Villa, Reinaldo de Azevedo, entre outras figuras.

---

<sup>60</sup> DUAİLBI, Julia. A nova sinfonia paulistana. Piauí, Rio de Janeiro/ São Paulo: Alvinegra, ano 9, n. 106, p. 16- 25, jul. 2015.

<sup>61</sup> COSTA, Ana Clara. A Jovem Pan e o golpe. Piauí, Rio de Janeiro/ São Paulo: Alvinegra, ano 16, n. 191, p. 18- 25, ago. 2022

<sup>62</sup> [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/01/08/interna\\_politica,1442165/constantino-apoia-atos-terroristas-segundo-guga-chacra.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/01/08/interna_politica,1442165/constantino-apoia-atos-terroristas-segundo-guga-chacra.shtml)



Em conclusão, a Jovem Pan aparenta ser uma figura dúbia dentro de nossa análise, uma vez que ao mesmo tempo que foi (e em alguns casos continua sendo) uma forte defensora e divulgadora dos ideais de extrema-direita, por outro lado, nota-se que ela se direcionou para este caminho em um objetivo pragmático de lucrar a partir de uma parcela de audiência que não era completamente contemplada pelos outros meios de comunicação.

Ressalta-se que muitos desses comportamentos online não são exclusivos destes movimentos, mas são os mais notórios a utilizá-los. Os movimentos anticorrupção, antipetistas, o Partido NOVO e mesmo os Olavistas também são divulgadores (seja intencionais ou não) de *Fake News*, se utilizam de hashtags e *bots* para repercutirem suas visões e em alguns casos mais extremos também depreciam candidatos opositores à seus ideais.

#### 4. Olavo de Carvalho e Steve Bannon: estranha semelhança

As semelhanças entre o falecido guru de Bolsonaro e o ainda atuante guru de Donald Trump (e cambaleante membro da *Alt-Right*) podem, em um primeiro momento, soarem como exageradas, principalmente devido às diferenças em suas retóricas, em suas atuações ou mesmo em suas formações pessoais. Olavo passou grande parte de sua vida relegado aos papéis de astrólogo e de um intelectual menos conhecido em comparação a outros contemporâneos, sendo ouvido principalmente por nichos específicos de direita. Sua retórica variava intensamente entre elegante, principalmente quando direcionada aos seus alunos, e cronicamente violenta e escatológica quando direcionada aos seus desafetos. Sua chegada ao *mainstream* político brasileiro, foi consideravelmente influenciada pelo período de efervescência política e cultural que começaram com as Jornadas de Junho de 2013 e que terminou em um sentimento antipolítico que resultou na eleição de Bolsonaro. Previamente a estes acontecimentos, sua relevância no cenário político brasileiro era

praticamente nula e até o presente momento, com exceções de seus constantes “pitacos” e de suas indicações políticas (Weintraub e Ernesto Araújo) no governo Bolsonaro, não há indícios de uma articulação política prévia ou mesmo fora deste governo. Bannon não possuía uma carreira intelectual prévia ao seu envolvimento com os movimentos de extrema-direita estadunidenses, ainda que esses ideais estivessem presentes nele muito antes disto. Foi do exército, teve uma carreira bem-sucedida no setor financeiro e chegou até mesmo a se arriscar em Hollywood produzindo alguns documentários e servindo de produtor para outros projetos. Sua articulação política é prévia ao seu apoio a Donald Trump, estando diretamente envolvido com a *Alt-Right* devido à sua posição na *Breitbart News*, e tendo posteriormente se envolvido no escândalo da *Cambridge Analytica*.

Olavo, todavia, se encontrava - inicialmente - em uma posição um pouco mais “contida” que sua versão estadunidense. Se Bannon possuía um entendimento esclarecido em relação ao seu papel frente à direita estadunidense (e mundial), Olavo tinha pretensões muito mais “modestas”, que envolviam a transformação da cultura brasileira e “situar o Brasil na história espiritual do mundo” (Mariutti, 2020, p.6). Após a eleição de Bolsonaro essas pretensões se radicalizaram e se tornaram muito mais expansionistas.

“O fato é que depois da eleição de Jair Bolsonaro as pretensões de Olavo aumentaram significativamente. Até então ele tinha apenas a modesta pretensão situar o “lugar do Brasil na história espiritual do mundo” e, a partir deste diagnóstico, reformar radicalmente a cultura brasileira. Com Bolsonaro no poder ele ficou ainda mais ambicioso e se autoproclamou o líder da “revolução brasileira”. (Mariutti, 2020, p.6)

Entretanto, mesmo que aparentemente as únicas semelhanças compartilhadas pelos ideólogos sejam seu envolvimento com os círculos de extrema-direita de seus respectivos países com ambos representando a chegada desses movimentos ao *mainstream* político, isso muda quando analisamos as crenças que levaram à seus posicionamentos ideológicos e

políticos, seus contextos e principalmente suas relações com a corrente filosófica do Tradicionalismo.

Mesmo que possuíssem, uma notória diferença em suas trajetórias, estas são muito menos divergentes do que inicialmente aparentam. Se Olavo apostou em um primeiro momento, como defendido por Prado (2021), na criação de supostas elites intelectuais, Bannon se direcionou para a utilização de uma mídia alternativa (*Breitbart*) para não apenas convencer a população de seus ideais, mas tentar mudar culturalmente esta. Portanto, suas trajetórias distintas, se direcionavam ao mesmo destino: o cumprimento de um ideário Tradicionalista e de extrema-direita a todo e qualquer custo.

Olavo quanto Bannon possuem uma visão idealizada - ou mesmo mística - em relação aos EUA. Se isso é motivado por uma mistura de ideais tradicionalistas a um ódio ao comunismo (ou mesmo ao Brasil) por parte de Olavo e um ultranacionalismo por parte de Bannon é difícil dizer. Porém, isso garante que ambos se aproximem em uma posição geopolítica semelhante, possuindo uma contrariedade a adversários dos EUA como a China e alguns países islâmicos (Mariutti, 2020). E por fim, é preciso ressaltar que eles não estavam alheios ao contexto político e econômico de seus países, que no momento sofriam as consequências políticas e econômicas da aplicação das políticas neoliberais, que geravam um descontentamento e um sentimento antipolítica na população, o que ambos os ideólogos souberam se utilizar para garantir que seus candidatos chegassem ao poder.

“Há também nos discursos um redirecionamento da responsabilidade pela crise, retirando-a da sociabilidade burguesa na organização neoliberal do capitalismo para os direitos e valores civis, políticos e sociais de igualdade da modernidade” (Carretero, 2023, p.86 )

O Tradicionalismo é uma corrente filosófica iniciada por René Guénon, um filósofo francês convertido em muçulmano. Segundo essa crença, em algum momento em um passado longínquo houve uma religião denominada de “Tradição” que foi esquecida ou perdida e que teria sobrevivido a partir de

fragmentos de seus conceitos e valores presentes em diversas outras fés e religiões. Essas coincidências entre fragmentos, segundo alguns tradicionalistas, ficariam em maior evidência em religiões como o Hinduísmo ou religiões pagãs prévias ao cristianismo.

Para os tradicionalistas, de forma semelhante ao Hinduísmo, a temporalidade não seria algo linear com começo, meio e fim, mas ocorreria de forma cíclica baseada em 4 idades: a do ouro, da prata, do bronze e a idade sombria, que posteriormente retornaria à idade do ouro novamente. Em relação a essas idades segundo Teitelbaum(2020): “A de "ouro", é claro, refere-se à virtude, e a "sombria", à depravação, ou seja, Tradicionalistas propõem uma visão da história que é, ao mesmo tempo, fatalista e pessimista.” (Teitelbaum, 2020, p.39). E esse fatalismo levaria a crença de que os seres humanos nada poderiam fazer para evitar a degradação (Severo, 2022). recentemente, surgiram novas versões do Tradicionalismo, defendidas principalmente por Bannon, Olavo e Dugin, que enxergam na política um meio de acelerar a queda das instituições modernas e de preservar os valores espirituais da civilização, de forma que eles ressurgam melhores após o fim do ciclo (Severo, 2022).

A moralidade dessa filosofia também é pouco usual quando comparada com as religiões predominantes no ocidente. Segundo os tradicionalistas, cada uma dessas idades pertenceria a uma casta em específico, iniciando com a dos sacerdotes (ouro), indo para dos guerreiros (prata), para a dos comerciantes (bronze) e por fim a dos escravos (idade sombria ou Kali Yuga). Segundo Carretero (2023):

“As duas primeiras castas/eras trariam valores e aspirações espirituais e imateriais como cerne da vida social. No caso dos sacerdotes, a espiritualidade pura; já os guerreiros, noções morais de honra, mas terrenas e menos superiores. As duas últimas, valores e aspirações materiais e físicas. Os comerciantes, mercadorias e dinheiro; já escravos, o tráfico e gratificação corporal. A contemporaneidade representaria a era sombria, onde Estados, nações e sociedades seriam governadas politicamente e culturalmente por valores e aspirações materiais, como dinheiro e prazer corporal. Dessa maneira, o cataclismo/kali yuga possibilitaria o retorno à era dourada. Ele deveria

ser provocado por erupções violentas das castas, que representariam os verdadeiros valores humanos e espirituais” (Carretero, 2023, p.85)

Entre suas muitas oposições está a ideia de Modernidade. O termo neste caso não se refere à utilização feita pelo senso comum de que seria o mesmo que “novo”, mas como um método de organização da sociedade que passou a vigorar principalmente na Europa e no mundo influenciado por ela, a partir dos anos 1800 (Teitelbaum, 2020). Em resumo, a Modernidade parte da fé no progresso, que seria a crença que a partir da inovação seria possível chegar em um mundo melhor. Esse progresso seria manifestado principalmente a partir de ideais de liberdade e igualdade. Considerando a visão temporal dos tradicionalistas, não é difícil entender porque eles se opõem à ideia de progresso, considerando não apenas sua visão fatalista e pessimista do ciclo temporal, como também seu discurso de apelo ao retorno de uma organização social pautada em valores religiosos e conservadores.

“O discurso do tradicionalismo inverte a hierarquia da modernidade e sociedade burguesa. Apela à restauração de formas de organização social, pautadas em religiosidade, valores conservadores e discriminatórios, como se i) fossem representantes da mais alta espiritualidade e ii) populações e pessoas possuidoras de tais valores fossem reserva virtuosa em um mundo em decadência e prestes a ser destruído.” (Carretero, 2023, p.86)

Este seria o Tradicionalismo “originário”, outra vertente deste - que possui apenas algumas mudanças - é a do italiano Julius Evola, que supostamente teria servido de inspiração para alguns ideais do fascismo de Mussolini. Evola, além de propor hierarquias de castas, propunha também hierarquias geográficas, com o norte geográfico acima do sul; e de raças, com os arianos estando acima dos não arianos. Essas divisões hierárquicas seriam justificadas a partir de uma hierarquia espiritual entre indivíduos, e tentativas de trazer uma igualdade entre estes seria tentar igualar o desigual, tendo como resultado a decadência (Carretero, 2023).

Há também no tradicionalismo de Evola, uma pequena mudança em relação à lógica temporal, com as castas dominantes desaparecendo assim que ocorresse o fim de sua idade, portanto, o tempo funcionaria como uma espécie de nivelador dos seres humanos a partir de “seu mais baixo denominador comum” (Teitelbaum, 2020, p. 43).

Considerando essa (breve) explanação em relação ao Tradicionalismo, as relações entre esse movimento e ideólogos e políticos de extrema-direita ficam cada vez mais claras, é preciso, portanto, voltar para Olavo e Bannon.

O Tradicionalismo de Steve Bannon é um pouco mais complexo do que aparenta em sua superfície, ainda que dificilmente se possa negar que sua ideologia possua considerável influência desta escola de pensamento. Essa influência, todavia, aparenta estar muito bem encoberta sob seus discursos e ideais políticos que aparentam ser apenas um “mero” nacionalismo em relação aos EUA.

A campanha populista que Bannon ajudou a criar no mundo aparenta ser incoerente com o que um Tradicionalista defenderia (Teitelbaum, 2020), uma vez que são em grande parte o oposto dos ideais da corrente filosófica: apelam para as massas, é antielitista e possui um forte sentimento antissistema. Todavia, Teitelbaum (2020) argumenta que algumas dessas incongruências entre ideias teriam sido suavizadas em uma versão própria do Tradicionalismo, criada pelo próprio Bannon.

Essa nova versão do Tradicionalismo, segundo Teitelbaum(2020) vinha, em alguns casos, de tentativas do ideólogo de evitar dogmas que seriam pouco aceitos nos dias atuais como a submissão de pobres, mulheres e de etnias não brancas. Todavia, seu envolvimento com partidos de extrema-direita e mesmo com Donald Trump (um notório crítico de imigrantes latinos nos EUA) colocam em dúvida até que ponto essas tentativas eram verdadeiras.

De acordo com Bannon, em uma de suas entrevistas para Teitelbaum que compõem as ideias presentes no livro “Guerra pela Eternidade” (2020), o sistema de castas presente no Tradicionalismo seria uma das coisas que ele não considerava essenciais.

“Quando passávamos por tópicos filosóficos, nossas conversas tendiam a ficar um tanto vagas. E quando lhe pedi para ser mais claro, a primeira coisa que ele mencionou foi o que não considerava essencial no Tradicionalismo: a hierarquia de castas, ou seja, ficar preso a um papel do qual você nunca poderá escapar. Ele se preocupava, particularmente, com aqueles que considerava incapazes de progredir espiritualmente.”(Teitelbaum, 2020, p.136)

Essa oposição ao sistema de castas, entretanto, não vem de uma empatia com seus semelhantes, mas de sua desconfiança em relação à capacidade da sociedade moderna de “integrar as castas Tradicionais com representantes autênticos” (Teitelbaum, 2020, p. 137). Essa oposição também leva diretamente à sua rejeição da modernidade e seus ideais, em que Bannon argumenta que as instituições, causas e valores atuais são vazios e insignificantes (Teitelbaum, 2020). Essa ausência de significações nos valores e sua consequente inversão com indivíduos em instituições importantes assumindo posições que não entendem, seria da idade sombria que o Tradicionalismo alega existir. É possível, portanto, considerar que Steve Bannon possui uma visão levemente apocalíptica (ou extremamente pessimista) em relação ao mundo em que vive.

O sentimento antissistema e contrário a tudo que os ditos progressistas consideram como progresso começa a ser melhor delimitado. Se existe uma inversão de valores nas instituições e na sociedade moderna, e todo e qualquer tipo de progresso irá inadvertidamente levar para uma idade de trevas, então a opção seria lutar contra esse sistema.

Bannon possuiria ainda mais uma oposição em relação à Guénon e Evola, que se basearia em sua preferência pelo campesinato e classe trabalhadora estadunidense - o que é novamente uma posição esdrúxula considerando suas relações com movimentos de extrema-direita mundo afora -, a partir de uma visão idealizada que os consideraria como a casta que possuiria as verdadeiras características da sociedade e que esta serviria não "apenas como embaixadora do espírito de uma nação forjada há muito tempo, mas também como fonte de

encarnações genuínas das quatro castas na hierarquia Tradicionalista.”(Teitelbaum, 2020, p. 144).

Portanto, seu Tradicionalismo é algo muito mais complexo do que apenas uma fé em um sistema de crenças pouco conhecido, mas apresenta dentro de si uma série de incongruências que foram todas absorvidas dentro de um ideário de extrema-direita.

Olavo de Carvalho não era desconhecido para Steve Bannon, eles já haviam se encontrado em janeiro de 2018 - meses antes da eleição que colocaria à Jair Bolsonaro na presidência do Brasil - em um jantar que Olavo fora homenageado.

Segundo Teitelbaum(2020), Bannon enxergaria o Brasil como um possuidor de dons metafísicos que poderiam favorecer os EUA, segundo ele, os valores judaico-cristão do ocidente persistiram na América do Sul através do Brasil e destacava que o Brasil teria tido sua modernização mais tarde que os EUA e a Europa Ocidental, o que faria com que a cultura ocidental em terras brasileiras fosse mais pura e menos corrompida.

Talvez uma das principais características compartilhadas entre os dois ideólogos seja sua visão em relação aos EUA. Em um debate com Dugin em 2011, Olavo defendeu que os EUA seriam a fonte de tradição no mundo atual e que os membros de seu campesinato seriam “embaixadores globais da espiritualidade” (Teitelbaum, 2020, p.282), tal visão seria consideravelmente diferente do que grande parte dos Tradicionalistas da direita pensava, que tendiam a preferir a Rússia ou o Oriente.

A forma de ver o mundo de Olavo era feita a partir de uma suposta batalha entre três atores políticos, que não atraíam sua simpatia. Esses atores seriam: a aliança da Rússia com a China, o mundo financeiro do ocidente e os islâmicos. Uma análise que aparentava caber dentro de uma lógica Tradicionalista, em que o mundo estaria dividido entre guerreiros (Aliança da Rússia e da China), dos comerciantes (mundo financeiro ocidental) e religiosos (islâmicos). Todavia, Olavo subverte essa lógica ao trazer a ideia de que condenar a postura do ocidente seria diferente de condenar a postura dos EUA, uma vez que, segundo



ele, esta seria uma nação com uma tradição anterior ao surgimento do liberalismo. O verdadeiro Estados Unidos não seria o centro do que ele chama de “globalismo” mas sua maior vítima, uma vez que as elites ocidentais estariam colaborando com a Rússia, China e os países islâmicos em uma missão de destruir a soberania, economia e o poderio militar dos EUA.

Sua visão de mundo, de forma semelhante a de Bannon, também aparentava privilegiar o campesinato e a população das classes mais baixas: “Para Olavo e Bannon, é a religiosidade cristã das pessoas pobres do interior, pouco afetadas pela modernidade, que ainda preservaria os princípios dessa tradição” (Severo, 2022). Todavia, havia uma diferença crucial entre os EUA e o Brasil neste quesito, no primeiro a sociedade teria (supostamente) se formado ao redor da religião, enquanto no segundo esta teria tido sua formação ao redor da infraestrutura militar, o que teria como legado uma confiança excessiva na instituição, que segundo o ideólogo teria fracassado em realizar os interesses da nação.

Olavo também possuía um pessimismo em relação às instituições - principalmente às universidades - havendo uma inversão de valores nelas e uma ausência de significados, e acreditava que não poderia haver uma mudança significativa nelas, mesmo com os esforços do governo ao qual apoiava. Suas críticas de certa forma se direcionavam para os aspectos materialistas da sociedade brasileira, sendo estes os mesmos aspectos encontrados nas últimas camadas do ciclo temporal Tradicionalista: a dos comerciantes e a dos escravos. Consequentemente, é possível supor que Olavo, assim como Bannon, também possuía uma visão apocalíptica ou demasiadamente pessimista da sociedade em que vivia.

“A crítica de Olavo à sociedade brasileira é essencialmente uma crítica ao seu materialismo. Sexo e dinheiro – corpos e bens – constituiriam suas principais atividades. Tudo, mesmo aqueles setores forjados na aspiração de valores transcendentais – patriotismo, cultura e espiritualidade –, estaria infectado pelo materialismo, pela mentalidade do escravo e do comerciante. Sábios universitários teriam se tornado cafetões. Guerreiros das Forças Armadas, simples comerciantes. E a

Igreja católica, todas as opções acima. Essa seria a idade sombria do Brasil, a Kali Yuga do modernismo nos trópicos, na qual uma falsa hierarquia Tradicionalista estaria nivelada à instituição militar, que, por sua vez, seria uma fachada simulada para promover os mais baixos valores da humanidade. Uma sociedade de escravos espreitando por trás de uma miragem de guerreiros.” (Teitelbaum, 2020, p. 407)

Por fim, antes de concluirmos este assunto, é preciso trazer dois últimos paralelos entre os Tradicionalistas e o populismo de direita. Este último traria uma divisão entre o “verdadeiro povo” e os valores cosmopolitas da modernidade. Essa contraposição pode ser transportada para a visão Tradicionalista que a enxergaria como uma contraposição de “mercantilistas tecnocratas e sacerdotes não ordenados que transcenderam o tempo” (Teitelbaum, 2020, p. 409). E finalmente: para ambas as visões a política contemporânea e suas divisões são ilusórias: para os Tradicionalistas, tanto direita quanto esquerda seriam materialistas e progressistas e para a Direita Populista, todos os políticos seriam corruptos.

Finalizada a análise das semelhanças entre Olavo de Carvalho e Steve Bannon, é necessário um último adendo. É possível notar uma série de semelhanças entre a visão pessimista de Olavo e do Tradicionalismo e os movimentos de extrema-direita brasileiros, principalmente com sua falta de confiança nas instituições, uma visão pessimista em relação ao futuro e uma contrariedade ao progressismo. Todavia, como a visão de mundo de Bannon se assemelha com a da *Alt-Right*? Um movimento que em muitos casos, está longe de sua visão idealizada da classe trabalhadora detentora dos verdadeiros valores da sociedade; se aproveita consideravelmente da modernidade, principalmente devido sua natureza digital; e que mesmo tendo suas camadas mais conservadoras, ainda está longe de ser um grande exemplo de conservadorismo devido ao seu senso de humor inusitado e à presença de figuras excêntricas como Milo Yiannopoulos. As respostas para isto se concentram em dois pontos: a visão pessimista em relação ao progressismo e sua contrariedade ao chamado Globalismo.

Segundo a lógica tradicionalista, o progressismo e as mudanças sociais que objetivassem uma maior equidade entre pessoas, levariam diretamente para a idade sombria, e uma perda dos “verdadeiros” valores do país, para a *Alt-Right* esta crença estaria resumida em seu medo do desaparecimento dos valores ocidentais e da contrariedade à imigração.

A campanha eleitoral para o primeiro mandato de Donald Trump na Casa Branca, fora pioneira na utilização pejorativa - em larga escala - do termo “globalismo”, que rapidamente passou a ser parte importante dos discursos da extrema-direita mundo afora. Definir o que é o Globalismo - ao menos no imaginário da extrema-direita - não é uma tarefa simples, devido à ausência de uma definição “oficial” e a sua utilização em contextos diversos, que muitas vezes pouco conectam entre si. Logo, talvez não seja exagero considerar que esta ideia - assim como muitas outras da extrema-direita e *Alt-Right* - possui uma subjetividade proposital, que garantiria que pudesse ser usada nos mais diversos contextos, indo desde uma defesa à valores nacionalistas até a teorias da conspiração, que alegam haver um grupo de elites mundiais que controlariam as regras internacionais em função de interesses materialistas e cosmopolitas (Magalhães; Neto, 2024). Segundo Carvalho (2009)<sup>63</sup>, o globalismo não quer apenas mudar radicalmente as estruturas de poder, mas também a sociedade e moral, indo até as entranhas da alma do indivíduo. Nesse sentido, o globalismo possui a mesma função de outras teorias conspiratórias da *Alt-Right* ou mesmo da extrema-direita convencional como a chamada “cultura *woke*”, o *QAnon*, a ideologia de gênero ou mesmo o Gramscismo/Marxismo cultural tanto temido por Olavo: a criação de um inimigo em comum que não apenas estaria à espreita em todos os lugares, mas também em uma missão para remodelar todo o mundo a suas vontades escusas.

Para finalizar, é preciso destacar que não é possível afirmar que todos os membros da *Alt-Right* sejam todos tradicionalistas (ou que sequer saibam do que se trata o tradicionalismo) e tampouco que os Tradicionalistas compartilhem seus ideais, todavia, considerando tudo que já foi dito até aqui podemos fazer algumas prévias conclusões: diferentemente dos Tradicionalistas, tais ideais se

---

<sup>63</sup> Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/a-revolucao-globalista/>

encontram na *Alt-Right* não devido ao surgimento de uma corrente filosófica, mas por características ideológicas próprias de seu movimento e dos medos e preconceitos vindo diretamente destas.

Tabela 2: Quadro comparativo Olavo de Carvalho x Steve Bannon

|                                    | Olavo de Carvalho                                                                                                                       | Steve Bannon                                                                                                                                  |
|------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Ocupações Anteriores               | Intelectual, professor e Jornalista                                                                                                     | Soldado, carreira financeira e produtor de Hollywood                                                                                          |
| Estratégias de influência          | Tentativa de criar elites intelectuais brasileiras, principalmente a partir de seus cursos e aulas                                      | Utilização da Breitbart News para o cumprimento de sua agenda conservadora                                                                    |
| Articulação Política Prévia        | Não possuía                                                                                                                             | Envolvimento com a <i>Alt-Right</i> , <i>Breitbart News</i> e com a <i>Cambridge Analytica</i>                                                |
| Envolvimento com a extrema-direita | Olavismo e Bolsonarismo                                                                                                                 | <i>Alt-Right</i> e Trumpismo                                                                                                                  |
| Visão em relação aos EUA           | Idealizada                                                                                                                              | Idealizada                                                                                                                                    |
| Papel Político                     | Guru Ideológico e conselheiro não oficial deste                                                                                         | Estrategista da casa branca                                                                                                                   |
| Contexto                           | Jornadas de Junho de 2013, Crise Econômica, impeachment de Dilma, Operação Lava Jato                                                    | Pós-Crise de 2008, ressurgimento da extrema-direita no resto do mundo,                                                                        |
| Crenças                            | Tradicionalismo<br><br>Contrariedade à China e ao Islã<br><br>Anticomunismo<br><br>Catolicismo<br><br>Pessimismo em relação à sua época | Tradicionalismo<br><br>Contrariedade à China e ao Islã<br><br>Anticomunismo<br><br>Ultranacionalismo<br><br>Pessimismo em relação à sua época |
| Visão em relação ao Brasil         | Visão crítica ao Brasil                                                                                                                 | Acreditava que os valores Judaico-Cristão persistiram na América do Sul graças ao Brasil e que este possuía dons metafísicos                  |

Fonte: Elaborado pelo autor

## 5. Brasil e Estados Unidos: algumas ressalvas

Ainda que ambos os países, cujos movimentos estão sendo aqui comparados, possuam explícitas semelhanças, que vão desde sua extensão geográfica continental até sua majoritária população cristã, Brasil e Estados Unidos também possuem uma série de diferenças culturais, populacionais e históricas que não podem ser desconsideradas para a análise aqui pretendida.

Devido às limitações temáticas e espaciais do presente trabalho, optou-se pelo enfoque de quatro diferenças específicas entre os países, que serão fundamentais para o entendimento das características peculiares e diferenças dos movimentos aqui estudados. Sendo estas: a forma como a liberdade de expressão é tratada, o legado do autoritarismo, os contextos que possibilitaram os movimentos aqui tratados, e por fim, a forma como a religião é organizada. A escolha destas, não é feita ao acaso, mas se baseia em aspectos peculiares próprios do Brasil e dos EUA, o que será mais discutido em mais detalhes a seguir.

A liberdade de expressão é algo não apenas supervalorizado pelos membros da *Alt-Right*, mas também é recebida com grande entusiasmo por grande parte da população - e do meio jurídico - estadunidense, sendo, literalmente a primeira emenda de sua constituição, pensada ainda no século 18.

“O Congresso não fará nenhuma lei a respeito do estabelecimento da religião, ou que proíba o seu livre exercício, ou cerceie a liberdade de expressão, ou da imprensa, ou o direito do povo de se reunir pacificamente e a solicitar do governo uma reparação por ofensa (ESTADOS UNIDOS, 1971 APUD Azevedo, Fernandes, 2017, p.153 tradução livre).”

A interpretação da liberdade de expressão é um dos principais pontos de diferenciação entre Brasil e EUA, com o primeiro proibindo muitos discursos que no segundo seriam considerados desrespeitosos, mas ainda seriam protegidos pela Lei.

“Nos EUA, a liberdade de expressão está inserida num sistema jurídico extremamente complexo, no qual a principal referência legal é a Primeira Emenda. Seguindo sua tradição liberal, quando situações em conflito envolvem o discurso político (em sentido amplo), o Estado norte-americano assume uma intensa tutela constitucional da liberdade de expressão. Visto que as mensagens de ódio são consideradas uma forma de discurso nos EUA, essas ficam inseridas no espectro de proteção da Primeira Emenda (Azevedo, Fernandes, p.159, 2017).”

Sarmiento (2006), nos aponta isso ao deliberar sobre o caso *Brandenburg vs Ohio*, em que a suprema corte estadunidense reverteu a condenação de Brandenburg, um líder da Ku Klux Klan, por apologia ao crime. Sua condenação se baseava no fato de que este havia transmitido um encontro da organização, em que esta ostentava seus membros encapuzados e trazia ameaças à negros, judeus e até mesmo ao congresso e ao presidente estadunidense do período. De forma simplificada, o entendimento da Suprema Corte estadunidense: “A linha traçada pela Corte distinguiu a defesa de idéias racistas – protegida pela liberdade de expressão – da incitação à prática de atos violentos – não protegida (Sarmiento, 2006, p.8)”

Recentemente, a liberdade de expressão voltou a ser um tema de calorosos debates no Brasil, gerando diversas polêmicas que vão desde inquéritos contra fake news até podcasters defendendo a possibilidade de criação de um partido nazista em território nacional<sup>64</sup>. Assim como nos EUA, a liberdade de expressão é garantida pela constituição, todavia, sua trajetória e suas interpretações foram (e ainda são) consideravelmente distintas.

No Brasil, porém, as possibilidades de exercer essa liberdade, sempre estiveram intrinsecamente ligadas à situação política e social ao qual o país se encontrava. O Brasil, assim como muitos outros países da América Latina e do mundo, passou por períodos ditatoriais que interferiram diretamente nas possibilidades de exercício pleno da liberdade de expressão. No período recente,

---

<sup>64</sup> <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2022/02/08/monark-defende-partido-nazista-no-brasil-e-contraria-principios-da-constituicao.htm?>

foi apenas na Constituição de 1988 que esta liberdade passou a não ser vítima de nenhum tipo de censura por parte do Estado - como ocorrera na Era Vargas, com o Departamento de Imprensa e Propaganda e na Ditadura Civil Militar, com o AI-5. Entretanto, a ausência de censura não a garantia como um “direito absoluto” (Sarmiento, 2006), isso é, havia determinados limites impostos na própria constituição para evitar que esta ultrapassasse outros direitos.

“Sem embargo, a liberdade de expressão não foi concebida na ordem constitucional de 1988 como um direito absoluto. O próprio texto constitucional consagrou direitos fundamentais que lhe impõem restrições e limites, como a indenização por dano moral ou à imagem (art. 5º, inciso V) e a inviolabilidade da intimidade, vida privada, honra e imagem das pessoas (art. 5º, X). E há, ademais, outros bens e valores constitucionais com que a liberdade de expressão pode colidir em casos concretos, como o devido processo legal, a proteção à saúde e a própria igualdade. Nada no sistema constitucional brasileiro autoriza a conclusão de que a liberdade de expressão deva sempre prevalecer nestes conflitos (Sarmiento, 2006, p.46).”

Um caso notório para se entender a interpretação da liberdade de expressão no caso brasileiro - e que vai numa posição contrária à dos EUA - é o caso Ellwanger. O caso se tratava do escritor Siegfried Ellwanger, que juntamente da editora fundada por ele, elaborou e publicou uma série de livros de cunho antissemita e foi condenado pelo tribunal do Rio Grande do Sul. Ellwanger, posteriormente, solicitou Habeas Corpus ao STF e teve o pedido negado por parte dos ministros deste. O entendimento dos ministros pode ser resumido pela fala de Azevedo e Fernandes:

“Em resumo, ao final da decisão, o STF concluiu que o direito à liberdade de expressão não pode servir de fundamento para as manifestações discriminatórias, o estímulo da violência e a intolerância contra grupos humanos, nos quais se incluem os membros da comunidade judaica. (Azevedo, Fernandes, 2017, p.159).”



Em termos gerais, podemos considerar que o entendimento da liberdade de expressão - principalmente quando existe o crime de racismo envolvido - no Brasil e nos EUA é consideravelmente distinto. Enquanto no entendimento brasileiro, é permitido a associação entre o discurso discriminatório e as possíveis consequências deste estímulo à violência, o que o difere consideravelmente dos EUA, em que o discurso discriminatório (e consequentemente o discurso de ódio) não é visto como intrinsecamente associado ao estímulo à violência. Consequentemente, é inevitável que ocorram casos como o de Charlottesville, em que supremacistas brancos andavam despreocupadamente portando bandeiras com suásticas em meio a manifestantes (inicialmente) pacíficos.

O legado, o entendimento e a própria aceitação do autoritarismo são outro ponto de grande diferença entre os dois países. Mesmo que, atualmente, no segundo mandato de Donald Trump, os EUA estejam passando por viradas autoritárias - com flertes do presidente com a ideia de que talvez as pessoas queiram um ditador<sup>65</sup>, embates de seu governo contra sua imprensa<sup>66</sup>, colocada de militares em cidades supostamente perigosas<sup>67</sup> ou mesmo as atuações violentas de seu Serviço de Imigração e Alfândega (ICE) contra (supostos) imigrantes ilegais<sup>68</sup> - os EUA, ao menos até a escritura deste trabalho, nunca passaram por nenhum tipo de regime ditatorial, tendo sido desde sua fundação uma democracia liberal.

O Brasil, em contrapartida, não apenas teve em sua história diversos golpes de Estado e tentativas de golpe - sendo o mais recente o já citado 8 de Janeiro de 2023 -, mas também passou por dois períodos ditatoriais, tendo conseguido sua mais recente redemocratização em 1985, após o fim da ditadura

---

<sup>65</sup> <https://cbn.globo.com/mundo/noticia/2025/08/25/trump-afirma-que-pessoas-podem-gostar-de-um-ditador-mas-defende-que-ele-nao-e-um.ghml>

<sup>66</sup> <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/09/20/jimmy-kimmel-processo-contr-new-york-times-e-wall-street-journal-as-brigas-de-trump-contr-veiculos-de-imprensa-dos-eua-cronologia.ghml>

<sup>67</sup> <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/trump-sugere-usar-cidades-perigosas-como-campo-de-treinamento-de-militares/>

<sup>68</sup> <https://sbtnews.sbt.com.br/noticia/mundo/brasileira-e-presa-pelo-servico-de-imigracao-dos-eua-em-meio-a-protestos-de-moradores-contr-violencia>

militar. É importante lembrar que os responsáveis pela ditadura, em sua grande parte, não foram devidamente punidos, o que possibilitou o saudosismo em muitos setores da população por esse período. Sendo o exemplo mais notório, o recém condenado e atual ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, em que mais de uma ocasião defendeu tal período <sup>69</sup>.

“O acordo entre os civis e militares para o fim da ditadura brasileira, o qual se deu sem punição para os crimes promovidos pelo Estado naquele período, manteve, em alguma medida, na consciência dos indivíduos daquela geração um bom lugar para aquele período, o modelo de sociedade desenvolvido e os valores preconizados. É razoável supor que em momentos de crise, nos quais a significação da vida dos brasileiros – em especial daqueles formados pelos valores nacional-militares – fica enfraquecida, aqueles sujeitos recorram a um passado idealizado, no caso, um passado militar (Neto, Gaio, Vasques, Myskiw, 2021, p.9)

Portanto, o entusiasmo dos movimentos de extrema-direita brasileiros com o autoritarismo, difere bastante do autoritarismo defendido pela *Alt-Right* contra as minorias sociais e políticas, que se conecta tanto com características próprias da sociedade estadunidense - como a maneira que o racismo foi enraizado naquela sociedade, seu entendimento da liberdade de expressão e as teorias do racismo científico, com estas últimas sendo amplamente aceitas por membros proeminentes da *Alt-Right* como Jared Taylor e Richard Spencer - quanto pelo próprio contexto sociopolítico descrito por Wendy Brown (2019) descrito previamente neste Trabalho.

A diferença nos contextos de aceitação do autoritarismo, consequentemente, nos leva para uma diferenciação na composição social destes movimentos. Se por um lado os movimentos de extrema-direita brasileiros advêm de uma classe média/pequena burguesia ressentida com a ascensão dos

---

<sup>69</sup> <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/presidente-bolsonaro-defende-golpe-de-64-e-daniel-silveira-e-ataca-ministros-do-stf/>

mais pobres (Souza, 2019) que adquiriram grande parte de sua força popular nas ruas nas Jornadas de Junho de 2013 e eventualmente adquirindo força o suficiente para conseguir suas reivindicações mais ambiciosas como foi o caso do Impeachment de Dilma, os membros da *Alt-Right* se concentram em uma juventude branca ligada ao mundo digital e testemunhas da queda da supremacia branca no ocidente, notada por Brown (2019).

Como notado previamente, a religião - em especial a cristã - é uma característica de grande importância para os grupos de extrema-direita, e um dos principais pontos de diferença entre os dois países. Considerando apenas o conhecimento histórico básico em relação a estes, nota-se uma grande diferença religiosa já na colonização de ambos os países: se no Brasil, sua colonização ocorreu por uma Portugal católica, nos EUA a colonização foi feita por puritanos - uma das muitas vertentes da reforma protestante - ingleses e posteriormente sofreu grandes influências de outras vertentes protestantes como o calvinismo<sup>70</sup>.

Todavia, as diferenças religiosas entre eles vão muito além da dicotomia simplista católica X protestante. Segundo um relatório do Pew Research Center<sup>71</sup> nos EUA, publicado em 2025, a população cristã no país era de 62% em 2023, com os protestantes ocupando cerca de 40% desta população e os católicos 19% e entre os protestantes há (ao menos) 16 grandes denominações, sem contar aqueles que não possuem uma denominação específica do seu protestantismo. Essa grande descentralização, porém, não é uma característica específica do protestantismo estadunidense, segundo Mateo (2011) dentro dos EUA há pelo menos 1200 denominações religiosas, o que demonstra não apenas a descentralização de sua principal religião, mas também as possibilidades de reinvenção e fluidez entre outras religiões (Mateo, 2011).

---

<sup>70</sup> Como notado por Weber (2007) em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*

<sup>71</sup> Um think tank estadunidense que segundo seu próprio site: "Pew Research Center is a nonpartisan fact tank that informs the public about the issues, attitudes and trends shaping the world. We conduct public opinion polling, demographic research, content analysis and other data-driven social science research. We do not take policy positions."

Tabela 3: Maiores denominações protestantes nos EUA<sup>72</sup>

|                                                                    | Among all U.S. adults |      |         | Among Protestants |      |         |
|--------------------------------------------------------------------|-----------------------|------|---------|-------------------|------|---------|
|                                                                    | 2007                  | 2014 | 2023-24 | 2007              | 2014 | 2023-24 |
| Southern Baptist Convention (evangelical tradition)                | 6.7%                  | 5.3% | 4.4%    | 13%               | 11%  | 11%     |
| United Methodist Church (mainline)                                 | 5.1                   | 3.6  | 2.7     | 10                | 8    | 7       |
| Evangelical Lutheran Church in America (ELCA) (mainline)           | 2.0                   | 1.4  | 1.4     | 4                 | 3    | 3       |
| Church of Christ (evangelical)                                     | 1.5                   | 1.5  | 1.1     | 3                 | 3    | 3       |
| Assemblies of God (evangelical)                                    | 1.4                   | 1.4  | 1.1     | 3                 | 3    | 3       |
| Lutheran Church-Missouri Synod (evangelical)                       | 1.4                   | 1.1  | 1.1     | 3                 | 2    | 3       |
| National Baptist Convention, USA (historically Black Prot.)*       | –                     | –    | 1.0     | –                 | –    | 2       |
| American Baptist Churches USA (mainline)                           | 1.2                   | 1.5  | 1.0     | 2                 | 3    | 3       |
| Episcopal Church (mainline)                                        | 1.0                   | 0.9  | 0.9     | 2                 | 2    | 2       |
| Presbyterian Church (USA) (mainline)                               | 1.1                   | 0.9  | 0.8     | 2                 | 2    | 2       |
| Church of God in Christ (historically Black Prot.)                 | 0.6                   | 0.6  | 0.7     | 1                 | 1    | 2       |
| Presbyterian Church in America (evangelical)                       | 0.4                   | 0.4  | 0.5     | 1                 | 1    | 1       |
| National Baptist Convention of America (historically Black Prot.)* | –                     | –    | 0.4     | –                 | –    | 1       |
| United Church of Christ (mainline)                                 | 0.5                   | 0.4  | 0.4     | 1                 | 1    | 1       |
| Church of God (Cleveland, TN) (evangelical)                        | 0.4                   | 0.4  | 0.4     | 1                 | 1    | 1       |
| Seventh-day Adventist (evangelical)                                | 0.4                   | 0.5  | 0.3     | 1                 | 1    | 1       |

Fonte: Pew Research Center de 2025

No Brasil a situação difere consideravelmente. Uma vez que, como já citado, o país possui uma afinidade muito maior com a religião católica, do que com o protestantismo - que no caso brasileiro é principalmente representado pelos evangélicos - , segundo o IBGE<sup>73</sup>, o número de católicos apostólicos romanos no Brasil ainda permanece sendo a maior parte da população (56,7%), mesmo que tenha sofrido uma queda de mais de 10% se comparado com os números de 2010. Os evangélicos - uma vertente do protestantismo -, por outro lado, tiveram um aumento de mais de 5% indo de 21,6% (35 milhões) a 26,9%

<sup>72</sup> Título original: "Largest Protestant denominations in the United States"

<sup>73</sup> [agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43593-censo-2022-catolicos-seguem-em-queda-evangelicos-e-sem-religiao-crescem-no-pais](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43593-censo-2022-catolicos-seguem-em-queda-evangelicos-e-sem-religiao-crescem-no-pais)

(47,4 milhões). Logo, mesmo que o protestantismo esteja em um progressivo crescimento, ele ainda se encontra muito abaixo do catolicismo típico brasileiro.

Assim como nos EUA existem vertentes do protestantismo, o mesmo ocorre com os evangélicos - que nesse caso funcionaria como uma espécie de vertente da vertente - que poderiam ser divididos em 2 grandes tipos: igrejas evangélicas tradicionais e igrejas evangélicas pentecostais ou neopentecostais. Segundo Coelho e Casalecchi (2024) dos 26% dos evangélicos, cerca de 19,8% se localizam dentro da vertente pentecostal, enquanto apenas 6,1% se encontram dentro da vertente tradicional (que os autores chamam de “histórica”). Um adendo importante a se fazer, é de que grande parte dos evangélicos pentecostais estão localizados dentro de poucas igrejas, como a Assembleia de Deus e a Igreja Universal do Reino de Deus, reunindo quase 14 milhões dos 47 milhões de fiéis de acordo com dados de 2010 (Spyer, 2020).

Nesse sentido, portanto, podemos concluir duas coisas. A primeira conclusão é de que a própria escolha do termo “evangélico” utilizado pelo IBGE e outros órgãos de pesquisa como uma espécie de representante do protestantismo no Brasil, já o difere fortemente do pluralismo do protestantismo estadunidense. Dessa forma, a fim de simplificarmos a discussão, podemos concluir que o protestantismo no Brasil se encontra de maneira muito mais centralizada, concentrando-se principalmente em apenas duas vertentes em comparação com as 16 vertentes desta nos EUA.

E por fim, outra diferença importante no campo religioso desses dois países, está na quantidade de pessoas que não se identifica com nenhuma religião. Segundo o Pew Research Center o número de pessoas que não se identificavam com nenhuma religião (foram considerados ateus, agnósticos e indivíduos que diziam acreditar em “nada em particular”) era de 29%. Enquanto que no Brasil, segundo o IBGE esse número é de 9,3%.

Dessa maneira, elencamos as diferenças entre os países discutidas nos parágrafos anteriores no quadro a seguir

Tabela 4: Quadro comparativo Brasil X Eua

|                                              | Brasil                                                                                                                                                                                                                                                             | EUA                                                                                                                                                            |
|----------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Visão sobre a liberdade de expressão         | Garantido pela constituição de 88, mas é regulada e possui uma série de limites legais                                                                                                                                                                             | Direito Quase absoluto, presente desde a publicação de sua constituição no século XVIII                                                                        |
| Legado de Autoritarismo                      | Passou por dois períodos ditatoriais                                                                                                                                                                                                                               | Nunca passou por período ditatorial. Atualmente encontra-se em um governo que flerta com o autoritarismo                                                       |
| Composição de seus grupos de extrema-direita | Classe média e pequena burguesia ressentida                                                                                                                                                                                                                        | Jovens (em grande parte) brancos e conectados ao mundo digital                                                                                                 |
| Religião Predominante                        | Catolicismo                                                                                                                                                                                                                                                        | Protestantismo                                                                                                                                                 |
| Organização Religiosa                        | Relativamente Centralizada, se dividindo majoritariamente entre o catolicismo, uma vertente do protestantismo (evangélicos) que se divide em outras duas (tradicionais e pentecostais) e um baixo número de indivíduos que não se identificam com nenhuma religião | Altamente descentralizado, com (ao menos) 16 vertentes de protestantes, catolicismo e um alto número de indivíduos que não se identificam com nenhuma religião |

Fonte: Elaborado pelo autor

Considerando as diferenças entre os países previamente elencadas, em um primeiro momento, nossa hipótese de que houve uma influência da *Alt-Right* nos movimentos de extrema-direita brasileiros pode aparentar ter sido razoavelmente enfraquecida, visto que os dois países possuem diferenças o suficiente para considerarmos que existe uma possibilidade de que o surgimento desses movimentos - mesmo que em próximos um do outro - como uma coincidência e que estes não possuem relações entre si.

A possibilidade de ser apenas uma coincidência, porém, não é algo claro. Uma vez que os resultados obtidos por ambos os países - primeiro os EUA pela *Alt-Right*, representado pela figura de Trump em seu primeiro mandato e posteriormente no Brasil pela figura de Bolsonaro<sup>74</sup> - não foram apenas uma mera semelhança típica de figuras autoritárias, mas resultados que foram obtidos com discursos, estratégias e movimentos semelhantes, e que se aproveitaram das mesmas fraquezas que suas sociedades passavam concomitantemente. E mesmo suas próprias diferenças foram utilizadas de formas semelhantes.

Mesmo que atualmente a extrema-direita brasileira apresente um discurso de que estaria tendo sua liberdade de expressão cerceada - principalmente, devido aos diversos inquéritos de Fake News e o enfrentamento por parte do Supremo Tribunal Brasileiro contra as Big Techs e sua recusa em retirar conteúdos antidemocráticos das redes sociais - e que o Brasil tenha uma liberdade de expressão consideravelmente mais regulada que os EUA, a extrema-direita é um dos grupos que mais usufruem das nuances desta. A década de 2010, foi marcada tanto nos EUA quanto no Brasil, por uma grande utilização da liberdade de expressão para atacar inimigos políticos, espalhar notícias falsas sobre os mais diversos temas e garantir que ambos os candidatos representantes dos movimentos de extrema-direita tivessem quase total impunidade em seus discursos - Trump não apenas insultou Hillary diversas vezes<sup>75</sup> como também insultou uma série de outras pessoas durante sua campanha para presidente em 2016<sup>76</sup>, Bolsonaro dedicou o voto pelo *Impeachment* de Dilma Rousseff a um torturador da Ditadura Militar brasileira<sup>77</sup> e insultou Fernando Haddad diversas vezes<sup>78</sup> - portanto, mesmo uma das mais fundamentais diferenças entre os dois países, acabou não sendo necessariamente uma força de diferenciação tão grande, quanto poderia ter sido

---

<sup>74</sup> Importante lembrar que o Bolsonaro no período não era o representante dos movimentos de extrema direita brasileiros, apenas a consequência destes e de sua posterior convergência.

<sup>75</sup> <https://edition.cnn.com/2016/06/22/politics/donald-trump-speech-hillary-clinton-zingers/index.html>

<sup>76</sup> <https://www.politico.com/story/2016/11/2016-election-best-insults-230794>

<sup>77</sup> <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-menciona-chefe-do-doi-codi-ao-votar-pelo-impeachment-2-19112343>

<sup>78</sup> [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/10/14/interna\\_politica%2C712626/bolsonaro-responde-haddad-nas-redes.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/10/14/interna_politica%2C712626/bolsonaro-responde-haddad-nas-redes.shtml)

em outros momentos históricos. Um fato a se considerar no caso brasileiro, é que grande parte das críticas (e ataques) dos movimentos de extrema-direita aos seus opositores tiveram um respaldo indireto da mídia tradicional, seja em sua cobertura espetaculosa de casos de corrupção envolvendo petistas, seja em acusações de descontrole de Dilma, como demonstrado na polêmica capa da Istoé de 2016<sup>79</sup>. Portanto, podemos considerar que a liberdade de expressão gerou uma diferença mais de grau do que de natureza, isto é, enquanto a *Alt-Right* agia livremente com comentários racistas, homofóbicos e em grande parte do tempo violentos no *4chan*, os movimentos brasileiros realizavam seus ataques relativamente dentro da regulação constitucional brasileira da liberdade de expressão, ao menos em um período pré-ascensão de Jair Bolsonaro, que de forma semelhante à sua contraparte estadunidense, estendeu os limites do que era aceitável dizer na política e em muitos casos cruzou os limites constitucionais desta liberdade.

Outro ponto a se considerar é o fato de que ambos os movimentos se utilizam de interpretações errôneas sobre acontecimentos históricos, a crença em uma “história alternativa” e em muitos casos um passado idealizado. No caso brasileiro, podemos usar de exemplo a Brasil Paralelo e seu papel na elaboração de uma desconfiança em relação ao cânone histórico, permitindo a criação de uma história alternativa e a abertura de brechas para teorias da conspiração, principalmente em períodos históricos polêmicos, como é o caso da Ditadura Militar Brasileira. Em um dos seus documentários (1964: entre armas livros) a produtora traz uma tentativa de “humanização” da ditadura militar, em que o regime teria sido implantado como uma tentativa de parar o comunismo em terras brasileiras, e que muitos dos seus excessos (como a tortura e a censura por exemplo) teriam sido ineficazes e seriam justificados pela luta do regime contra terroristas armados de esquerda que estariam sendo influenciados pela União Soviética e por filósofos marxistas como Antonio Gramsci (Silveira, Souza, 2024).

---

<sup>79</sup> <https://www.cartacapital.com.br/blogs/midiatico/quando-a-misoginia-pauta-as-criticas-ao-governo-dilma/>



Dessa forma, podemos argumentar que o saudosismo e nostalgia pelo período da Ditadura Militar por parte dos grupos de extrema-direita brasileiros, não se trata apenas do legado de um autoritarismo baseado na ausência de punição aos responsáveis por ela, mas principalmente na mobilização desta nostalgia para a criação de uma mitificação do período, criando uma espécie de passado glorioso, cuja retomada seria necessária para consertar a presente crise da sociedade (Santos, 2024). Em resumo, o legado de autoritarismo deixado pela ditadura militar foi mobilizado de forma a criar um passado mítico.

A criação de uma “história alternativa” (alt-history) não é algo exclusivo dos movimentos de extrema-direita brasileiros, movimentos de extrema-direita estadunidenses - incluindo a *Alt-Right* - também se utilizam desse método para justificar seus ideais. Louie Dean Valencia-Garcia (2020) em seu artigo “*Far-Right Revisionism and the End of History*”, além de cunhar o termo “alt-history”<sup>80</sup> em referência à *Alt-Right*, também traz exemplos pertinentes em relação à esse tipo de narrativa, como a ideia de que o nazismo seria de esquerda, que o holocausto não teria acontecido ou que a imigração atual nos EUA, seria um projeto de genocídio branco (teoria muito difundida nos círculos da *Alt-Right*). E nas palavras de Wendy Brown(2020)

“Era a imagem de um passado mítico de famílias felizes, íntegras e heterossexuais, quando mulheres e minorias raciais sabiam seus lugares, quando vizinhanças eram ordeiras, seguras e homogêneas, a heroína era problema dos negros, o terrorismo não estava em solo pátrio e quando cristandade e branquitude hegemônicas constituíam a identidade, o poder e o orgulho manifestos da nação e do Ocidente (Brown, 2019, p. 13)”

A composição dos movimentos também é algo que representa uma falsa assimetria na comparação entre os dois países. Mesmo que os movimentos de

---

<sup>80</sup> É válido lembrar, que alt-history, não meramente uma “alternativa” ao cânone histórico, mas também um fenômeno específico com objetivos e características próprias, que Valencia-Garcia(2020) e Brito e Junior(2021) elencam como: negacionismo histórico; crença em uma visão histórica cíclica ou teleológica; entendimento da mudança como decadência; mitologização, nostalgia por um passado inventado; caráter a-histórico e entendimento histórico fragmentado, muitas vezes baseado na cultura popular

extrema-direita brasileiros apresentam uma composição muito mais baseada em manifestações de rua, eles possuem uma característica em comum importante com a *Alt-Right*: o sentimento de rejeição e o medo da decadência de sua posição social. Os movimentos de extrema-direita brasileiros exercem isso a partir da rejeição à aproximação dos mais pobres ao que era algo considerado tipicamente de classe média - sendo um exemplo clássico, e até mesmo clichê, a ocupação de vagas nas universidades públicas -, a *Alt-Right* exerce o seu medo através do ódio e da rejeição de minorias raciais e imigrantes, que seriam vistos como não merecedores da inclusão liberal (Brown, 2019). Portanto, mesmo em sua suposta assimetria, há uma simetria considerável entre a composição desses movimentos.

Contrariamente aos casos citados acima, a diferença organizacional das religiões nos dois países, aparenta realmente ser uma diferença significativa entre eles, principalmente quando consideramos as possíveis estratégias políticas utilizadas para atingir esses grupos. No caso brasileiro, a religião também é consideravelmente mais centralizada no âmbito político, principalmente no que se refere à existência da chamada “Bancada Evangélica” no Congresso Nacional. Esta bancada, como nota Spyer (2020) é fortemente influenciada por duas grandes igrejas: a Assembleia de Deus e a Igreja Universal do Reino de Deus, com ambas sendo capazes de eleger respectivamente 33 e 18 parlamentares. Nos EUA, por outro lado, seguindo sua tendência religiosa descentralizada seu congresso é formado pelos diversos ramos da religião protestantes. Segundo o Pew Research Center, dos 461 representantes que se declaram abertamente cristãos. 295 pertenciam à algum ramo da religião protestante, sendo os Batistas e os Metodistas as duas maiores categorias, tendo respectivamente 75 e 26 membros no congresso, seguidos pelos Presbiterianos (26 membros) e pelos Episcopais (22 membros).

Portanto, a diferenciação entre as religiões predominantes e sua forma de se organizar, é uma das poucas assimetrias entre os dois países que se mantiveram durante o período em questão. Todas as outras assimetrias aqui destacadas previamente, foram “vítimas” do próprio contexto em que se encontravam, fazendo com que características que outrora gerariam resultados

consideravelmente diferentes, gerassem resultados semelhantes dentro dos limites culturais de ambos os países.

## 6. Considerações finais

Antes de qualquer consideração, é preciso destacar, que o presente trabalho não pretende de forma alguma findar os debates relacionados aos movimentos analisados. Todavia, podemos trazer algumas considerações prévias da tarefa à qual nos propusemos.

A primeira delas se refere à revelação do caráter aparentemente paradoxal de nossa hipótese, após as várias análises aqui empreendidas. Se de um lado a comparação entre esses movimentos - e eventual influência de um sobre o outro - aparenta ser algo óbvio, principalmente devido às diversas características ideológicas compartilhadas, a cronologia dos acontecimentos e de suas ações, suas táticas e estratégias na internet, simpatia entre alguns de seus membros, além das semelhanças comportamentais e ideológicas de seus principais representantes a chegarem à presidência; por outro, a comparação e a hipótese de que haveria uma influência da *Alt-Right* sobre os movimentos brasileiros parece absurda quando consideramos que estamos tratando de um movimento abertamente nacionalista (e não raramente supremacista) branco frente a movimentos de um país fundado na ideia da democracia racial. As razões para esse (aparente) caráter paradoxal não ser completamente válido serão discutidas mais adiante.

A segunda e última consideração, é mostrada na nossa análise das diferenças culturais entre Estados Unidos e Brasil. As características elencadas tratavam de diferenças essenciais entre os dois países, e nos levavam a crer que nossa hipótese estaria de alguma forma equivocada ou no mínimo exagerada, principalmente em relação à liberdade de expressão e ao legado e papel que o autoritarismo exercia em ambas as sociedades. Porém, nossas análises

demonstraram que essas diferenças, contrariamente ao que poderia se esperar delas, levaram a resultados extremamente semelhantes.

A diferença na liberdade de expressão, por exemplo, em teoria deveria levar a uma maior regulação dos discursos dos movimentos de extrema-direita brasileiros, fazendo com que seus discursos fossem radicalmente diferentes dos da *Alt-Right*, todavia, o que encontramos foram discursos que se diferenciavam em forma, mas não em conteúdo. A *Alt-Right*, vociferava contra minorias étnicas, feministas, SJWs, membros da esquerda e todos aqueles que supostamente eram defensores do que eles consideravam como “politicamente correto” e por fim todos aqueles que estavam supostamente conspirando contra seus valores; por outro lado, os movimentos de extrema-direita brasileiros vociferavam contra minorias políticas e sociais; feministas, que supostamente seriam contra a família brasileira e membros da esquerda, que eles enxergam como inerentemente corruptos e que estariam conspirando contra os seus valores. Em resumo, ambos os movimentos atacavam grupos historicamente enfraquecidos e marginalizados e que estariam supostamente conspirando contra seu estilo de vida.

Esperávamos que o legado de autoritarismo no Brasil fosse representar uma diferença ainda maior que a liberdade de expressão em relação à esses dois países. Quando analisada a história do Brasil, com seus dois períodos ditatoriais, é relativamente “simples” entendermos a escala dos movimentos de extrema-direita desde sua gênese em 2013 até sua consumação na eleição de Jair Bolsonaro em 2018. Em contrapartida, os EUA são conhecidos por muitos como o “país da liberdade” e a “maior democracia do mundo” tendo sido fundada já sob os moldes da democracia liberal e nunca tendo passado por nenhum momento ditatorial, ao menos até o presente momento. Todavia, ainda que a cultura estadunidense tenha em seus fundamentos a luta pela liberdade e contrária às arbitrariedades do Estado, isto não impediu que a *Alt-Right* (e Steve Bannon) fosse capaz de eleger um presidente com seus ideais autoritários, principalmente referente às minorias e que tratava a democracia como algo

supérfluo, atacando diversas vezes à mídia<sup>81</sup> e chegando a pressionar governos para investigar seus desafetos políticos<sup>82</sup>.

Contudo, para continuarmos a detalhar nossas conclusões é preciso retomarmos as discussões feitas até agora.

Mesmo que seu objetivo não fosse especificamente traçar a história da *Alt-Right*, mas de tentar entender a relação entre as políticas Neoliberais e a recente escalada autoritária no mundo, Wendy Brown (2019) inadvertidamente traçou o cenário que tornou possível a germinação da *Alt-Right*. Brown (2019), descreve um cenário de terra arrasada na economia no pós-Crise de 2008, em que o Estado estadunidense ao invés de oferecer amparo à sua população escolheu salvar os bancos, fazendo com que houvesse uma onda violenta e populista contra liberalismo, ao mesmo tempo que grupos extremistas - como fascistas, libertários e nacionalistas brancos - antes isolados começavam a se conectar pela internet (Brown, 2019).

O que diferencia essa nova reação da extrema-direita estadunidense está em de onde ela vem, ela se origina diretamente do sentimento de branquitude destronada no pós-crise de 2008, em que um patriotismo baseado no militarismo ou no apoio à valores familiares tradicionais, já não era mais suficiente, era preciso procurar (ou fabricar) um culpado. E é partir desta necessidade em que surge o ódio destes grupos em relação à minorias étnicas, feministas, negros, e todos aqueles que não se encaixem no padrão estadunidense-cristão-hétero-homem-branco.

“Foi fácil pôr a culpa pelo seu destronamento no roubo de empregos por migrantes, minorias e outros supostos beneficiários não merecedores da inclusão liberal (mais escandalosamente, aqueles de religiões e etnias supostamente terroristas) e cortejados por elites e globalistas. Os danos das políticas econômicas neoliberais foram assim

---

<sup>81</sup> <https://www.mediamatters.org/sean-hannity/100-days-trump-has-attacked-press-over-100-times-heres-how-fox-news-cheered-him>

<sup>82</sup> <https://abcnews.go.com/Politics/transcript-trump-call-ukraine-includes-talk-giuliani-barr/story?id=65848768&utm>

manipulados na imagem de suas próprias perdas, espelhada no descaminho da nação (Brown, 2019, p.13”

A *Alt-Right* surge nesse momento caótico de intersecção entre as consequências diretas do neoliberalismo e o ódio hiperconectado entre grupos extremistas. Esse extremismo se radicalizou ainda mais com as tentativas de políticas de inclusão e equidade a favor de grupos e/ou indivíduos historicamente marginalizados, fazendo com que os homens brancos sentissem que todos estavam sendo beneficiados, menos eles (Brown, 2019). Na internet a situação também era complexa, possuindo uma hegemonia de um ultrapuritanismo de uma esquerda liberal, que em muitos casos faziam as pessoas se sentirem amedrontadas de exporem suas opiniões de forma “pública” na internet. Esses dois pontos foram essenciais para moldar todo o ódio às minorias e a anarquia presente nos discursos e ações da *Alt-Right* nos últimos anos.

Todavia, por mais que muitos dos seus comportamentos na internet aparente demonstrar o oposto, a *Alt-Right* não é apenas um movimento nacionalista branco formado por *Trolls* de internet que estão tentando concomitantemente perseguir e ofender o maior número de pessoas possível. Na verdade, suas bases ideológicas em muitos casos se baseiam em autores e intelectuais diversos que em alguns casos vinham muito antes da existência da internet sequer ser cogitadas e que deliberavam sobre os mais diversos temas. Sua demasiada importância com a suposta decadência do Ocidente, já era defendida por Oswald Spengler no começo do século 20; suas tentativas de mudar a forma como a cultura estadunidense pensava, já aparecia na *Nouvelle Droite* nos anos 60; e seu libertarianismo econômico e antigualitarismo já apareciam respectivamente em Hans-Hermann Hoppe em 2001 e em Hayek em 1944.

A *Alt-Right* rapidamente percebeu que o *mainstream* midiático do período não era favorável aos seus ideais nacionalistas brancos e antissemitas, e precisou mascarar muitos deles na *Alt-Light*, uma espécie de versão mais “amigável” do movimento. É importante frisar, que sua face “amigável” não tinha o objetivo de reimaginar todo o núcleo ideológico do movimento, de modo a

torná-lo tolerante às regras democráticas, mas sim conceber um meio para que suas ideias pudessem ser levadas à maior quantidade possível de pessoas, ainda que isso significasse retirar de vista algumas de suas ideias mais características como seu nacionalismo branco e seu antissemitismo. E isso, pessoas como Milo Yiannopoulos fizeram com maestria, escondendo suas ideias sob uma retórica jovem, rebelde e caótica, que faziam com que seus adversários de debate soassem “chatos” e “antiquados”. Canais de notícias alternativas como o Breitbart News e o Infowars, ainda que em muitos casos apresentassem teorias da conspiração e ideais típicos dos conservadores, em grande parte, também escondiam os ideais da *Alt-Right*, neste caso em uma retórica mais próxima do jornalismo e dos programas de opinião. Fora justamente a *Alt-Right* a grande responsável por fazer a conexão entre a *Alt-Right* e o Trumpismo, fazendo o movimento enxergar no então candidato muitos de seus ideais, ainda que não da forma radical que eles gostariam.

Os movimentos de extrema-direita brasileiros, começam a surgir em maior escala, quando a *Alt-Right* já havia atingido seu ápice entre 2015-16, com a eleição de Trump, sendo entendido por muitos como a chegada do movimento à Casa Branca, principalmente a partir da figura de Steve Bannon. Portanto, mesmo que sejam relativamente contemporâneos, quando os movimentos de extrema-direita brasileiros começam a assumir papel de destaque com suas manifestações pró-impeachment e eventual impeachment de Dilma Rousseff, a *Alt-Right* já era uma força relativamente consolidada dentro do imaginário estadunidense.

O contexto de surgimento dos movimentos de extrema-direita brasileiros é, de certa maneira, parecido com o de sua contrapartida estadunidense. Eles surgem em um período de caos econômico e político em que as políticas neoliberais empobreceram um significativo segmento da população, enquanto outros segmentos não apenas se sentiam abandonados pelo Estado, acreditando que ele beneficiava todos menos eles e temiam a perda de sua supremacia social.

Diferentemente dos EUA, o Brasil tem em seu imaginário a ideia de igualdade de raças perante o estado - a famosa “democracia racial” - portanto,

não seria possível a culpabilização de minorias étnicas pela crise que o país passava. A culpabilização da crise passa a ter um caráter moral, sendo colocada diretamente na figura do Estado, no PT (o partido que assumia o executivo no período) e nos casos de “corrupção” do período. A ideia de “corrupção” foi fundamental para a criação do sentimento antipolítica das classes populares e da culpabilização do Estado por seu empobrecimento, evitando assim qualquer culpabilização das classes envolvidas nas políticas neoliberais do período. Esse sentimento antipolítica, que inicialmente identificava apenas o PT como inimigo, rapidamente se espalhou para a política como um todo e posteriormente passou a atacar diversas minorias políticas, como negros, a população LGBT e mulheres.

De forma semelhante à *Alt-Right*, os movimentos de extrema-direita brasileiros também possuem uma grande pluralidade ideológica dentro de si, contudo, há muito mais pontos em comum entre eles do que o mero ódio a inimigos em comum. Os três eixos principais destes movimentos são: o anticomunismo, o libertarianismo econômico e o fundamentalismo religioso. Todos os três são completamente intercambiáveis entre si, podendo ser invocados por esses movimentos sempre que a situação requerer, sendo os dois exemplos disso a teologia da prosperidade (libertarianismo econômico + fundamentalismo religioso) e o antipetismo (anticomunismo + libertarianismo econômico).

O antipetismo nos leva para uma diferença razoável nos movimentos de extrema-direita brasileiros, uma vez que o inimigo não possuía uma face, tom de pele ou nacionalidade específica (ao menos não oficialmente), mas se localizavam quase totalmente dentro do campo moral. O inimigo desses movimentos, portanto, não era estereótipo do negro, do latino ou do muçulmano, mas do “corrupto” e do “bandido”, sendo estes o oposto do “cidadão de bem”. Apesar dessa sutil diferença, o modo de combate ao inimigo ainda era o mesmo: a desumanização e o constante ataque a este.

A diferenciação entre Direita Militante (formada em grande parte por polemistas políticos) e Direita Teórica (formada por indivíduos ligados ao campo da filosofia) nos é bem útil, para entendermos os argumentos base utilizados



pelos vários grupos dentro dos movimentos de extrema-direita brasileiros. Sendo estes: a ideia de que a cultura brasileira não possui virtudes; a culpabilização das esquerdas por todos os males do país; a patologização da esquerda; a crença de que a esquerda está longe das ideias do povo; a aceitação da convergência entre neoliberalismo e conservadorismo moral; e por fim, o antipetismo. Todos esses argumentos irão aparecer em discursos de grupos do movimento, como o MBL, o partido NOVO, Olavistas, movimentos anticorrupção (como o Revoltados online) e Bolsonarismo (movimento brasileiro com mais vínculos com a *Alt-Right*).

E por fim, podemos analisar os dois principais elos de ligação entre os dois movimentos: a similaridade entre as táticas destes na internet e a relação entre Olavo de Carvalho, Steve Bannon e a família Bolsonaro.

Começemos pelo primeiro, ambos os movimentos apresentam táticas online semelhantes, que vão desde ataques coordenados a desafetos políticos; a utilização de memes, sátiras e um humor no debate público; até a mobilização de inimigos em comum. Claramente o grau de utilização entre os dois movimentos variou ao longo do tempo, com ambos os movimentos sendo mais incisivos e violentos durante as campanhas presidenciais de seus representantes.

As relações entre Olavo, Bannon e a família Bolsonaro, são um tanto mais complexas de se analisar, uma vez que muitas delas não foram completamente reveladas ao grande público até o presente momento. Já explicitamos as relações de Bannon e Olavo com a espiritualidade e a religião/filosofia Tradicionalista. Olavo e o clã-Bolsonaro (como é chamado pela grande imprensa), eram próximos fazia anos e segundo Teitelbaum (2020) era Eduardo Bolsonaro quem fazia a intermediação entre Olavo e Bannon. E é nas relações entre Bannon e os Bolsonaro em que as análises se tornam mais complicadas, mesmo tendo declarado apoio ao então candidato em 2018<sup>83</sup>, colocando Eduardo Bolsonaro como representante da América Latina no grupo de extrema-

---

<sup>83</sup> <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2018/10/26/steve-bannon-declara-apoio-a-bolsonaro-mas-nega-vinculo-com-campanha-ele-e-brilhante.htm?>

direita *The Movement*<sup>84</sup> e prevendo que Eduardo poderia vir ser presidente um dia<sup>85</sup>, não é possível afirmar se sua relação se trata de fato de um apoio ideológico ou de um pragmatismo político em relação à aliados.

Podemos finalmente voltar à problemática inicial de nossa primeira consideração: o aparente caráter paradoxal de nossa hipótese possuir evidências o suficiente para considerar que houve, de fato, uma influência da *Alt-Right* sobre os movimentos de extrema-direita brasileiro, mas soar improvável, por se tratar de um movimento abertamente nacionalista branco influenciar movimentos de um país cujos alicerces culturais estão em grande partes presos na ideia de uma “democracia racial”. Todavia, o aparente caráter paradoxal de nossa hipótese se desfaz, quando analisamos os comportamentos, ideais e táticas de cada um desses grupos.

Além do fato de que a *Alt-Right* iniciou-se primeiro, e os movimentos de extrema-direita brasileiros, coincidentemente (ou não), terem posteriormente passado a replicar muitos de seus comportamentos, principalmente no que tange à utilização de memes no debate público e ataques a desafetos políticos. Os discursos de ambos os movimentos, diferem em forma mas não em conteúdo, ambos possuem explicações morais e de culpabilização de outros pela situação econômica causada tanto pela crise de 2008 quanto pelas constantes políticas neoliberais.

A *Alt-Right* foi pioneira nisso, ao culpabilizar, memeficar e desumanizar minorias étnicas e políticas nos Estados Unidos. Mesmo que incidentes como o de Charlottesville - em que membros da *Alt-Right*, andavam calmamente com bandeiras com uma suástica - possam servir de exemplo da desumanização levada ao mundo offline, a desumanização das minorias começou de forma online, seja através das comparações de Milo em relação à atriz Leslie Jones e a um gorila, dos ataques coordenados à desavenças políticas, da utilização em massa de Fake News objetivando ridicularizar a campanha de Hillary Clinton, ou mesmo a partir da criação de memes que zombavam de feministas e minorias.

---

<sup>84</sup> <https://www.infomoney.com.br/politica/eduardo-bolsonaro-sera-lider-de-grupo-de-apoio-populista-no-brasil/>

<sup>85</sup> <https://www.poder360.com.br/poder-gente/steve-bannon-diz-que-eduardo-sera-presidente-do-brasil-no-futuro/>

Outro fato importante a se considerar se dá na utilização da própria ambiguidade de seu “humor” e de “discursos de ódio”, fazendo com que seus membros pudessem com frequência atacar diversos inimigos e, quando rechaçados, acusarem as vítimas de não terem senso de humor. Portanto, seu apoio, mesmo que pragmático, a Donald Trump (um candidato que possuía muitos desses comportamentos) não foi algo banal, mas uma identificação ao menos parcial com ele.

Os movimentos de extrema-direita brasileiros assumiram muitas de suas técnicas, ainda que o processo tenha se dado ao inverso, tendo começado nas ruas com as Jornadas de 2013 e tendo se tornado online paulatinamente chegando em seu ápice nas eleições de 2018 em favor de Bolsonaro. Todavia, mesmo com essa diferença de direção, as táticas na internet ainda se mantiveram, com a memeficação, satirização e desumanização de inimigos políticos, utilização de *Fake News* e ataques em redes sociais motivados por desavenças políticas. É importante ressaltar que muitos desses movimentos não repetiam seus ataques no vácuo, eles eram em muitos casos acompanhados pela cobertura midiática em relação aos casos de corrupção, principalmente os que envolviam a Lava-Jato e o PT.

Portanto, podemos afirmar que o aparente caráter paradoxal de nossa hipótese, é ilusório. Ao compararmos os discursos de ambos os movimentos, é possível notar que o racismo e o nacionalismo branco da *Alt-Right* assumem papéis semelhantes aos seus outros ideais e táticas: o de culpabilizar e desumanizar seus oponentes políticos. Isto, contudo, não significa dizer que o nacionalismo branco não é um fator de diferenciação importante entre os movimentos, mas sim de que sua existência não necessariamente significa a incompatibilidade entre os dois.

Para concluir, considerando as análises e evidências levantadas ao longo do presente trabalho podemos afirmar que, de fato, houve uma influência da *Alt-Right* nos movimentos de extrema-direita brasileiros do mesmo período. Todavia, essa influência se deu de várias maneiras diferentes e não foi uniforme em todos os movimentos aqui tratados. Segundo Prado (2021), a partir de 2014, a *Alt-Right* foi o principal movimento radical copiado pelos influenciadores de direita

do país, principalmente aqueles ligados à Olavo de Carvalho, o que mais tarde ajudaria a criar e alimentar o Bolsonarismo. Dentre todos os movimentos brasileiros aqui tratados, o Bolsonarismo foi o mais influenciado.

“Se desde 2014 o nome de Jair Bolsonaro para comandar essa “revolta populista” era ventilado, foi *alt-right* a partir de 2016, como modelo de fazer política dentro da bolha da direita, que a imposição de seu nome iria se intensificar. guerra cultural, teorias conspiratórias, *Fake News*, assédio virtual e todos os métodos da *alt-right* inundariam as redes, e das redes chegariam ao âmbito físico com a vitória do populista autoritário de extrema-direita. (Prado, 2021, p.230”

Para além das táticas online, o Bolsonarismo também teve muitas outras influências da *Alt-Right* principalmente em sua retórica de desumanização de adversários políticos, colocando-os muitas vezes no papel do inimigo a ser combatido e atacado, utilização de teorias da conspiração como o “globalismo”, rejeição ao establishment político e do nacionalismo e do ressentimento contra as classes políticas como forma de mobilização.

Por fim, podemos considerar, que mesmo o Bolsonarismo sendo o mais influenciado, todos os movimentos de extrema-direita tratados previamente aqui - principalmente aqueles com maiores ligações com Olavo de Carvalho - tiveram algum tipo de influência por parte da *Alt-Right*, ainda que esta não tenha sido completamente uniforme.

## 7. Referências Bibliográficas

ABAL, Felipe Cittolin. Os pensadores da direita radical: de Oswald Spangler a Daniel Friberg. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 25, n. 1, p. 168-171, jan./abr. 2021. DOI: 10.413/hist.2021.251.14. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=579865865014>. Acesso em: 18 out. 2025.

ALEXANDER, Jeffrey C. Vociferando contra o Iluminismo: a ideologia de Steve Bannon. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 1009-1023, set./

dez. 2018. DOI: 10.1590/2238-3875201818310.

AVRITZER, Leonardo. O Pêndulo da Democracia no Brasil: uma análise da crise 2013-2018. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 111, p. 273-289, maio/ago. 2018.

BARBOSA, Gabriel Rodrigues. *"Hail Trump! Hail our people! Hail Victory!" : a Alt-Right e o neofascismo nos Estados Unidos do século XXI*. 2022. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

BARROSO, Luís Roberto. Liberdade de expressão, imprensa e mídias sociais: jurisprudência, direito comparado e novos desafios. **Revista Jurídica da Presidência**, Brasília, v. 25, n. [s.n.], p. [s.n.], [s.d.].

BELFI, Lucca Giannini Palermo Moreno. **O anti-globalismo na política externa brasileira: Ernesto Araújo e o populismo de extrema-direita (2019-2021)**. 2023. 201 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

BELO, Fernando Souza. **A produtora Brasil Paralelo e o consumo de militância política no capitalismo digital**. 2023. 111 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo) - Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2023.

BENOIST, Alain de; CHAMPETIER, Charles. **Manifesto for a European Renaissance**. London: Arktos Media Ltd., 2012.

BORGES, André. As duas faces da nova direita brasileira: antipolítica e reação conservadora. **Opinião Pública: Revista do CESOP**, Campinas, v. 30, n. 1, p. 1-28, jan./abr. 2024. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/1807-019120243018>. Acesso em: 18 out. 2025.

BORGES, André; VIDIGAL, Robert. Introdução: Para Entender a Nova Direita Brasileira. [S.l.]: ResearchGate, 31 jul. 2023. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/372780820>. Acesso em: 18 out. 2025.

BRANDÃO, Nágela Aparecida; DIAS, Edmundo Fernandes. A questão da ideologia em Antonio Gramsci. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 81-98, jul./dez. 2007.

BRITO, Karina Oliveira; RODRIGUES JÚNIOR, Osvaldo. A cruzada “alternativa” da Brasil Paralelo: a história como instrumento da guerra cultural. **Sæculum – Revista de História** , [João Pessoa], v. 26, n. 45, p. 231-246, 2021. DOI: 10.22478/ufpb.2317-6725.2021v26n45.60386. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22478/ufpb.2317-6725.2021v26n45.60386> .

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo** : a ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Politeia, 2019.

BURITY, Joanildo. Um momento populista na religião? **Ciencias Sociales y Religión / Ciências Sociais e Religião** , Campinas, v. 25, e023003, jan./mar. 2023. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=717977309003> . Acesso em: 18 out. 2025.

CALDEIRA NETO, Odilon. FRENTE NACIONALISTA, NEOFASCISMO E "NOVAS DIREITAS" NO BRASIL. **Faces de Clio: Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História-UFJF** , Juiz de Fora, v. 2, n. 4, p. 24-37, jul./dez. 2016.

CALIL, Gilberto. Embates e disputas em torno das Jornadas de Junho. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História** , São Paulo, n. 47, p. 377-403, ago. 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/17155> . Acesso em: 18 out. 2025.

CAMARNEIRO, Fabio. O Jardim e a Matrix: Uma análise da dupla persona de Olavo de Carvalho. **Revista Eco-Pós** , Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 386–409, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.29146/ecopos.v24i2.27705> . Acesso em: 18 out. 2025.

CAPRIOLI, Efraim Antonio; NIEDDERMEYER, Henrique Lacerda. Democracia e Liberdade em Dahl: os princípios democráticos e os modelos do ideal de democracia. **Revista Gestão & Políticas Públicas (RGPP)** , [S.I.], v. 13, n. 1, p. 119-138, jan./jun. 2023. Disponível em: <https://www.revistargpp.net/rgpp/article/view/977> .

CARVALHO, Olavo de. **A Nova Era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci** . Rio de Janeiro: Instituto de Artes Liberais; Stella Caymmi Editora, 1994.

CARVALHO, Olavo de. **O imbecil coletivo: atualidades inculturais brasileiras** . Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade Editora, 1999.

CASALECCHI, Gabriel Avila; COELHO, Victor Alberto Bueno. Os eleitores evangélicos são mais conservadores e autoritários? **Argumentos** , Montes Claros, v. 21, n. 2, p. 73-91, jul./dez. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.46551/issn.2527-2551v21n2p.73-91> . Acesso em: 18 out. 2025.

CASARÕES, Guilherme. O movimento bolsonarista e a americanização da política brasileira: causas e consequências da extrema direita no poder. **Journal of Democracy em Português** , São Paulo, v. 11, n. 2, nov. 2022.

CHALOUB, Jorge; PERLATTO, Fernando. A nova direita brasileira: ideias, retórica e prática política. **Insight Inteligência** , [S.I.], p. 25, jan./mar. 2016.

CONTINS, Marcia. Religião, Etnicidade e Globalização: uma comparação entre grupos religiosos nos contextos brasileiro e norte-americano. **Revista de Antropologia** , São Paulo, v. 51, n. 1, p. 67-106, jan./jun. 2008. Acesso em: 18 out. 2025.

COSTA, Gilmaísa Macedo da. Lukács e a ideologia como categoria ontológica da vida social. **Revista Urutágua** , Maringá, n. 9, p. 1-13, abr./jul. 2006. ISSN 1519-6178. Disponível em: [www.urutagua.uem.br/009/09costa.htm](http://www.urutagua.uem.br/009/09costa.htm). Acesso em: [Data de acesso].

COUTO NETO, Geraldo Homero do. A "Nova Direita" no YouTube: conservadorismo e negacionismo histórico sobre a Ditadura Militar Brasileira. **Revista Ágora** , [S.l.], p. 83-103, [s.d.].

CRUZ, Sebastião Velasco e; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (org.). **Direita, volver!** : o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

DAHL, Robert A. **Poliarquia: Participação e Oposição** . Tradução de Celso Mauro Paciornick. São Paulo: Edusp, 1997.

DAHL, Robert A. **Sobre a democracia** . Tradução de Maria Emília Barboza, Rejane L. M. de Paiva. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

DAL BOSCO, Jacqueline Kneipp. **O uso de mídias táticas e hacktivismo pelo movimento contemporâneo alt-right** . 2018. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo** : ensaio sobre a sociedade neoliberal. [S.l.: s.n., s.d.].

DIAMANT, Jeff. **Faith on the Hill: The religious composition of the 119th Congress** . Washington, D.C: Pew Research Center, 2 jan. 2025. Disponível em: [www.pewresearch.org](http://www.pewresearch.org). Acesso em: 18 out. 2025.

DIAS, Edmundo Fernandes. Hegemonia: nova civilta ou domínio ideológico? **História e Perspectivas** , Uberlândia, n. 50, p. 89-146, jan./jun. 2014.

DIEGUEZ, Consuelo. **O ovo da serpente: nova direita e bolsonarismo: seus bastidores, personagens e a chegada ao poder** . São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

DUALIBI, Julia. A nova sinfonia paulistana: como a rádio Jovem Pan se reinventou ao dar voz para o sentimento antipetista em São Paulo. **Piauí** , Rio de Janeiro/São Paulo, n. 106, p. 16-25, jul. 2015.

DUARTE, Jéssica Da Silva. **O avanço do conservadorismo no Brasil e nos Estados Unidos no século XXI** . 2021. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

DUARTE, Kamilla Alves. Dominação burguesa entre o velho e o novo: a ascensão da extrema-direita no Brasil. **Serviço Social & Sociedade** , São Paulo, v. 146, n. 3, e-6628330, 2023. Disponível em: [endereço URL]. Acesso em: [Data de acesso].

FERNANDES, Dmitri Cerboncini; VIEIRA, Allana Meirelles. A direita mora do mesmo lado da cidade: especialistas, polemistas e jornalistas. [s.n.] , [S.l.], [s.n.], [2019].

FERNANDES, Rômulo Magalhães; AZEVEDO, Anna Carolina de Oliveira. Liberdade de Expressão e o Discurso de Ódio: Notas sobre a Jurisprudência Constitucional dos EUA, da Alemanha e do Brasil. **Revista Eletrônica de Direito do Centro Universitário Newton Paiva** , Belo Horizonte, n. 32, p. 148-161, maio/ago. 2017. Disponível em: <http://blog.newtonpaiva.br/direito/wp-content/uploads/2017/10/N.32-10.pdf> . Acesso em: [Data de Acesso].

FERRARETTO, Luiz Artur et al. O jeito Jovem Pan de (não) fazer jornalismo: os atos antidemocráticos de 8 de janeiro de 2023. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 32., 2023, São Paulo. **Anais ....** São Paulo: Compós, 2023.

FERREIRA, Andréa Bianca Gonçalves. **"TCHAU, QUERIDA!"** : A articulação do impeachment de Dilma Rousseff pelo Movimento Brasil Livre no Facebook. 2023. 186 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

FERREIRA, Isabelle Azevedo. MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL): dinâmicas e repertório de ação coletiva na disputa por hegemonia. In: CONGRESO ALAS, 31., 2017, Montevideo. **Las encrucijadas abiertas de América Latina: La sociología en tiempos de cambio** . Montevideo: Asociación Latinoamericana de Sociología, 2017.

FROSINI, Fabio. Ideologia em Marx e em Gramsci. **Educação e Filosofia** , Uberlândia, v. 28, n. 56, p. 559-582, jul./dez. 2014. ISSN 0102-6801.

GONÇALVES, Williams; TEIXEIRA, Tatiana. Considerações sobre a política externa brasileira no governo Bolsonaro e as relações Brasil-EUA. **Sul Global** , [Rio de Janeiro], v. 1, n. 1, p. 192-211, 2020.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere** . Volume 1: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Tradução e Introdução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel, a Política e o Estado Moderno** . 7. ed. Tradução de Luiz Mário Gazzaneo. [S.l.]: Civilização Brasileira, [198-?]. (Coleção Perspectivas do Homem, v. 35. Série Política).

GUIMARÃES, Gabriel. Variações à direita: Steven Bannon, Alexander Dugin e Olavo De Carvalho. **Sociedade e Estado** , Brasília, v. 37, n. 1, p. 371- (Inferred start page), jan./abr. 2022. DOI: 10.1590/s0102-6992-202237010016.

HARVEY, David. **O neoliberalismo: história e implicações** . Tradução de Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HARTZELL, Stephanie L. Alt-White: Conceptualizing the "Alt-Right" as a Rhetorical Bridge between White Nationalism and Mainstream Public Discourse. **Journal of Contemporary Rhetoric** , [S.l.], v. 8, n. 1/2, p. 6-25, 2018.



HAWLEY, George. **Making Sense of the Alt-Right** . New York: Columbia University Press, 2017.

HAWLEY, George. **The Alt-Right: What Everyone Needs to Know** . New York: Oxford University Press, 2019.

**HAYEK, Friedrich A. O caminho da servidão.** Tradução de Anna Maria Capovilla, José Ítalo Stelle e Liane de Moraes Ribeiro. 6. ed. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010

HOPPE, Hans-Hermann. **Democracy: The God That Failed: The Economics and Politics of Monarchy, Democracy, and Natural Order** . New Brunswick (U.S.A.); London (U.K.): Transaction Publishers, 2001.

HOPPE, Hans-Hermann. **Democracy: The God That Failed: The Economics and Politics of Monarchy, Democracy, and Natural Order** . New Brunswick: Transaction Publishers, 2001.

KAFFASHI, Ana Flávia Cripriano Cardoso. Discurso de ódio como limite à liberdade de expressão: comparativo entre Brasil e Estados Unidos. **Revista Zeiki - Revista Interdisciplinar da Unemat Barra do Bugres** , [S.I.], 2022.

LIMA, João Victor da Mota Uzer. Tradição e conspiração: a Alt-Right e o pensamento conspiratório em defesa da nação nos Estados Unidos. **Conjuntura Global** , [Curitiba], jun. 2022. DOI: 10.5380/cg.v%vi%i.83642.

LIMA-SANTOS, André Villela de Souza. Incels e Misoginia On-line em Tempos de Cultura Digital. **Estudos e Pesquisas em Psicologia** , Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 1081-1102, 2022. DOI: 10.12957/epp.2022.69802.

LUCENA, Carlos Alberto. **Novo nazifascismo** . 2023. Relatório Pós-Doutoral - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2023.

LUCINI, Andreia Cristina Guimarães Cantuária; KONAGESKI, Lorenzo dos Santos. A influência dos bots na ascensão da extrema direita no Brasil, durante e após 2018. **Revista Sítio Novo** , Palmas, v. 5, n. 4, p. 20-20, out./dez. 2021.

LYONS, Matthew N. **CTRL-ALT-DELETE: The origins and ideology of the Alternative Right** . [S.I.]: Political Research Associates, 2017. Disponível em: WWW.POLITICALRESEARCH.ORG. Acesso em: 18 out. 2025.

MACHADO, Jorge; MISKOLCI, Richard. Das Jornadas de Junho à Cruzada Moral: o papel das redes sociais na polarização política brasileira. **Sociologia & Antropologia** , Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 945-970, set./dez. 2019.

MACHADO, Luana Barbosa. **Nacionalismo, não-violência e os novos atores engajados na política contenciosa brasileira: o caso do Movimento Brasil Livre (MBL)** . 2017. 98 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

MAGALHÃES, David; CALDEIRA NETO, Odilon. As vias de transnacionalização da ultradireita brasileira. **CEBRI-Revista: Brazilian Journal of International Affairs** , Rio de Janeiro, ano 3, n. 11, p. 101-117, jul./set. 2024. Disponível em: <https://cebri-revista.emnuvens.com.br/revista/article/view/231> . Acesso em: 18 out. 2025.

MAIN, Thomas J. **The rise of the Alt-Right: the Alt-Right's challenge to democratic liberalism** . Washington, D.C.: Brookings Institution Press, 2018.

MARIANTE NETO, Flávio Py et al. Os brasileiros: o personagem bolsonarista e o processo descivilizador. **Revista Stricto Sensu** , Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 20-33, jul./dez. 2021. DOI: 10.24222/2525-3395.2021v6n2p020.

MARIUTTI, Eduardo Barros. **Olavo de Carvalho e a onda conservadora contemporânea** . Campinas: Unicamp, Instituto de Economia, 2020. (Texto para discussão, n. 380).

MATEO, Luiza Rodrigues. **Deus abençoe a América: religião, política e relações internacionais dos Estados Unidos** . 2011. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Programa San Tiago Dantas de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São Paulo, 2011.

MATTOS, Renan Alfenas de. **A mobilização política através de vídeos do YouTube e Facebook: uma análise do Movimento Brasil Livre** . 2019. 106 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

MESSENBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Revista Sociedade e Estado** , [S.l.], v. 32, n. 3, p. 621-[s.n.], set./dez. 2017.

MIGUEL, Luis Felipe. O mito da "ideologia de gênero" no discurso da extrema direita brasileira. **Cadernos Pagu** , Campinas, n. 62, e216216, 2021.

NAGLE, Angela. **Kill All Normies: online culture wars from 4chan and tumblr to trump and the alt-right** . [S.l.]: Zero Books, [s.d.].

NEGRI, Fernanda De; MACHADO, Weverthon; CAVALCANTE, Eric Jardim. **Crescimento dos estabelecimentos evangélicos no Brasil nas últimas décadas** . Brasília: Ipea, Diretoria de Estudos e Políticas Setoriais, de Inovação, Regulação e Infraestrutura (Diset), 2023. (Nota Técnica, n. 123).

NEIWERT, David. **Alt-America: the rise of the radical right in the age of Trump** . New York: Verso Books, 2017.

NETO, Odilon Caldeira. Frente Nacionalista, neofascismo e "novas direitas" no Brasil. **FACES DE CLIO: Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História-UFJF** , Juiz de Fora, v. 2, n. 4, p. 28-36, jul./dez. 2016. ISSN 2359-4489.

OLIVEIRA, Diego Batista Rodrigues de; MACHADO, Eliel Ribeiro. Vem pra Rua e MBL no contexto do golpe parlamentar no Brasil. **Lutas Sociais** , São Paulo, v. 23, n. 42, p. 25-45, jan.-jun. 2019. Disponível em: [endereço URL]. Acesso em: [Data de acesso].

OLIVEIRA, Gilmar Vicente de. O GLOBO GIRANDO PARA A DIREITA: o MBL (Movimento Brasil Livre) e as manifestações de protesto de 2015-2016 no Brasil. In: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGÍA, 31., 2017, Montevideo. **Actas** ... Montevideo: Asociación Latinoamericana de Sociología, 2017. Disponível em: [endereço URL]. Acesso em: [Data de acesso].

OLIVEIRA, Pedro Carvalho. Dos Protocolos dos Sábios de Sião ao Q-Anon: a renovação do discurso conspiracionista na extrema-direita contemporânea. **Intellèctus** , Rio de Janeiro, ano 21, n. 1, p. 133-155, jan./jun. 2022.

ORTIZ, Renato. Notas sobre Gramsci e as ciências sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** , São Paulo, v. 21, n. 62, p. 95-103, out. 2006.

PALASSI FILHO, Arlindo. Teoria contemporânea da democracia: as visões de Schumpeter e Dahl. **Em Tese** , Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 127-141, dez. 2016. DOI: 10.5007/1806-5023.2016v13n2p127.

PENA, Lara Pontes Juvêncio. “Globalismo”: o discurso em política internacional sob a ideologia da nova extrema direita brasileira. **Fronteira: Revista De Iniciação Científica Em Relações Internacionais** , São Paulo, v. 18, n. 36, p. 371-386, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/fronteira/article/view/19677/15244> . Acesso em: 18 out. 2025.

PERRUSI, Artur. Sobre a noção de ideologia em Gramsci: análise e contraponto. **Estudos de Sociologia** , Recife, v. 2, n. 21, p. 415-442, 2015.

PEW RESEARCH CENTER. **Decline of Christianity in the U.S. Has Slowed, May Have Leveled Off** . Washington, D.C: Pew Research Center, 26 fev. 2025. Disponível em: [www.pewresearch.org](http://www.pewresearch.org). Acesso em: 18 out. 2025.

PICOLI, Bruno Antonio; CHITOLINA, Vanessa; GUIMARÃES, Roberta. Revisionismo Histórico e Educação para a Barbárie: A Verdade da "Brasil Paralelo". **Revista UFG** , Goiânia, v. 20, e64896, 2020. DOI: 10.5216/REVUFG.V20.64896.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; FREIXO, Adriano de (org.). **Brasil em transe: Bolsonarismo, Nova Direita e Desdemocratização** . Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.

PORTELLI, Hugues. **Gramsci e o bloco histórico** . Tradução de Marco Aurélio Nogueira. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

PRADO, Michele. **Tempestade ideológica: bolsonarismo: a Alt-Right e o populismo iliberal no Brasil** . [S.l.]: Koitora Lux, [s.d.].

PROCÓPIO, Victor Fontolan. **Do verde ao verde e amarelo: o que os intelectuais integralistas podem ensinar sobre os intelectuais da Nova Direita** . 2023. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso - Bacharelado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023.

RAMOS, Jair de Souza. Frouxonauro e cornoservadores: metáforas de virilidade masculina no ativismo digital da extrema direita brasileira. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana** , Rio de Janeiro, n. 39, e22309, 2023. DOI: 10.1590/1984-6487.sess.2023.39.e22309.a.pt.

[Referência incompleta/continuação de anterior]. **[s.n.]** , [S.l.: s.n., s.d.].

RIBEIRO, Guilherme. A metapolítica do bolsonarismo: considerações sobre o modus operandi da extrema-direita brasileira. **Revista Continentes** , Seropédica, v. 1, n. 20, p. 71-99, out. 2022. Disponível em:

<https://www.revistacontinentes.com.br/index.php/continentes/article/view/404> . Acesso em: 18 out. 2025.

RIBEIRO, Marcos Abraão. O papel dos Estados Unidos na crise brasileira contemporânea: Jessé Souza e o conceito de imperialismo informal [Resenha]. **Contemporânea** , [S.l.], v. 10, n. 3, p. 1489-1499, set.-dez. 2020. DOI: 10.31560/2316-1329.v10n3.25. Disponível em: <https://doi.org/10.31560/2316-1329.v10n3.25> . Acesso em: 18 out. 2025.

ROCHA, Camila. **The New Brazilian Right and the Public Sphere** . São Paulo: The Maria Sibylla Merian International Centre for Advanced Studies in the Humanities and Social Sciences Conviviality-Inequality in Latin America, 2021. (Mecila Working Paper Series, No. 32).

ROCHA, Camila; ALVES JUNIOR, Alexandre Guilherme da Cruz. Editorial: The present and future of the religious past in the United States. **Horizonte** , Belo Horizonte, v. 22, n. 69, e226902, set./dez. 2024. DOI: 10.5752/P.2175-5841.2024v22n69e226902. Disponível em: <https://www.revistahorizonte.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/226902> . Acesso em: 18 out. 2025.

ROCHA, Camila; SOLANO, Esther. **Bolsonarismo em crise?** . [S.l.]: Friedrich Ebert Stiftung, jun. 2020. (ANÁLISE DEMOCRACIA E DIREITOS HUMANOS).

SALAROLI, Irisleid de Laia Souza. **A interferência das Fake News na política e seu enfrentamento: um estudo de caso da Jovem Pan nas eleições presidenciais de 2022** . 2024. 117 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Vila Velha, Vila Velha, 2024.

SALGADO, Julia; JORGE, Marianna Ferreira. Paralelismos em disputa: O papel da Brasil Paralelo na atual guerra cultural. **ECO-Pós** , Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 726-738, maio/ago. 2021.

SANTANA, Elis Saraiva; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. A memória da ditadura militar em disputa em vídeos e comentários no YouTube. **Revista Maracanan** , Rio de Janeiro, n. 28, p. 304-328, set./dez. 2021.

SANTOS, Mayara Aparecida Machado Balestro dos. **Agenda Conservadora, Ultraliberalismo e "Guerra Cultural": "Brasil Paralelo" e a Hegemonia das Direitas no Brasil Contemporâneo (2016-2020)** . 2021. 147 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2021.

SANTOS, Vitor. **A Nova Direita e a Ditadura Militar no Brasil: Um estudo a partir da produtora Brasil Paralelo (2016-2022)** . 2024. 131 p. Dissertação (Mestrado em História Global) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024.

SARMENTO, Daniel. A liberdade de expressão e o problema do "hate speech". In: SARMENTO, Daniel. **Livres e iguais: estudos de Direito Constitucional** . Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006. p. 207-262.

SAWAIA, Bader; ALBUQUERQUE, Renan; BUSARELLO, Flávia (org.). **Afeto e autoritarismo: expressões psicossociais da política brasileira** . 1. ed. Taubaté, SP: Letra Selvagem; Manaus, AM: EDUA, 2023.

SEDGWICK, Mark J. (ed.). **Key Thinkers of the Radical Right: Behind the New Threat to Liberal Democracy** . New York: Oxford University Press, 2019.

SEDGWICK, Mark. Traditionalism in Brazil: Sufism, Ta'i Chi, and Olavo de Carvalho. **Aries: Journal for the Study of Western Esotericism** , Leiden, v. 21, n. 1, p. 159-184, 2021.

SEVERO, Rogério P. Os Tradicionalistas vão ao paraíso. **Estado da Arte** , São Paulo, 2 jun. 2022. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/filosofia/guerra-eternidade-teitelbaum-rogerio-severo/> . Acesso em: 18 out. 2025.

SILVA, Ivan Dias da; ANDRADE, Roney de Seixas. Religião e Política nos Estados Unidos: A Nova Direita Cristã e as Críticas dos Novos Ateístas. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO (SOTER), 25., 2012, Belo Horizonte. **Anais ....** Belo Horizonte: SOTER, 2012.

SILVA, Juliana Lencina da. **Violência política contra mulheres: caso Joice Hasselmann e o bolsonarismo através da misoginia nas redes** . 2021. 108 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

SINGER, André. A (falta de) base política para o ensaio desenvolvimentista. In: **[s.n.]** . [S.l.: s.n., s.d.].

SOARES, Evanway Sellberg. A construção da pauta protestante na política brasileira: paralelos entre os Estados Unidos da América e Brasil. **Plura, Revista de Estudos de Religião** , [S. l.], 2023. DOI: 10.29327/256659.14.2-7. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/view/2220> . Acesso em: 18 out. 2025.

SOLANO GALLEGÓ, Esther; ORTELLADO, Pablo; MORETTO, Márcio. Guerras culturais e populismo antipetista nas manifestações por apoio à Operação Lava Jato e contra a reforma da previdência. **[s.n.]** , [S.l.], p. 35-45, [s.d.].

SOLANO GALLEGÓ, Esther (Org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil** . São Paulo: Boitempo, 2018.

SOLANO, Esther. **Crise da Democracia e extremismos de direita** . São Paulo: Friedrich-Ebert-Stiftung (FES) Brasil, 2018. (Análise FES, n. 42). Acesso em: 18 out. 2025.

SOUZA, Éder Cristiano de; SILVEIRA, Amanda Santos. A história da ditadura militar em um Brasil Paralelo. **História & Ensino** , Londrina, v. 30, n. Especial, p. 103-126, 2024. DOI: 10.5433/2238-3018.2024v30nespecialp103-126. Acesso em: 18 out. 2025.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro** . Edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

SOUZA, Jessé. **A guerra contra o Brasil: como os EUA se uniram a uma organização criminosa para destruir o sonho brasileiro** . Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2020.

SPENCER, Richard B. (ed.). **The Great Erasure: The Reconstruction of White Identity** . Whitefish, MT: Washington Summit Publishers, 2012.

SPYER, Juliano. **Povo de Deus: Quem são os evangélicos e por que eles importam** . 1. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2020. Recurso eletrônico.

TEITELBAUM, Benjamin R. **Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista** . Tradução de Cynthia Costa. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

THUMMA, Scott L. A Portrait of the 2020 Faith Communities Today Study. **Theology Today** , v. 78, n. 3, p. 212–224, 2021. DOI: 10.1177/00405736211030233.

VALENCIA-GARCÍA, Louie Dean (ed.). **Far-Right Revisionism and the End of History: Alt/Histories** . New York: Routledge, 2020.

VALENCIA-GARCÍA, Louie Dean. Far-Right Revisionism and the End of History. In: VALENCIA-GARCÍA, Louie Dean (ed.). **Far-Right Revisionism and the End of History: Alt/Histories** . New York: Routledge, 2020. p. 3-26.

VALLE, Vinicius Saragiotto Magalhães do; SOLANO, Esther. Evangélicos nas eleições nacionais de 2022: um público em disputa. **Revista Espirales** , [S. l.], v. 9, e-location: e22828869111, 2025. DOI: 10.29327/2282886.9.1-11. Acesso em: 18 out. 2025.

VASCONCELOS, Cláudio Beserra de. O revisionismo sobre a ditadura: uma historiografia liberal. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais** , Rio Grande, v. 16, n. 33, p. 412–454, jul./dez. 2024. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/18116> . Acesso em: 18 out. 2025.

VASCONCELOS, Francisco Thiago Rocha. A dissidência tradicionalista: a reinvenção da extrema direita brasileira como aliança "vermelho-marrom". **Almanaque de Ciência Política** , Vitória, v. 7, n. 2, p. 1-29, 2023.

WARING, Alan (ed.). **The New Authoritarianism: Vol. 1: A Risk Analysis of the US Alt-Right Phenomenon** . Stuttgart, Germany: ibidem-Verlag, 2018.

WEBER, Max. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo** . Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. Edição coordenada e aparato crítico de Antonio Flávio Pierucci. [S.l.]: Editora Schwarcz, 2007.

WENDLING, Mike. **Alt-Right: From 4chan to the White House** . London: Pluto Press, 2018.

XAVIER, Érico Tadeu. A participação evangélica na política brasileira: uma breve reflexão. **Monumenta - Revista Científica Multidisciplinar** , [S. l.], v. 6, n. 6, p. 1–10, 2023. DOI: 10.57077/monumenta.v6i1.157. Disponível em: <https://revistaunibf.emnuvens.com.br/monumenta/article/view/157> . Acesso em: 18 out. 2025.